

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**MARTÍN ERNESTO RUSSO**

**A voz do narrador de futebol na construção das seleções nacionais como  
mercadorias não corpóreas no Brasil e na Argentina**

**VERSÃO CORRIGIDA**

**São Paulo  
2023**

## ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

### Termo de Anuência do (a) orientador (a)

**Nome do (a) aluno (a): Martín Ernesto Russo**

**Data da defesa: 17 / 04 / 2023**

**Nome do Prof. (a) orientador (a): Adrián Pablo Fanjul**

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento ao Sistema Janus e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 08 / 05 / 2023



---

*(Assinatura do (a) orientador (a))*

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

**MARTÍN ERNESTO RUSSO**

**A voz do narrador de futebol na construção das seleções nacionais como  
mercadorias não corpóreas no Brasil e na Argentina**

**Versão corrigida**

Tese apresentada para o Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Área de concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

**São Paulo  
2022**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudos e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

R958v Russo, Martín  
A voz do narrador de futebol na construção das seleções nacionais como mercadorias não corpóreas no Brasil e na Argentina / Martín Russo; orientador Adrián Fanjul - São Paulo, 2022.  
166 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.  
Departamento de Letras Modernas. Área de concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana.

1. Análise do Discurso. 2. Narração. 3. Futebol.  
I. Fanjul, Adrián, orient. II. Título.

Nome: RUSSO, Martín Ernesto

**Título: A voz do narrador de futebol na construção das seleções nacionais como mercadorias não corpóreas no Brasil e na Argentina**

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de concentração: Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana

Orientador: Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul

Aprovado em:

**Banca examinadora**

Prof. Dr. Mariano Jesús Dagatti

Instituição: Facultad de Filosofía y Letras – Universidad de Buenos Aires

Julgamento:

Profa. Dra. Luciana Salazar Salgado

Instituição: Instituto de Estudos Brasileiros – Universidade de São Paulo

Julgamento:

Prof. Dr. Flavio de Campos

Instituição: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Universidade de São Paulo

Julgamento:

A Anto e Afo, que me estimularam a vida toda a dizer aquilo que eu achasse que devia dizer, mas sempre sustentado por bons argumentos.

## **Agradecimentos**

Ao Prof. Dr. Adrián Pablo Fanjul pelo seu contínuo apoio, sua dedicação e sua generosa contribuição para eu conseguir esta realização acadêmica e pessoal que se traduz na elaboração desta tese.

À Prof. Dra. Luciana Salazar Salgado e ao Prof. Dr. Flavio de Campos pela leitura atenta e pelas valiosas contribuições dadas durante o exame de qualificação.

À CAPES pela bolsa outorgada.

Aos professores Mariano Dagatti e Pablo Alabarces pelo tempo, sugestões e apoio dados em Buenos Aires em tempos de pandemia.

A meus pais, Antonieta e Alfonso, a minha irmã María Eva, e a Ana María pelo estímulo, apoio e paciência durante todo este período.

A meus grandes amigos: Andrea, Claudia Beatriz, Claudia Cecilia, Enrique y Adrián, pelo incessante apoio, carinho, sugestões e encontros que tanto ajudaram a me inspirar e a me divertir.

A meus primos Leandro e Mauricio pela ajuda e presença constantes desde e em Buenos Aires.

Aos jornalistas, narradores e comentaristas Víctor Hugo Morales, Enrique Macaya Márquez, Ezequiel Fernández Moores, Milton Leite, Gustavo Kuffner e Federico Teijeiro pela inestimável e incomparável ajuda desinteressada para que esta tese contasse com dados, explicações e inspirações que de outra forma não teriam sido possíveis.

Ao pessoal do Círculo de Periodistas Deportivos da cidade de Buenos Aires, por abrir suas portas para nossa pesquisa, sobretudo por permitir-nos consultar material único que só pode ser achado em seu fantástico acervo.

A meu grande amigo, Prof. Dr. Pedro Jorge Lo Duca Vanconcellos pelas inestimáveis sugestões de leituras e pela ajuda durante o exame de qualificação.

A todos aqueles que de uma forma ou outra ofereceram ajuda, palavras de incentivo e que acompanharam todo este trajeto. Muito obrigado de coração!

A El Diego e a Lemmy, aliados e referências da vida toda na hora de procurar inspiração.



*“Tatatatá, que sea, que sea, que sea. Gol, gol, gol, gol, gol... Gol! Gol...! Gol... de Boca! Maradona! Diego Armando Maradona, el mejor jugador de fútbol del mundo! Tras una jugada inolvidable de Córdoba, que arrancó de izquierda a derecha. Puso el centro para Maradona. La paró con la punta del zapato izquierdo y cuando le salió Fillol la engancho, después pensó: ‘Que a la derecha, que a la izquierda, que dónde la ponga.’ Y Maradona eligió tocarla abajo, sobre el parante izquierdo del arco que da a la vieja Casa Amarilla. Y le doy tantos, y tantos datos porque pasarán muchos, y muchos años y los hinchas de Boca seguirán hablando de este gol de Diego, grande... Armando, más grande... Maradona.”*

(Víctor Hugo Morales, 10 de abril de 1981)

## RESUMO

**RUSSO, M. E. A voz do narrador de futebol na construção das seleções nacionais como mercadorias não corpóreas no Brasil e na Argentina. 2022.** Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2022.

Em função do objetivo central da pesquisa feita para esta tese, que é propor as equipes nacionais como mercadorias não corpóreas (BUCCI, 2005) compostas de atributos discursivos que vão surgindo, sendo atualizados, ampliados, reformulados, esquecidos, contestados etc. ao longo da história, sobretudo a partir de cada novo jogo dos times brasileiro e argentino, buscaremos apresentar marcas enunciativo-discursivas que surgiram da análise de enunciados produzidos durante as narrações televisivas de dois jogos de futebol, um da seleção brasileira: Brasil 1, Alemanha 7, correspondente a uma das semifinais da Copa do Mundo 2014; e o outro da seleção argentina: Chile 0, Argentina 0, que corresponde à final da Copa América Centenario de 2016. Entendemos que da produção enunciativa dos narradores e comentaristas que participam nas transmissões das diversas partidas dessas duas equipes não apenas aconteceria o surgimento, atualização e ampliação de tais atributos, como também parte desses enunciados, que entram em circulação, seriam consumidos através de sua reutilização em debates midiáticos, discussões entre torcedores, crônicas ou comentários escritos, entre outros. A indagação teve início na escolha das falas em que apareciam as denominações “Brasil”, “Argentina” e correferenciais, em função da produção de dois “lugares sociais autorizados a falar” (GUIMARÃES, 2005), duas vozes reconhecíveis: uma mais próxima de um narrador profissional e a outra mais equivalente à de um torcedor/hincha (RUSSO, 2013). Assim, com base na diferenciação dessas duas vozes, distinguimos quatro modulações levando em consideração regularidades discursivas, que são descritas ao longo da tese, e que denominamos: a) modulação informativa, b) modulação avaliativa/de almanaque, c) modulação de relato histórico e d) modulação torcedor midiático/hincha mediático. Em razão da importância que a temática histórica foi ganhando na pesquisa, e para dar conta desse aspecto na investigação, ao longo da tese apresentamos discussões

históricas sobre os conceitos de nação e identidade nacional partindo dos jogos iniciais de ambas as seleções de futebol em foco. Essas leituras ajudaram a estabelecer um ponto de partida próximo entre as duas equipes quanto ao momento histórico de seu surgimento, à construção identitária de cada seleção e os atributos com os quais eram identificadas pelo seu estilo de jogo, à sua relação de alteridade com outras seleções e às formas de difusão das notícias atreladas a seus desempenhos. Outro ponto teórico relevante foi o conceito de Elementos Constitutivos da Memória (POLLAK, 1992), pois nos levou a confirmar que todos os enunciados analisados da modulação de relato histórico se adequavam a esse recorte, além de ser a porta para propormos um conceito, a memória identitária, que nos permitiu sustentar de forma mais sólida nossa proposta de entender as seleções nacionais de futebol como mercadorias não corpóreas.

Palavras-chave: Discursividades sobre futebol no Brasil e na Argentina. Narração de futebol. Seleções nacionais de futebol. Mercadorias não corpóreas. Meios de comunicação.

## ABSTRACT

RUSSO, M. E. **The voice of football narrators in the construction of national teams as non-corporeal commodities in Brazil and Argentina.** 2022. Doctoral. (Thesis) — Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2022.

According to the main objective of the research carried out for this thesis, which is to propose national teams as non-corporeal commodities (BUCCI, 2005) composed of discourse attributes that are emerging, being updated, expanded, reformulated, forgotten, contested, etc. throughout history, especially from each new game of the Brazilian and Argentinian teams, we will present enunciative-discursive marks that emerged from the analysis of statements produced during the television narrations of two soccer games, one of the Brazilian team: Brazil 1, Germany 7, corresponding to one of the semi-final matches of the 2014 World Cup, and the other for the Argentine national team: Chile 0, Argentina 0, corresponding to the final match of the 2016 Copa América Centenario. We understand that, from the enunciative production of the narrators and commentators who participate in the transmissions of these two teams' different matches, not only would the emergence, updating and expansion of such attributes happen, but also part of these enunciations, which enter into circulation, would be consumed through their re-use in media debates, discussions between fans, chronicles or written comments, among others. The inquiry began with the choice of speeches in which the names “Brazil”, “Argentina” and co-references appeared, due to the production of two “social positions with authorization to speak” (GUIMARÃES, 2005), two recognizable voices: one closer to a professional narrator and the other more equivalent to that of a supporter/*hinch*a (RUSSO, 2013). Thus, based on the differentiation of these two voices, we distinguish four modulations taking into account discursive regularities that are described throughout the thesis, and which we call: a) informative modulation, b) evaluative/encyclopedic modulation, c) historical account modulation and d) media football fan/*hinch*a mediático. Due to the importance gained by the historical theme in the research, and to account for this aspect in the investigation, we present historical discussions on the concepts of nation and

national identity throughout the thesis, starting from the opening games of both football teams in focus. These readings helped to establish a close starting point between the two teams regarding the historical moment of their emergence, the identity construction of each team and the attributes with which they were identified by their game style, their relationship of otherness with other teams and the forms of dissemination of news linked to their performances. Another relevant theoretical point was the concept of Constitutive Elements of Memory (POLLAK, 1992), as it led us to confirm that all the analyzed statements of the historical account modulation were adequate to this cut, in addition of being the way to propose a concept, an identity memory, which allowed us to more solidly support our proposal to understand the national football teams as non-corporeal commodities.

Keywords: Discourses about soccer in Brazil and Argentina. Football narration. National football teams. Non-corporal commodities. Media.

## RESUMEN

RUSSO, M. E. **La voz del relator de fútbol en la construcción de las selecciones nacionales como mercancías no corpóreas en Brasil y en Argentina**. 2022. Tesis (Doctorado) — Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2022.

En función del objetivo central de la investigación realizada para esta tesis, que es proponer los equipos nacionales como mercancías no corpóreas (BUCCI, 2005) compuestas por atributos discursivos que van surgiendo, se van actualizando, ampliando, reformulando, olvidando, respondiendo, etc. a lo largo de la historia, sobre todo a partir de cada nuevo partido de los equipos brasileño y argentino, buscaremos presentar marcas enunciativo-discursivas que surgieron del análisis de enunciados producidos durante los relatos televisivos de dos juegos de fútbol, uno de la selección brasileña: Brasil 1, Alemania 7, correspondiente a una de las semifinales de la Copa del Mundo 2014; y el otro de la selección argentina: Chile 0, Argentina 0, que corresponde a la final de la Copa América Centenario de 2016. Entendemos que de la producción enunciativa de los relatores y comentaristas que participan en las transmisiones de los diversos partidos de estos dos equipos no solo se consumaría el surgimiento, actualización y ampliación de dichos atributos, sino también que parte de esos enunciados, que entran en circulación, serían consumidos a través de su reutilización en debates mediáticos, discusiones entre hinchas, crónicas o comentarios escritos, entre otros. La indagación se inició de la selección de los enunciados en que aparecían las denominaciones “Brasil”, “Argentina” y correferenciales, en función de la producción de dos “lugares sociales autorizados a hablar” (GUIMARÃES, 2005), dos voces reconocibles: una más cercana a un relator profesional y la otra más equivalente a las de un *torcedor/hincha* (RUSSO, 2013). Así, con base en la diferenciación de estas dos voces, distinguimos cuatro modulaciones tomando en consideración regularidades discursivas, que son descritas a lo largo de la tesis, y que denominamos: a) modulación informativa, b) modulación evaluativa/ de almanaque, c) modulación de relato histórico y d) modulación *torcedor midiático/hincha* mediático. En virtud de la importancia que fue adquiriendo la

temática histórica en la investigación, y para dar cuenta de ese aspecto en la investigación, en el transcurso de la tesis presentamos discusiones históricas sobre los conceptos de nación e identidad nacional empezando por los primeros partidos de ambas selecciones de fútbol en foco. Estas lecturas ayudaron a establecer un punto de partida cercano entre los dos equipos en cuanto al momento histórico de su surgimiento, a la construcción identitaria de cada selección y los atributos con los que eran identificadas por su estilo de juego, a su relación de alteridad con otras selecciones y a las formas de difusión de las noticias vinculadas a sus desempeños. Otro punto teórico relevante fue el concepto de Elementos Constitutivos de la Memoria (POLLAK, 1992), ya que nos llevó a confirmar que todos los enunciados analizados de la modulación de relato histórico se adecuaban a dicho recorte, además de ser la puerta para proponer un concepto, la memoria identitaria, que nos permitió sostener de forma más sólida nuestra propuesta de entender las selecciones nacionales de fútbol como mercancías no corpóreas.

Palabras clave: Discursividades sobre fútbol en Brasil y Argentina. Relato de fútbol. Selecciones nacionales de fútbol. Mercancías no corpóreas. Medios de comunicación.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
<b>1. CAPÍTULO I – OS DESAFIOS E AS ESTRATÉGIAS</b> .....	<b>27</b>
1.1 As narrações de futebol e a produção de atributos .....	27
1.2 A “mercadoria não corpórea” seleção nacional de futebol .....	29
<b>2. CAPÍTULO II – A FORMAÇÃO DAS NAÇÕES E A MEMÓRIA NAS RELAÇÕES DE IDENTIDADE NACIONAL</b> .....	<b>34</b>
2.1 Surgem nações, surgem seleções de futebol das nações .....	34
2.2 De mulatos brasileiros .....	40
2.3 De <i>pibes criollos</i> .....	51
2.4 Eles, nós e a gente .....	57
<b>3. CAPÍTULO III – O NARRADOR</b> .....	<b>63</b>
3.1 Os narradores .....	63
3.2 O <i>ethos</i> do narrador .....	66
3.3 Os locutores e o narrador .....	72
3.4 O narrador histórico .....	75
<b>4. CAPÍTULO IV – ESTABELECENDO A METODOLOGIA</b> .....	<b>81</b>
4.1 As seleções dos materiais .....	81
4.2 As denominações .....	81
4.2.1 <i>Referência adjetival</i> .....	82
4.2.2 <i>Correferências lexicais</i> .....	83
4.2.3 <i>Referências pronominais e/ou com vocativos</i> .....	83
4.2.4 <i>Rememorando a história das seleções nacionais</i> .....	85
4.3 Os jogos que fizeram história .....	85
<b>5. CAPÍTULO V – ANALISANDO AS VARIÁVEIS DOS JOGOS</b> .....	<b>90</b>
5.1 Preparando as análises .....	90



5.2 Vozes e modulações .....	91
5.2.1 Modulação informativa (M-I) .....	91
5.2.2 Modulação avaliativa/ de almanaque (M-A/A) .....	94
5.2.3 Modulação de relato histórico (M-RH) .....	96
5.2.4 Modulação torcedor midiático/hincha mediático (M-TH/M) .....	98
5.3 Os números explicam .....	99
5.4 Os elementos da memória na M-RH .....	102
5.5 Avaliando os resultados do relato histórico .....	105
5.6 Um novo elemento da memória .....	106
5.7 ...E foi-se a luz .....	110
<b>Fechando o jogo. Considerações finais .....</b>	<b>115</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>122</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>129</b>
ANEXO A – Quadro 1 – Total de casos em espanhol .....	129
ANEXO B – Quadro 2 – Total de casos em português.....	144
ANEXO C – Quadro 3 – Ocorrências da modulação de relato histórico – Argentina .....	158
ANEXO D – Quadro 4 – Ocorrências da modulação de relato histórico – Brasil.....	162
ANEXO E – Capa da Revista <i>Olé</i> , 26 de junho de 2016.....	167
ANEXO F – Capa do jornal <i>Folha de S.Paulo</i> , 9 de julho de 2014.....	168

## INTRODUÇÃO<sup>1</sup>

Em 2013, concluímos nosso mestrado, e nossas análises começaram com enunciados produzidos por narradores de futebol, em partidas nas quais times argentinos e brasileiros se enfrentaram pela Taça Libertadores de América num período de dez anos. Um dos pontos mais importantes foi propor semelhanças e diferenças enunciativo-discursivas a partir das narrações dos gols dessas partidas, em português ou em espanhol. Contudo, a conclusão dessa pesquisa nos fez perceber que muitas perguntas derivadas da investigação ainda pairavam no ar e retomar algumas delas poderia ser um bom ponto de partida para começar uma pesquisa de doutorado. Várias dessas perguntas, ou questionamentos, apontavam para análise de um jogo inteiro em vez de nos focarmos apenas nos gols; ou, por que não, procurar comentários em que se construíssem ou mostrassem visões do brasileiro/argentino nas narrações feitas pelo “outro lado”, ou talvez propor resultados em função da mídia em que os relatos eram produzidos, principalmente rádio *versus* televisão, entre vários outros questionamentos.

Entretanto, uma das questões que ainda ecoava diz respeito a jogos disputados entre as seleções nacionais de ambos os países. Até então, nunca foi de nosso interesse fazer esse tipo de análise porque consideramos que há um contexto prévio, carregado de *(auto)afirmações patriótico-midiáticas* que tenderia a orientar, de algum modo, a produção de enunciados em uma narração de jogos entre as seleções desses dois países e, com isso, poderia se desvirtuar um dos focos de nossa principal curiosidade: o que um falante diz ao ter que descrever ou contar um evento que promove essa fala, a qual acontece quase simultaneamente a essa produção e, portanto, que não oferece muito tempo para selecionar os termos para esse fim, tal é o caso das narrações de futebol. Sendo assim, pensamos que essa prévia que acontece nos meios de comunicação para todo jogo Brasil x Argentina poderia condicionar de algum modo as escolhas dos

---

<sup>1</sup> Este trabalho segue as **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP** (ABNT). 4 ed. 2020. (disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/459>. Acesso em 12 dez. 2022.) e foi elaborado em conformidade com as regras do **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**, que entrou em vigor no Brasil em 2009 (disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/acordoortografico.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2022).

narradores e comentaristas durante a partida, o que daria margem a uma criatividade afastada de certos tópicos obrigatórios.

Entretanto, foi na própria explicação dessa negativa que começamos a perceber questões interessantes para nossa nova investigação e que dizem respeito a essa circulação de enunciados *padronizados* ou até “necessários” nas prévias dos jogos das seleções de futebol do Brasil e da Argentina, seja em jogos entre si, seja contra qualquer outro rival.

De maneira corriqueira, nos dias que antecedem um jogo de alguma dessas seleções, aparecem nos meios de comunicação de cada país análises, teorias, afirmações, especulações e dados que, no conjunto, costumam apontar, na maioria dos casos, para um resultado favorável. Ou seja, a iminência de um jogo promove na mídia, e também em muitos torcedores/simpatizantes/entendedores, a circulação de uma espécie de recapitulação de atributos que dão corpo, dentro de cada comunidade, a essas seleções nacionais e que, de forma geral, tendem a ser mais positivos do que negativos. E muitos desses atributos se apoiam na história, na qualidade de seus jogadores, nas conquistas obtidas ao longo dos tempos, em dados estatísticos, biográficos e até em efemérides, e serviriam de base inclusive para projetar o resultado desse próximo jogo. Vejamos dois exemplos disso, extraídos de dois meios, um argentino e um brasileiro, em que se projeta a semifinal da Copa América 2019 que ambos os times jogariam entre si. Na página *online* argentina da famosa cadeia ESPN aparece a matéria: “La semi de 2008 ante Brasil, un gran recuerdo para Argentina”<sup>2</sup> e ao longo do texto se rememoram fatos, jogadas e nomes da semifinal jogada entre ambas as seleções nos Jogos Olímpicos de 2008:

Argentina y Brasil se jugaban el boleto a la gran definición del torneo de fútbol masculino de los Juegos Olímpicos de Beijing 2008. [...] Con la camiseta 15, Messi sufrió la pegajosa marca de Anderson y el primer tiempo terminó sin goles en el estadio de Los Trabajadores [...] En el atractivo duelo entre Leo y Ronaldinho, el que más se destacó fue el Kun Agüero. El por entonces delantero de Atlético de Madrid abrió el marcador a los 52, tras un potente centro de Di María por izquierda [...] Rafael Sobis casi lo empata con un remate al palo y cinco minutos

---

<sup>2</sup> BAIER, N. La semi de 2008 ante Brasil, un gran recuerdo para Argentina. **ESPN**, 2 jul. 2019. Disponível em: [https://www.espn.com.ar/futbol/copa-america/nota/\\_/id/5794495/la-semi-de-2008-ante-brasil-un-gran-recuerdo-para-argentina](https://www.espn.com.ar/futbol/copa-america/nota/_/id/5794495/la-semi-de-2008-ante-brasil-un-gran-recuerdo-para-argentina). Acesso em: 12 dez. 2022.

después, Messi encabezó el ataque por el medio, abrió a la derecha, Garay mandó el centro rasante y Agüero empujó sobre la línea para su doblete. A los 75, el Kun sufrió una falta en el área y Riquelme, el 10 y capitán, le puso cifras definitivas al marcador. [...] Otra vez una semi. Otra vez Brasil. Para Messi, Agüero y Di María es un déjà vu. ¿Podrán repetir la historia?

Na página de Midiamax, do portal brasileiro UOL, encontramos esta matéria onde também se projeta a semifinal de 2019 entre a Verde-amarela e a *Albiceleste*. Com o título: “Histórico contra Lionel Messi favorece o Brasil em semifinal da Copa América”<sup>3</sup> na matéria também são recuperados eventos do histórico entre ambas as equipes:

Messi fará nesta terça-feira o seu 10º jogo contra o Brasil. E o retrospecto é favorável aos brasileiros até aqui. O argentino sofreu cinco derrotas, ganhou três partidas e empatou uma, com quatro gols marcados. Os quase 13 anos de confrontos de Messi contra o Brasil têm altos e baixos. Se no dia 9 de junho de 2012 ele teve uma atuação histórica ao marcar três gols na vitória por 4 a 3 em amistoso nos Estados Unidos, o argentino também acumula alguns dissabores contra os brasileiros. Os quase 13 anos de confrontos de Messi contra o Brasil têm altos e baixos. [...] O jogo mais curioso, no entanto, foi em 2008, pelas Eliminatórias. Em protesto contra o técnico Dunga, a torcida brasileira aplaudiu o craque argentino e gritou o seu nome.

Também acreditamos que as narrações desse tipo de partidas são espaços em que muitas dessas análises ou previsões podem ser confirmadas, vários dos atributos podem ser reforçados e inclusive novos podem ser incorporados a esse repertório. Se a vitória se concretizar, os louros colhidos ao longo da história “continuarão se mantendo vivos”; se não se concretizar, decerto surgirão explicações que apontarão para eventos fortuitos ou falhas próprias incomuns.

Em junho de 2022, as seleções da Argentina e da Itália jogaram pela taça Finalíssima, disputada pelos últimos campeões continentais. O time sul-americano venceu 3 a 0 e ficou com o troféu. Na transmissão desse jogo, feita

---

<sup>3</sup> HISTÓRICO contra Lionel Messi favorece o Brasil em semifinal da Copa América. **Midiamax**, 1 jul. 2019. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/esportes/2019/historico-contra-lionel-messi-favorece-o-brasil-em-semifinal-da-copa-america/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

para Argentina pela cadeia ESPN<sup>4</sup>, o comentarista Diego Latorre, no final da partida, aponta estes atributos sobre a seleção nacional: “Argentina es un equipo vivaz. La Argentina es un equipo feliz, con todo lo que eso significa [...]”. A seguir, o narrador do jogo, Sebastián Vignolo, acrescenta e projeta:

Señoras y señores, Argentina se queda con la Finalísima. [...] Victoria del seleccionado nacional por 3 a 0, jugando frente al seleccionado italiano. El campeón de América le gana al campeón de Europa, con una actuación como para ilusionar.

Na mesma linha, na transmissão da final da Copa América 2019 pela TV Globo<sup>5</sup>, entre Brasil e Peru, após o último gol brasileiro que decretaria o placar final de 3 a 1, o narrador Galvão Bueno relembra e antecipa:

Gol! É do Brasil! E tem gosto de título. E tem cara de título. [...] Gol com cheiro de título, com gosto de título, com pinta de título. [...] Três para o Brasil, um para o Peru. Mantém-se a escrita: sempre que a Copa América é aqui disputada o Brasil vai chegar ao título.

Em suma: as narrações poderiam ser pensadas como um lugar onde os atributos das seleções se atualizam e de onde poderão surgir novos atributos que talvez possam passar a integrar o “corpo de traços discursivos<sup>6</sup>” que vão constituindo e reformulando uma série de enunciados possíveis acerca do conjunto nacional.

Ao concentrar um pouco melhor nosso foco nessa presunção sobre as narrações como espaços, começamos a pensar em alguns dos elementos envolvidos: a seleção nacional marcada por diversos tipos de atributos que se atualizariam de tempos em tempos e que, por sua vez, a cada participação, novos atributos poderiam ser incorporados através dos meios de comunicação.

Dessa forma, começa a ganhar força a ideia de uma possível relação entre a informação, os dados e os comentários que emanam da narração de um jogo da seleção de um país com forte implantação do futebol nas tradições da cultura de massas como a da Argentina ou do Brasil, com certos elementos

---

<sup>4</sup> UN PARTIDO estelar: Italia y Argentina juegan la Finalissima. **ESPN**, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://www.espn.com.ar/video/clip?id=10418770>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>5</sup> COPA AMÉRICA 2019 | Final | Brasil 3 x1 Peru | Maracanã. 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jb7JWib2CY0>. Acesso em: 13 dez. 2022.

<sup>6</sup> Pêcheux ([1983] 2011, p. 145), ao caracterizar a memória discursiva, propõe “a existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória” de cada sequência a ser analisada.

perceptíveis em uma campanha publicitária midiática padrão de alguma empresa reconhecida. Ampliamos.

*Grosso modo*, notamos muitas vezes que, em campanhas publicitárias de companhias prestigiosas ou conceituadas, são destacados atributos como o renome internacional, a rica história, o contínuo desenvolvimento, produtos diferenciados ou a qualidade dos funcionários, diretores, donos etc.; além de contar também com um nome próprio de peso num determinado segmento, um logo como a imagem que sintetiza a empresa e até, não raro, uma personalidade como garoto/a-propaganda que *corporifica* esse conjunto de predicados da marca.

Adequando um paralelo, junto a todas as ressalvas do caso, também encontramos o apontamento a muitos elementos como os mencionados, ou similares, nas narrações de partidas das seleções nacionais, como as da Argentina e do Brasil: ambas são reconhecidas mundialmente, precisamente pelas conquistas obtidas ao longo de sua história e em diversas categorias, pelos jogadores que integraram seus plantéis através do tempo, a contínua renovação de talentos, sejam jogadores ou treinadores, estilos de jogo descritos e reconhecidos positivamente na mídia através do tempo e com os quais os torcedores costumam se identificar, uniformes que se reconhecem imediatamente, encontros que despertam o interesse geral e que são transmitidos no mundo inteiro etc.

Embora essa primeira analogia nos permitisse achar as semelhanças apontadas e fosse um ponto de partida para o rumo que tomamos em nossa pesquisa, percebemos que há um elemento específico com o qual as seleções se relacionam, e não é precisamente com as próprias empresas, mas com o que poderia ser algum de seus produtos e/ou serviços. Entendemos que tanto produtos e/ou serviços de uma empresa como uma seleção nacional reconhecida mundialmente são bens consumíveis.

Para poder tornar mais clara essa ideia que queremos desenvolver precisaremos dar como entendido o que poderia ser o produto ou serviço consumível de uma empresa, seja sabão em pó, ações na bolsa, música num canal de *streaming*, sorvete de limão siciliano etc., uma vez que nosso foco não está nessa questão comercial, mas nos serve de ponte para propor também a seleção nacional como um bem de consumo, porém não físico, ou como uma

“mercadoria não corpórea”<sup>7</sup>. E o fato de esse bem ou mercadoria ser não corpóreo não impede que possa ter atributos perceptíveis e que eles se atualizem, modifiquem, que novos atributos sejam incorporados ou que outros sejam adequados e, sobretudo, que haja formas de consumi-la contando com meios que favoreçam tal consumo.

Tentaremos expor o esboço de um dos caminhos pelo qual entendemos que os atributos de uma seleção nacional de renome poderiam se incorporar e atualizar em todo sentido e também apresentaremos algumas propostas sobre formas de consumo das equipes nacionais.

Para começar, vamos considerar os jogos das seleções como circunstâncias ideais e primárias para a atualização desses atributos, que vão se fortalecendo ou justificando conforme o time vença, conquiste títulos, conte com estrelas mundiais etc. Nesse ponto, também será fundamental incluir a mídia, que não apenas cuida de transmitir esses resultados, como também é a responsável por levar a seleção nacional além do estádio onde o jogo está sendo disputado. Nesse recorte inicial que destacamos, nos 90 minutos de um jogo, acontece um conjunto único e irrepetível de eventos, e alguns deles poderão ser transformados em enunciados pelo narrador, quase que concomitantemente à sua realização, através de um meio de comunicação, seja ele televisão, rádio, internet etc. O narrador, por sua vez, costuma estar acompanhado de um ou mais comentaristas que também aportarão enunciados sobre certos eventos do jogo. Posto isto, passaremos a considerar o narrador dos jogos da seleção como um elemento crucial nesse processo de atualização de atributos dos conjuntos nacionais e, portanto, também crucial na compreensão de uma seleção nacional como mercadoria não corpórea.

Vejamos vários dos motivos que nos levam a apontar a importância do narrador: através de alguns dos enunciados produzidos por ele num jogo, poderá ser confirmado e avaliado o presente da equipe, além de tal produção ser um meio que permite dar uma sequência ou sustentar traços identitários das seleções, amparado por uma história que se recupera; ou bem indicar mudanças, seja na própria história, seja no que está relacionado com o time. Precisamente é esse tipo de enunciados que vemos como um dos elementos

---

<sup>7</sup> Assumimos este termo e o conceito de Eugênio Bucci (2005) para indicar uma mercadoria consumível, porém não física. Ampliamos na seção 1.2.

que podem tornar as seleções nacionais como “mercadorias não corpóreas” consumíveis. Novamente vamos nos valer de uma comparação para procurarmos tornar mais clara nossa ideia.

Partamos do princípio de que uma seleção nacional não pode ser consumida como tal, senão através de meios ou produtos que sirvam como forma de representação dela. Podemos pensar em algumas formas de consumo da seleção: usando a camisa do time, pendurando um pôster de um jogador ou de toda a equipe, colocando uma bandeira nacional na janela ou no carro, assistindo a um jogo no próprio estádio ou pela televisão. Os exemplos que listamos corresponderiam a um consumo ou uma degustação através de objetos físicos específicos: uma camiseta, um pôster, uma bandeira, o espaço num estádio, uma transmissão pela televisão etc.

E também vemos formas de consumo a partir de elementos “não corpóreos”. É aqui, precisamente, onde entraria a criação do narrador do futebol, pois parte da produção realizada durante um jogo, em forma de enunciados, poderia ser extraída, repetida, reformulada, citada, colocada em circulação etc. E acreditamos que a reutilização desses enunciados dotaria de certo valor, certo peso, ao novo enunciador, em discussões ou debates esportivos, em momentos de autoafirmação, em comparações com outras seleções etc., não apenas por tratarem de uma equipe reconhecida (a seleção nacional), mas por terem esses enunciados uma voz autorizada, a voz do narrador, proveniente de um meio autorizado também.

Feita a distinção entre os elementos corpóreos (camiseta, bandeira, pôster etc.) e não corpóreos (enunciados)<sup>8</sup> através dos quais a mercadoria “seleção nacional” poderia ser consumida, caberia apresentar o último ponto, que diz respeito à variedade desses elementos.

Assim como acontece com vários produtos, podem coexistir diversos modelos e diversas “qualidades” dos elementos que os compõem. No caso das seleções, tomemos a brasileira para dar os exemplos: poderíamos imaginar que

---

<sup>8</sup> Reforçamos que, ao falarmos de “elementos não corpóreos”, buscamos uma forma de assinalar que tais elementos não são físicos, uma vez que os enunciados têm uma materialidade; ou seja, o que ali poderia ser visto como “corporeidade” seria unicamente mediante algum tipo de metáfora, como a que já referimos de Pêcheux, acerca da memória como “corpo”, de traços discursivos, mas não a corporeidade de um objeto físico como os que demos como exemplo.



uma camisa da marca Nike, original e da atual temporada, seria melhor (mais reconhecida, mais desejada, “vestiria” melhor, reforçaria mais *a brasilidade*) do que uma sem a famosa marca estampada, porém, com o mesmo formato. A degustação de um jogo da seleção do Brasil no setor X de determinado estádio seria melhor que do setor Z, e melhor ainda do que assisti-lo pela televisão. E consumir, reproduzir e reutilizar as afirmações feitas sobre a seleção nacional também poderia ter uma orientação quanto à sua escolha, pois essa escolha poderia ficar pautada, precisamente, pelo narrador-enunciador e sua hierarquia, quem promoveria uma adesão de igual força ao nível de reconhecimento que ele tem na comunidade em que seus enunciados circulam. Em outras palavras: *consumir e reutilizar* os enunciados sobre a seleção, produzidos pelo narrador A, através do meio B, promoveria um “*status*” diferente para esse novo enunciador (consumidor), se comparado com aquele que consome e reutiliza os enunciados produzidos pelo narrador H. De igual maneira, poderíamos entender que o consumidor que veste a camisa amarela Nike se diferencia daquele que usa uma identicamente amarela, mas sem o conhecido logo bordado do lado direito do peito.

Em função das hipóteses que estamos antecipando, e sobre as quais voltaremos em vários capítulos desta tese, e das leituras feitas, consideramos produtivo o avanço que fizemos em nossa investigação tomando como foco a possibilidade de entender as seleções nacionais da Argentina e do Brasil como mercadorias não corpóreas e que o narrador de futebol poderia ser “um lugar” onde não apenas essas seleções se atualizariam e incorporariam *bens discursivos*, como também onde se confirmaria, se recuperaria e se restabeleceria sua história; onde se descreveria o presente por meio do qual poderia se sustentar, confirmar e reforçar tal história, ou bem propor uma rescrita; e onde se projetaria um futuro mais auspicioso ou mais complexo segundo o peso e as consequências reconhecíveis do resultado que está sendo narrado e que continuará atualizando essa história.

Seria esse, *a priori*, o universo de elementos não corpóreos que entendemos como constitutivos dessas seleções nacionais ao entendê-las como mercadorias não corpóreas.

Posto isto, passaremos a descrever a organização desta tese, que, além de contar com esta Introdução, as Considerações finais na página 115, as

Referências e os Anexos, está constituída por cinco capítulos. No capítulo I apresentamos as duas questões centrais que orientaram toda a pesquisa em função da hipótese principal: propor os narradores de futebol como “um lugar discursivo” no qual as seleções nacionais, como mercadorias não corpóreas, atualizam e incorporam seus atributos. No mesmo capítulo, abordamos os pressupostos teóricos que nos permitem propor, precisamente, os conjuntos nacionais de futebol como mercadorias não corpóreas.

No capítulo II propomos um longo percurso sobre memória, história e identidade nacional que iniciamos em função de premissas sobre a formação das nações e o que as caracteriza. Daí avançamos para tópicos relacionados com a memória e a identidade nacional, mais especificamente atrelados aos dois países em foco, Brasil e Argentina, para verificar de que forma as marcas identitárias podem ser reconhecidas também nas narrações de futebol. O passo seguinte foi fazer um levantamento histórico, de cada um desses dois países, sobre o nascimento de ambas as seleções nacionais, as primeiras informações que apareciam nos meios da época sobre as partidas e desempenhos dos combinados, a descrição sobre seus estilos de jogos e quais eram as virtudes mais destacadas de seus jogadores e da equipe como tal, as relações de alteridade que iam sendo estabelecidas, sobretudo com o futebol europeu, e as diversas formas de identificação do estilo próprio que ia surgindo e sendo reconhecido. Finalmente propomos uma comparação direta entre as duas seleções em relação com os mesmos elementos históricos e identitários que foram apresentados.

O capítulo III está destinado exclusivamente ao narrador, pois sua figura é fundamental ao longo de toda nossa investigação, não apenas no papel, junto aos comentaristas, de responsável pelos enunciados que fazem parte de nossa análise como também em sua função de historiador.

No capítulo IV fazemos uma descrição da formação do *corpus* de análise: dos critérios iniciais de escolha de enunciados que o integram aos diversos desdobramentos que a própria análise promovia em virtude das regularidades que íamos percebendo. Também detalhamos a razão que nos levou a escolher os dois jogos dos quais extraímos as falas analisadas.

No capítulo V apresentamos os resultados completos das análises dos enunciados que fazem parte do *corpus*, separados em categorias que criamos

para fazer essas observações, em função de suas regularidades. Também mostramos análises e resultados decorrentes dos desdobramentos que adiantamos no capítulo anterior, em especial relacionados com a menção a eventos históricos de cada conjunto. Outro apontamento feito nesse capítulo diz respeito à importância de elementos da memória para realizar as análises focadas nos enunciados que têm rememorações históricas. Por fim, apresentamos e desenvolvemos a análise de um possível caso de entrada em circulação de um atributo produzido pelo narrador de um dos jogos.

## **1. CAPÍTULO I – OS DESAFIOS E AS ESTRATÉGIAS**

Neste primeiro capítulo postulamos as perguntas que apontam para a importância da instância discursiva do narrador na produção de atributos para entender as seleções nacionais como mercadorias não corpóreas e de que modo se percebe tal produção na materialidade das narrações das partidas. Em função dessas questões, apontamos os objetivos que seguimos para dar conta da hipótese com a qual buscamos respondê-las. Apresentamos os conceitos que nos permitem sugerir as seleções nacionais como mercadorias não corpóreas.

### **1.1 As narrações de futebol e a produção de atributos**

O caminho que seguimos durante esta pesquisa nos fez transitar por diversas perguntas, leituras e questionamentos, algumas das quais iam se confirmando, outras abriam novos caminhos e outras que simplesmente não se confirmavam. Finalmente, quando achamos o rumo que nos interessava seguir e pelo qual avançar, nos deparamos com estas duas questões:

a) Que papel desempenha a instância discursiva da narração futebolística na produção e reprodução de atributos da mercadoria não corpórea “seleção nacional”?

b) Como se desenvolve essa função que atribuímos principalmente ao narrador e aos comentaristas na materialidade da narração do jogo?

A hipótese que consideramos em função dessas duas perguntas, e que acabou norteando os diferentes passos da investigação, foi entender o narrador de futebol como “um lugar discursivo” onde as seleções nacionais, como mercadorias não corpóreas, não apenas atualizam e incorporam bens (atributos), como também onde se confirma, se recupera, se amplia e se restabelece sua história. Em função disso, e como resposta à segunda interrogação, cremos que existe uma relação no transcurso da narração dos jogos, entre, por um lado, a produção de enunciados que apresentam dados históricos da seleção em foco e, por outro lado, algum grau de reconhecimento, por parte do narrador, da concretude do resultado desse jogo (ganha, perde, empata) e suas consequências esportivas (eliminação, continuação, classificação, confirmação de uma posição etc.). Propomos essa relação porque

consideramos que esta recuperação parece funcionar como mecanismo de confirmação ou reparação históricas ditado por algumas das consequências esportivas mencionadas.

Os objetivos que nos traçamos e que seguimos para procurar dar conta desta hipótese são cinco:

a) Extrair das duas narrações completas dos jogos escolhidos todos os enunciados que contêm as denominações “Argentina”, “Brasil” e também as formas correferenciais que procuram aludir à seleção nacional, dentro do discurso do futebol.

b) A partir do conjunto proposto acima, foram estabelecidos dois grupos: um relacionado com os eventos que dizem respeito exclusivamente às instâncias decorrentes do jogo narrado, sejam elas informações específicas ou sejam avaliações próprias do narrador sobre tal ou qual acontecimento da partida. O outro grupo contém os enunciados que não necessariamente apontam com exclusividade para os acontecimentos da partida narrada, mas, a partir de alguns deles, se faz alusão a circunstâncias da história que podem ser relacionadas com a seleção nacional, em forma de lembrança ou projeção.

c) Nesse segundo grupo de enunciados apontado em **b**, que aludem à história das seleções ou a projeções sobre seu futuro, buscamos discriminar os casos em que é feito um destaque ou reforço daquilo que pode ser assumido como atributos do time e que também parecem remeter a marcas de sua identidade.

d) Na análise dos enunciados levantados, e com base nas distinções apontadas em **b**, colocar em relação e categorizar as diversas modulações da voz do narrador integradas tanto a referências históricas de diferentes tipos como a atributos apresentados como parte da identidade das seleções. Também avaliaremos a relação entre eventos de cada partida com os resultados e as consequências percebidas e manifestadas pelo narrador ou os comentaristas.

e) Em datas posteriores aos jogos em foco, verificar nos espaços midiáticos esportivos em que costumam aparecer debates, análises, entrevistas a jogadores e especialistas, as críticas e/ou os eventuais caminhos que deveriam ser tomados pelos protagonistas envolvidos, de que forma se repete, se reformula, ou se cita algum dos enunciados que integram o corpus e quem ou desde que lugar se surgem estas paráfrases.

## 1.2 A “mercadoria não corpórea” seleção nacional de futebol

Como descrevemos anteriormente, entendemos que as seleções nacionais de futebol de países tão representativos dentro desse esporte – no caso, Brasil e Argentina – poderiam ser consideradas como bens não físicos de consumo ou “mercadorias não corpóreas”, cujos atributos se atualizam, ampliam, confirmam, reformulam, ajeitam etc., nas narrações dos jogos em que elas participam. E essa mesma fonte, a narração, pode servir como um meio possível de consumo dessa “mercadoria não corpórea”.

Gastaldo aponta para uma questão interessante que dialoga perfeitamente com nossa presunção sobre o consumo de mercadorias produzidas pela mídia:

Para os produtores da mídia, a audiência representa, como consumidora, a possibilidade de existência da produção de mercadorias no sistema capitalista, pois, uma vez produzidas, as mercadorias devem ser consumidas para que o sistema funcione. (GASTALDO, 2001, p. 8).

Nessa afirmação de Gastaldo sobre o consumo de produtos midiáticos há elementos que também podemos assumir para nossa hipótese: a mídia produzindo mercadorias, como as seleções nacionais, que serão consumidas pelos torcedores ou adeptos, todavia como em nosso caso a mercadoria é intangível, impalpável, o consumo dessa mercadoria se dá, precisamente, pela reutilização de alguns dos enunciados que provêm da mídia, dando início, assim, à roda “para que o sistema funcione”.

Alabarces também propõe o futebol como mercadoria consumível através da mídia:

[...] el crecimiento de una llamada *cultura mediática* desde los años 70 hasta hoy, indica el desplazamiento de las clasificaciones culturales de clase en pos de una ampliación, casi universal, de los sectores involucrados en cualquier clasificación cultural. La explosión comunicacional de la última década propone, inclusive, el reemplazo de las culturas *nacionales-populares*, clásicas en el análisis latinoamericano, por las culturas *internacionales-populares*. En esa expansión, el fútbol, **mercancía fundamental de la industria cultural**, también tiende a ampliar sus límites de representación en un policlasismo creciente. (ALABARCES, 2007, p. 164, itálicos e negritos nossos).

Para chegar à ideia de mercadoria não física ou “mercadoria não corpórea” que estamos assumindo em nosso trabalho, partiremos de conceitos teóricos de Karl Marx em função da leitura de Eugênio Bucci. Começamos pela conhecida definição de mercadoria dada por Marx:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa, a qual, pelas suas propriedades satisfaz necessidades humanas de qualquer espécie. A natureza dessas necessidades, se elas se originam do estômago ou da fantasia, não altera nada na coisa. (BUCCI, 2005, p. 2 apud MARX [1867] 1985, p. 45).

Bucci toma essa definição de Marx e propõe uma distinção entre o suporte da mercadoria e a imagem da mercadoria:

[...] Pensamos normalmente na mercadoria como coisa: uma garrafa de água mineral, um microfone, um par de sapatos, um automóvel. Pois essas coisas, hoje, nada mais são do que o suporte aparente da imagem da mercadoria, esta, sim, a que concentra valor, a que materializa valor. Esse talvez seja um dos aspectos centrais do que temos chamado de espetáculo [...] qual seja, **o de transformar a mercadoria na imagem de si mesma** [...] (BUCCI, 2005, p. 1, negrito nosso).

A percepção da imagem da mercadoria como detentora do valor exposta por Bucci também nos levou a pensar nas seleções nacionais em foco como algum tipo de mercadoria não física, porém, com qualidades e atributos próprios. Novamente nos apoiamos no mesmo autor para ampliar a ideia de mercadoria não corpórea:

Uma camisa é menos um pedaço de pano “útil” e mais um significado que a partir do pedaço de pano escorre sobre o corpo – e esse significado tem valor de troca. As mercadorias não corpóreas estão aí. Embora não tenham o seu valor de uso em sua dimensão física, persistem como mercadorias [...] (BUCCI, 2005, p. 4, aspas do autor).

Se uma camisa, como poderia ser a de uma seleção nacional, é mais que nada um significado com valor de troca, e seu valor de uso não está numa dimensão física, acreditamos que, na narração dos jogos, através dos enunciados do narrador, são promovidos tanto significados como possibilidades para esse uso. E nesse ponto é crucial para nossa pesquisa considerar não apenas os enunciados produzidos pelo narrador e os comentaristas do jogo a partir das circunstâncias da partida em que essa eventual camisa está envolvida, mas entender que essa produção enunciativa do narrador é orientada por seu próprio olhar.

Para ampliar a compreensão do que estamos apontando, vejamos primeiro o importante critério sobre a significação nas cenas em movimento a partir de outro conceito de Bucci, “instância da imagem ao vivo”. Sobre tal critério, o autor diz ser:

[...] um *suporte* que se presta à fixação dos sentidos por meio do discurso, mas que não se esgota nessa significação, posto que sustenta, também, o deslizamento dos significantes (sejam eles letras, no caso da *instância da palavra impressa*, ou cenas com movimento, no caso da *instância da imagem ao vivo*). É o deslizamento que permite a recombinação incessante entre significantes e significados. (BUCCI, 2009, p. 67, itálico do autor).

Ao tratar também da produção enunciativa dos narradores de futebol, Santos sugere uma sequência bem parecida com aquela que estamos propondo aqui:

A princípio, no entanto, não podemos negar que o narrador/locutor apresenta uma posição importante na transmissão esportiva de futebol, pois é a ele que é dado o poder de interpretar o que vê e comunicar ao telespectador, a quem, por sua vez, cabe ressignificar o que lhe é significado pelo narrador/locutor. (SANTOS, 2012, p. 33).

Esses são, portanto, os primeiros conceitos que nos permitem sustentar a ideia de entender as seleções como “mercadoria não corpórea”. Ao relacionar esses conceitos com critérios próprios do gênero discursivo “narração de futebol”, em que o narrador precisa produzir uma cadeia de enunciados orais baseados na seleção de eventos determinados por seu olhar, numa “recombinação incessante entre significantes e significados”, estaria se dando um encontro de dois sistemas semióticos em que os significantes de um promoveriam a articulação dos significantes do outro, já que há uma ordem clara: o olhar antecede à fala. E essa transição caberia, na circunstância específica (a narração de um jogo de futebol), ao narrador.

Se de Bucci tomamos a ideia de “instância da imagem ao vivo” para considerar a produção de enunciados promovidos pelos significantes que provêm da combinação de cenas em movimento, incluiremos o conceito de “trabalho linguístico” proposto por Ferruccio Rossi Landi (1985), já que não apenas várias de suas propostas favorecem a análise dos enunciados de nosso *corpus*, como também dialoga plenamente, e até complementa, muitos aspectos que já apresentamos sobre “mercadoria não corpórea”.

Apontamos que os enunciados produzidos por um narrador de futebol durante um jogo seriam o resultado de um *combo semiótico* composto de um



encadeamento de imagens selecionadas pelo profissional que derivariam em sua produção oral. Ou seja, por meio do “trabalho do olhar”, o profissional seleciona um encadeamento de significantes/significados imagéticos que promovem uma sequência análoga de enunciados orais, composto também de significantes/significados, postos em funcionamento por meio do “trabalho linguístico”.

Sobre esse conceito, Rossi Landi explica:

As palavras, enquanto unidades da língua, são produtos do trabalho linguístico; servimo-nos de tais produtos como materiais e instrumentos no decorrer de um trabalho linguístico ulterior, graças ao qual se produzem mensagens. Este grupo de posições leva-nos ao cerne da questão. Através de um procedimento não muito diferente daquele que permitiu à economia clássica chegar à noção generalizada de trabalho não linguístico, é possível atingir uma noção generalizada de trabalho linguístico. (1985, p. 61-62).

O autor italiano amplia seu conceito assinalando a estreita e clara relação entre a necessidade básica de comunicar e o processo do trabalho linguístico humano, na qual são fundamentais o peso do social e o papel do indivíduo:

[...] apenas um trabalho complexo como o linguístico pode satisfazer a complexa necessidade humana de expressão e de comunicação. A complexidade do trabalho é determinada pela complexidade da necessidade, a qual por sua vez a determina – exatamente como ocorre com o trabalho que manipula e transforma. A linguagem, as línguas enquanto seus produtos, formam-se na dialética da satisfação das necessidades, ou seja, dentro do processo de instituição das relações de trabalho e de produção, também a linguagem é trabalho humano, e as línguas são a sua objetivação necessária. Trata-se, portanto, em primeiro lugar, de uma atividade social, que requer o uso de técnicas coletivas e comunitárias. (ROSSI LANDI, 1985, p. 66-67).

Entendemos que, no percurso que estamos seguindo em nossa investigação, e para poder “satisfazer a complexa necessidade humana de expressão e de comunicação” – restrito, nesse caso, ao futebol –, o narrador profissional, através de um meio de comunicação, seria um elemento vital na concretização dessa “atividade social, que requer o uso de técnicas coletivas e comunitárias”, já que a partir de sua produção enunciativa, derivada do trabalho

feito considerando nosso “combo semiótico”, são atualizados os atributos da “mercadoria não corpórea” seleção nacional de futebol.

Quanto a essa produção enunciativa, produto do trabalho do olhar e do trabalho linguístico, em que poderão ser reconhecidos algum dos atributos que integram uma seleção ou um time, recuperamos palavras de Santos e sua pesquisa sobre narração de futebol: “[...] o narrador/locutor Cléber Machado narra lances, histórias de jogadores, técnicos, árbitros e do time que disputa a partida, que considera importantes para o conhecimento ou interesse do telespectador.” (SANTOS, 2012, p. 43). Percebemos, nesse comentário, onde são apontados tanto lances dos jogos como histórias, que a autora também reconhece nessa produção enunciativa, de alguma forma, a presença do que nós estamos denominando modulações, conforme desenvolvemos a partir da seção 5.1. Adiante em seu texto, a autora reforça novamente algo do que faz parte das modulações: “Ele escolhe o que narrar, o que descrever, o que julga exigir uma explicação, por exemplo, tendo em vista o seu telespectador.” (SANTOS, 2012, p. 45).

## **2. CAPÍTULO II – A FORMAÇÃO DAS NAÇÕES E A MEMÓRIA NAS RELAÇÕES DE IDENTIDADE NACIONAL**

Neste segundo capítulo propomos um percurso histórico em que indagamos sobre a ideia de nação e a importância da memória para estabelecer vínculos identitários com a nação. Levamos o caminho histórico para o Brasil e a Argentina, onde procuramos dados sobre a formação das primeiras seleções de futebol, a repercussão das partidas nos meios de comunicação, os estilos de jogos com que iam sendo identificados e suas relações de alteridade com o futebol europeu.

### **2.1 Surgem nações, surgem seleções de futebol das nações**

Como já dissemos, e decerto ainda diremos mais algumas vezes ao longo de nosso texto, é foco central na nossa pesquisa a questão da memória e da construção da identidade nacional a partir da narração de futebol para avaliar de que modo tais narrações não apenas emanam como também são um ponto importante na produção enunciativa dos locutores das partidas, pois acreditamos que elas condicionam, no sentido de favorecer, a recapitulação das qualidades inerentes às seleções de futebol, que já circulam ou que são vistas como próprias dentro do discurso relacionado com cada conjunto nacional, além de promover o surgimento ou reconhecimento de novos predicados.

Entretanto, consideramos que é oportuno e proveitoso para nosso trabalho indagar, num primeiro momento, sobre questões vinculadas com a ideia de nação, porque, sem dúvida, os combinados de futebol são adotados como mais um modo de representação nacional. Então, o que caracteriza uma nação? Como se formam e como vão se implantando as propriedades relacionadas com cada nação? Entendemos que essas questões, *a priori*, poderão nos levar por um caminho mais aberto para o assunto do nacionalismo e da identidade nacional que também nos interessam. Posto isso, e em função das leituras feitas sobre o tema, reconhecemos as propostas de Benedict Anderson sobre o conceito de nações, e principalmente o de “comunidades imaginadas”, como umas das que nos fornecem uma base teórica mais adequada, e que dialogam de forma mais clara e abrangente com boa parte do que vamos propor nesta tese.

Iniciamos o percurso com uma descrição interessante que o autor faz sobre as nações, e que diz respeito à incerteza do momento do nascimento delas: ao não existir uma “biografia própria de uma nação”, é preciso voltar no tempo para tentar reconhecer os elementos que fazem parte desse processo:

[...] las naciones no tienen nacimientos claramente identificables y sus muertes, si ocurren, nunca son naturales. Y como no hay un autor, la biografía de la nación no se puede escribir evangélicamente “a lo largo del tiempo”, pasando por una larga cadena procreadora de engendramientos. La única alternativa es “remitirla al tiempo”. (ANDERSON, 1993, p. 285).

Sobre esse conceito de construção da ideia de nação feita ao longo do tempo, o historiador também aponta para a imagem de um “organismo sociológico” que se desloca pela história:

La idea de un organismo sociológico que se mueve periódicamente a través del tiempo homogéneo, vacío, es un ejemplo preciso de la idea de la nación, que se concibe también como una comunidad sólida que avanza sostenidamente de un lado a otro de la historia. (ANDERSON, 1993, p. 48).

A essas apreciações iniciais que tomamos de Anderson vamos adicionar um elemento que o mesmo autor vincula estreitamente com a premissa de nação, e é que as define como “imaginadas”. Para o historiador, além do apontado anteriormente, uma nação é:

[...] una comunidad política imaginada como inherentemente limitada y soberana. Es imaginada porque incluso los miembros de la nación más pequeña no conocerán jamás a la mayoría de sus compatriotas, no los verán ni oirán siquiera hablar de ellos, pero en la mente de cada uno vive la imagen de su comunión. (ANDERSON, 1993, p. 23).

Como podemos notar, essa definição propõe as nações como uma “imagem” construída coletivamente pelos membros que a compõem, embora entre eles não se conheçam. Tomamos esse conceito porque consideramos que é aplicável em alguns itens de nossa pesquisa, sobretudo quando pensamos nos atributos próprios de cada seleção de futebol, assumidos e compartilhados também a partir de uma comunhão similar. Ampliaremos sobre esses atributos mais adiante, neste mesmo capítulo, na seção 2.4.

Anderson propõe também três eixos centrais que permitem que as nações sejam “imaginadas”. Uma nação é imaginada “limitada”, em razão de sua dimensão territorial; é imaginada “soberana” devido ao sonho de autonomia e à liberdade envolvidos, e é imaginada como uma “comunidade”. Aqui queremos nos deter para mostrar o que o autor americano assinala:

[...] independientemente de la desigualdad y la explotación que en efecto puedan prevalecer en cada caso, la nación se concibe siempre como un compañerismo profundo, horizontal.

En última instancia, es esta fraternidad la que ha permitido, durante los últimos dos siglos, que tantos millones de personas maten y, sobre todo, estén dispuestas a morir por imaginaciones tan limitadas. (ANDERSON, 1993, p. 25).

Decidimos apontar literalmente para esse último eixo, pois é ele que nos faz refletir sobre a relação entre a nação que “se concebe sempre” e “pessoas dispostas a morrer por imaginações”. Então, que meios ou mecanismos entram em jogo para que essa ideia de (cada) nação seja concebida tão fortemente por tantas pessoas? Acreditamos que esse questionamento pode ser análogo a nos perguntarmos sobre elementos ou formas que colaboram na construção do nacionalismo. Avançaremos seguindo esta perspectiva.

Na busca por respostas à nossa pergunta anterior sobre o nacionalismo, daremos o primeiro passo com algumas afirmações de Eric Hobsbawm, que comenta em função das esferas sociais em que essa ideia de nação começava a circular:

[...] el movimiento “nacional” tendía a ser político, con el surgimiento de grupos de mandos más o menos grandes dedicados a la idea nacional. Pero en esta etapa al movimiento le faltaba aún apoyo serio por parte de la masa de la población. Éste provenía principalmente de la capa intermedia que existía entre las masas y la burguesía: especialmente de los ilustrados: maestros, los niveles más bajos de la clerecía, algunos tenderos y artesanos. Por último, los estudiantes procedentes de algunas facultades, seminarios y escuelas superiores de mentalidad nacional les proporcionó un conjunto ya formado de militantes activos. (HOBSBAWM, 2010, p. 101).

O próprio Hobsbawm também nos dá indícios sobre um dos caminhos para a inclusão da massa da população que ainda não havia sido integrada,

mesmo sendo a partir de uma crítica aos processos de formação dos estados-nação. Podemos perceber que a educação formal teve uma importância crucial nesse passo:

[...] a medida que se fueron formando los estados-nación, a medida que se fueron multiplicando los puestos y las profesiones públicas de la civilización progresiva, a medida que la educación escolar se fue generalizando, sobre todo a medida que la emigración fue urbanizando los pueblos rurales, estos resentimientos encontraron una resonancia general en aumento. Porque las escuelas y las instituciones, al imponer un idioma de instrucción, imponían también una cultura, una nacionalidad. [...] La escolaridad, esa poderosísima arma formadora de las naciones [...] (HOBSBAWN, 2010, p. 107).

Prosseguiremos a partir desse último ponto – a escolaridade como poderosa arma para formar nações. Para isso, voltaremos a Anderson, quem assinala o combo “tecnologia – capitalismo – diversidade linguística” como meios de desenvolvimento da ideia de nações imaginadas. Consideramos que isso fica estreitamente ligado ao pensamento sobre o papel da escolaridade. Vejamos como a proposta de Anderson vai se desenrolando.

O historiador americano comenta que, com a Reforma de Lutero, houve duas mudanças notórias e conjuntas na forma de comunicação e de disseminação de ideias dentro de uma comunidade: por um lado, o uso de uma língua vernácula muito mais utilizada que o latim, que ficava restrito a uma minoria, sobretudo eclesiástica. O autor descreve que Martinho Lutero “clavó sus tesis en las puertas de la catedral de Wittenberg, tales tesis estaban impresas en una traducción alemana, y ‘en el término de 15 días [habían sido] vistas en todos los rincones del país’.” (ANDERSON, 1993, p. 66). Dessa forma, o religioso não apenas conseguiu espalhar suas ideias mais rapidamente por causa do uso mais disseminado do alemão, mas porque contou com um segundo elemento: o uso da imprensa para produzir os textos que dariam suporte a suas propostas.

Nos anos seguintes, comenta Anderson, triplicou-se a produção de livros em alemão e Lutero ocupou um lugar de destaque incontestado para que esse fenômeno pudesse acontecer de fato: “Lutero se convirtió en el primer autor de éxitos de librería hasta entonces conocido. O dicho de otro modo: el primer escritor que pudo ‘vender’ sus libros nuevos por su solo nombre.” (ANDERSON, 1993, p. 66).

Obviamente, esse fenômeno comercial não ficou restrito nem às teses de Lutero nem à produção de material escrito unicamente em alemão, mas a adaptação foi sendo feita a tantas línguas vernáculas como gêneros literários fosse possível, e eis que entra em cena o capitalismo, o terceiro pilar do combo citado antes proposto por Anderson.

Nada servía para “conjuntar” lenguas vernáculas relacionadas más que el capitalismo, el que, dentro de los límites impuestos por las gramáticas y las sintaxis, creaba lenguas impresas mecánicamente reproducidas, capaces de diseminarse por medio del mercado. (ANDERSON, 1993, p. 72).

Para evitarmos parecer digressivos, vamos propor uma breve recapitulação dessa relação que estamos apontando entre a expansão das ideias nacionalistas por meio da escolarização e o sucesso editorial de Lutero: assumimos a escolarização como meio primordial para a divulgação geral dos princípios nacionais e, para explicar o processo aplicado em busca de um mínimo de sucesso, tomamos como parâmetro analógico aquele que envolveu Lutero para espalhar suas teses reformistas: o uso da língua vernácula, os textos escritos e a reprodução e distribuição massiva desses textos.

Voltamos a Anderson para expandir conceitos sobre cada uma dos elementos dessa tríade que estamos mencionando, que poderíamos sintetizar como “textos em línguas vernáculas impressos e massificados”.

Estas lenguas impresas echaron las bases de la conciencia nacional en tres formas distintas. En primer lugar y sobre todo, crearon campos unificados de intercambio y comunicaciones por debajo del latín y por encima de las lenguas vernáculas habladas. Los hablantes de la enorme diversidad de franceses, ingleses o españoles, para quienes podría resultar difícil, o incluso imposible, entenderse recíprocamente en la conversación, pudieron comprenderse por la vía de la imprenta y el papel. En el proceso, gradualmente cobraron conciencia de los centenares de miles, incluso millones, de personas en su campo lingüístico particular, y al mismo tiempo que *sólo* esos centenares de miles, o millones, pertenecían a ese campo. Estos lectores semejantes, a quienes se relacionaba a través de la imprenta, formaron, en su invisibilidad visible, secular, particular, **el embrión de la comunidad nacionalmente imaginada**. En segundo lugar, el capitalismo impreso dio una nueva fijeza al lenguaje, lo que a largo plazo ayudó a forjar esa imagen de antigüedad tan fundamental para la idea subjetiva de la

nación. [...] Tercero, el capitalismo impreso creó lenguajes de poder de una clase diferente a la de las antiguas lenguas vernáculas administrativas. Ciertos dialectos estaban inevitablemente “más cerca” de cada lengua impresa y dominaban sus formas finales (ANDERSON, 1993, p. 72-74, itálico e negrito nossos; aspas do autor).

A modo de síntese, sobre a importância do conceito de nações imaginadas em função da relação entre as línguas vernáculas, produção capitalista e avanço tecnológico, tomamos o resumo que Anderson faz sobre sua própria análise teórica. O autor comenta que:

[...] la convergencia del capitalismo y la tecnología impresa en la fatal diversidad del lenguaje humano hizo posible una nueva forma de comunidad imaginada, que en su morfología básica preparó el escenario para la nación moderna. La extensión potencial de estas comunidades estaba forzosamente limitada y, al mismo tiempo, sólo tenía la relación más fortuita con las fronteras políticas existentes [...] (ANDERSON, 1993, p. 75).

Dando mais um passo em direção ao presente, e pensando nesse “cenário preparado para a nação moderna”, consideramos oportuno apontar aqui para novas formas de comunicação que foram surgindo graças às mudanças tecnológicas e que, além de terem sido fundamentais nesse processo de formação das nações, até hoje continuam sendo meios através dos quais as diversas identidades imaginadas têm seu espaço de divulgação e massificação. Citaremos Anderson, mais uma vez:

[...] los adelantos de la tecnología en las comunicaciones, sobre todo en la radio y la televisión, dan a la prensa ciertos aliados que no existían hace un siglo. La radiodifusión multilingüe puede evocar la comunidad imaginada entre los analfabetos y las poblaciones de lenguas maternas diferentes. (ANDERSON, 1993, p. 191).

Sobre a importância dos meios de difusão cultural que foram surgindo no começo do século XX, Modesto e Guerra (2010) recuperam um comentário de Canclini, para quem: “a rádio e o cinema contribuíram, na primeira metade do século XX, para organizar os relatos de identidade e o sentido de cidadania nas sociedades nacionais” (CANCLINI, 2008, p. 129 apud MODESTO; GUERRA, 2010, p. 1).



Os mesmos autores também apontam para aquilo que, num processo análogo ao que estamos descrevendo, entra em circulação e vai além do meramente nacional, mas que continua tendo nos meios de comunicação um canal de difusão central: “a cultura da mídia fornece material com que muitas pessoas constroem seu senso de classe, etnia e raça, nacionalidade, sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’” (KELLNER, 2001, p. 9 apud MODESTO; GUERRA, 2010, p. 2). E como um possível pensamento sobre esse processo atualmente, eles entendem que: “As identidades se organizam cada vez menos pelos símbolos nacionais para se formarem a partir do que propõe a mídia.” (MODESTO; GUERRA, 2010, p. 1).

Como adiantamos no começo deste capítulo, optamos por esse recorte por entendermos que representa um caminho completamente válido para avançarmos na abordagem de alguns dos propósitos que apontamos nesta investigação, sobretudo naquilo que concerne à produção, ao reconhecimento e à entrada em circulação de atributos discursivos de uma seleção nacional de futebol, pois, assim como descrevemos anteriormente com relação às ideias dos nacionalismos, nos tempos atuais o relato e os comentários produzidos a partir de jogos transmitidos por meios de comunicação de massa serviriam como suporte para a difusão desses “atributos nacionais”, sejam eles novos, atualizados, reformulados ou ampliados. Em suma: as línguas, o modo de produção capitalista e os avanços tecnológicos se mantêm muito vigentes para continuar dando formas às nações, ou, para nosso caso, “às pátrias de chuteiras”.

## **2.2 De mulatos brasileiros**

Como já indicamos, iniciaremos este trajeto a partir dos eventos históricos que reconhecemos como os mais importantes para esta investigação. Apenas com o intuito de atribuímos um “marco zero” dentro de nosso trabalho, vamos assinalar o começo desta caminhada, com idas e vindas, em julho de 1908, no Rio de Janeiro, quando foi registrado o primeiro encontro internacional da seleção brasileira. Pereira (1998, p. 91), ao fazer menção do desafio de três jogos do Brasil contra a seleção argentina, lembra que: “Embora já fossem comuns os jogos de brasileiros contra ingleses residentes na capital, era a primeira vez que ela recebia a visita de um selecionado estrangeiro.”

O autor também destaca a importância e repercussão dadas ao evento em alguns meios da época, como a *Gazeta de Notícias* e o *Correio da Manhã*, que publicavam: “Um evento de grande importância”, “Ansiedade por essas lutas”, “Um interesse e entusiasmo fora do comum” e “Há dous dias não se fala noutra coisa” (PEREIRA, 1998, p. 91).

Outros dois aportes de Pereira que consideramos de destaque para a fase inicial de nosso percurso histórico dizem respeito à composição do público que acompanhava as circunstâncias dos jogos e à importância da mídia da época na transmissão das partidas. Quanto à diversidade do público em função dos jogos da seleção, o autor comenta:

Atraindo uma multidão nunca antes vista, estes jogos extrapolavam os limites dos habituais frequentadores dos jogos da Liga, levando ao campo um público amplo e diversificado. O grande interesse despertado pelas disputas com os argentinos fazia com que, pela primeira vez, se juntassem em um estádio grupos diversos de admiradores do futebol [...] **na torcida por um mesmo time.** (PEREIRA, 1998, p. 92-93, negrito nosso).

Sobre o papel da mídia como centro da informação e de validação dos eventos, descreve: “Na frente do prédio da *Gazeta de Notícias*, que estabelecera um serviço especial de boletins telefônicos, uma pequena multidão aguardava informações sobre o resultado das partidas.” (PEREIRA, 1998, p. 93).

Destacamos essas duas observações de Pereira pois, por um lado, aqueles que não conseguiram ingressos para a partida puderam se informar, por meio dos jornais, como a fonte mais imediata que existia na época. Por outro, embora o futebol local já contasse com espectadores e seguidores dos times da Liga, que geralmente eram pessoas das classes mais abastadas, essa série de jogos da seleção nacional convocou para o estádio brasileiros de diferentes camadas sociais, a modo de elemento aglutinador. Nesse ponto consideramos pertinente incluir alguns momentos, prévios e posteriores a 1908 que nos permitirão ilustrar, precisamente, o processo de massificação da torcida, que vai avançando dos setores mais exclusivos da sociedade, vinculados de forma mais estreita com os clubes de futebol, para os mais populares; tornando-se a seleção nacional um desses lugares de encontro dos diversos setores sociais.

Pensando nesse espaço social díspar, o historiador Hilário Franco Jr. comenta que:

[...] a construção da nacionalidade brasileira teve no futebol um de seus principais alicerces. Os embates com times estrangeiros e as primeiras partidas da seleção brasileira alimentaram, em todos os setores sociais, certa dose de patriotismo e de sentimento de unidade, ainda que transitória e circunscrita à realização das partidas”. (FRANCO JR., 2007, p. 73).

E sobre essa mesma questão das desigualdades sociais que achavam no futebol uma unidade “transitória”, José Wisnik descreve o espaço físico que ocupam os torcedores durante um jogo como um claro retrato do seu lugar na sociedade:

O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira [...] apresenta fotos da revista *O Malho*, em 1905, mostrando a *galera* encarapitada em telhados e muros, “pequena multidão de curiosos”, na maioria negros e mulatos, a assistir do alto e de fora àquilo que se passava no recesso do campo do Fluminense para uma juventude “elegante e seleta”. (WISNIK, 2008, p. 207-208, itálico do autor).

Outro dos momentos que adiantamos se refere a 1919, por ocasião do Campeonato Sul-Americano jogado no Rio de Janeiro. Sobre tal torneio, Franco Jr. também faz menção ao espaço ocupado e ao tipo de integrantes da torcida local:

[...] no Sul-Americano de 1919, disputado no Rio de Janeiro, a seleção [brasileira] se sagraria campeã, para comoção do elegante público das Laranjeiras – 30 mil pessoas – e dos populares que se apinhavam nos morros vizinhos. Como afirmara lapidarmente Lima Barreto a respeito da política no país, o Brasil não tinha povo, tinha público. Na verdade, começava a ter torcida. (FRANCO JR., 2007, p. 74).

Sobre esta mesma partida, José Wisnik faz um relato similar, em função de outra foto, no qual aponta que tal retrato:

[...] dá uma panorâmica do estádio das Laranjeiras, na famosa final do campeonato sul-americano em 1919, quando o Brasil ganhou de 1 x 0 do Uruguai [...] ao fundo do estádio lotado “de jovens bem vestidos e de senhorinhas elegantes” vê-se o morro, em cuja encosta se espreme uma galera-favela de cerca de 5 mil pessoas, fazendo “verdadeiros prodígios de equilíbrio e de ginástica” para assistir à partida, e irrompendo em “entusiásticas ovações” ao selecionado nacional. (WISNIK, 2008, p. 208, aspas do autor).

Decidimos permitir-nos esses “encaixes” históricos prévio e posterior a 1908 por acharmos significativo recuperar esse processo de formação da torcida vinculada com a seleção nacional: em 1905, uma “maioria de negros e mulatos” olhava dos morros próximos os lances do jogo no estádio do Fluminense que aconteciam “para uma juventude ‘elegante e seleta’”. Em 1908, em ocasião dessa estreia internacional da seleção nacional na série de jogos contra o combinado argentino, havia “um público amplo e diversificado”. Porém, corria o ano de 1919, e as classes menos favorecidas, mesmo sendo consideradas torcida, ainda não ocupavam os espaços internos dos estádios destinados ao público.

Em suma, além de apontar para esse processo de adesão à seleção de futebol como uma das maneiras de se estabelecer um vínculo com o imaginário de nação, é fundamental afirmar que também é notório que as formas de consumo do conjunto nacional foram acompanhando tal processo, da presença física no estádio ao acesso à informação fornecida pelos meios que tratavam desses acontecimentos.

Voltando a Pereira, o autor elenca uma série de elementos numa análise interessante desse fenômeno novo, isto é, a relação entre boa parte do público e a seleção nacional de futebol. Primeiramente, o autor assinala para o próprio motivo da congregação:

Desacostumados a espetáculos que juntassem num mesmo grito grupos tão diferenciados, os observadores ali presentes pareciam entender os motivos que levavam àquele estranho fenômeno: tratava-se de um “movimento patriótico”, uma defesa da nação nos campos [...]. (PEREIRA, 1998, p. 94).

O segundo elemento que aporta o autor, e que ainda amplia esse momento “epifânico”, vem do relato feito por Paulo Barreto numa crônica publicada em 12 de julho de 1908 na *Gazeta de Notícias*, o qual, além de apontar também para uma clara relação entre futebol e pátria, a modo de doença, declara que os brasileiros (ou pelo menos ele e seus leitores) integram essa seleção nacional.

[...] Estarei eu em vésperas dessa doença inexplicável que se chama patriotismo? Patriotismo por quê? Patriotismo limitado a um campo de *foot-ball*? Entretanto é verdade... [...] E do desânimo eu caio na

ansiedade a espera que nós – “nós” – vencamos no campo do Paissandu. (PEREIRA, 1998, p. 94, *itálico do autor*).

Não podemos deixar de reforçar que nesse pequeno excerto Barreto propõe – além de uma continuidade que vai do sentimento patriótico para as quatro linhas do campo de jogo onde se apresentará a seleção nacional – algum grau de figurada participação do enunciador em tais eventos e, por que não, de desejo ou prognóstico de um futuro vitorioso. Portanto: a proposta de uma relação pátria-seleção nacional a partir de uma voz autorizada que irradia de um meio de comunicação.

Pereira também descreve que a empolgação inicial causada pelos jogos, que acabaram em três derrotas, se converteu numa mistura de sentimentos na torcida: para alguns foi “uma lição’ que ensinaria aos brasileiros o valor da disciplina e o trabalho para alcançar as vitórias”. Já outros haviam promovido “protestos e confusões nas ruas”, ao mesmo tempo que exigiam uma revanche, pois “aqui também existem valentes”. Porém, seja para uns, seja para outros, o que começava a se vislumbrar, e quiçá a exaltar, era “o próprio orgulho da nação” (1998, p. 95). Como é possível perceber em virtude dessas manifestações, não podemos negar que essas derrotas esportivas – e incluímos as de peso relevante ou semelhante que se seguiriam ao longo dos tempos – mobilizaram manifestações que buscavam sarar ou remendar, ao menos do ponto de vista discursivo, o corpo nacional atingido.

Como assinalamos, a leitura feita da pesquisa de Pereira nos permite reconhecer o início da relação que passou a ser estabelecida entre seleção nacional e pátria, já desde a primeira série de jogos internacionais da equipe. Também percebemos que foi essencial para firmar tal vínculo o papel “intermediador” de diversas vozes, especialmente a partir da mídia, entre os fatos do jogo e o público, como lugar de confirmação e validação desses eventos apresentados e, por que não, de parte das reações coletivas após três resultados negativos. Ainda quanto a esse “papel intermediador” que apontamos na mídia dessa época que validava os lances do jogo e que acreditamos que dava voz aos seguidores do futebol, também iria se transformando em lugar de “veracidade” de tais acontecimentos. “A mídia ocupa o papel crucial de legitimar o que entendemos como ‘fato histórico’”, comentam Helal e Lisboa (2016, p. 9),

que, por sua vez, recuperam comentários de Ribeiro sobre esse protagonismo dos meios como lugar autorizado de produção e de consulta histórica.

A autora comenta que “os meios de comunicação, neste século, passaram a ocupar uma posição institucional que lhes confere o direito de produzir enunciados em relação à realidade social aceitos como verdadeiros pelo consenso da sociedade.” (RIBEIRO, 2003 apud HELAL; LISBOA, 2006, p. 7). Sobre essa realidade, afirma ser “aquilo que aparece nos meios de comunicação de massa que detêm o poder de elevar os acontecimentos à condição de históricos” e que os meios de comunicação seriam o “principal lugar de memória e/ou história” do tempo atual” (RIBEIRO, 2003 apud HELAL; LISBOA, 2006, p. 7). Decidimos recuperar essas opiniões de Ribeiro e Helal e Lisboa porque as vemos como uma continuação daquilo que estamos assinalando a partir de nosso recorte histórico desde 1908. A única discrepância que apontaremos, inclusive como forma de reforçar a condição que estamos levantando, é que Ribeiro propõe que os meios de comunicação “passaram a ocupar” um espaço autorizado de produção e confirmação de realidade sócio-histórica no começo deste século e nós, em compensação, estamos indicando que essa propriedade já é perceptível um século antes, seguindo os levantamentos de Pereira.

Na progressão que nos propusemos a realizar neste percurso histórico, nos encontramos com uma instância que é consenso na maioria dos autores que consultamos sobre a exploração mais intensa da relação entre futebol e pátria, valendo-se dos meios de comunicação, a qual se dá a partir dos anos 1930 com a instauração do Estado Novo. Sobre essa utilização dos meios como um dos mecanismos para promover a desejada unidade nacional, Pereira lembra: “[...] tal impulso se consolidaria pela ação do poder público, encarregado de fazer do sentimento nacional um aliado da propaganda política do governo de Getúlio Vargas.” (1998, p. 96). E sobre o processo de utilização do futebol como forma de aglutinar diversos estratos sociais comenta:

[...] podemos buscar os caminhos pelos quais se construiu socialmente um amplo sentimento de nacionalidade entre torcedores de origens diversas – que nos permitiu entender o modo pelo qual ele foi experimentado por grupos que não tinham nas letras ou na política sua principal forma de expressão. [...] trata-se assim de fazer do futebol um meio de compreensão desse amplo sentimento nacional [...] (PEREIRA, 1998, p. 97).

Franco Jr. também assinala, sobre a utilização política do futebol, que esse esporte: “era reconhecido pelos governantes como eficiente meio de mobilização das massas, e a seleção como ingrediente fundamental da representação de nacionalidade” (FRANCO JR., 2007, p. 78).

O mesmo autor também faz menção à importância dos meios de comunicação, principalmente a partir dos anos de 1930, no processo de massificação do futebol:

[...] foi a partir do início dos anos 1930, com as coberturas jornalísticas de Mário Filho na imprensa escrita e as locuções pelo rádio, que as massas passaram a se vincular mais fortemente a determinados clubes, dentro e fora do estádio. (FRANCO JR., 2007, p. 78).

Se para o percurso histórico que estamos traçando neste trabalho optamos começar pela investigação de Pereira, sobretudo em função de alguns dos registros que dão conta das primeiras partidas da seleção brasileira e suas consequências na relação futebol-nação, continuaremos nosso caminho baseando-nos principalmente em ideias e conceitos teóricos propostos por Helal e Mostaro (2018).

Mencionamos que os anos 1930 são considerados por muitos pesquisadores, com a instauração do Estado Novo, como um período chave para entender o processo de busca de identidade nacional, que, em nosso caso, se atém ao futebol. Sobre esse contexto, Helal e Mostaro (2018, p. 16) comentam:

Consideramos os anos 1930 um momento importante na construção de uma ideia de nação. O Brasil passava por um momento de migração da população do campo para a cidade, com uma incipiente industrialização e urbanização e declínio das atividades agrícolas, como a produção do café, por exemplo. [...] O futebol penetrava no imaginário social brasileiro e seria um substrato decisivo para amparar as narrativas sobre a nação ao longo do governo de Getúlio Dornelles Vargas.

Uma das razões pelas quais se apontou para o futebol, e daí sua utilização como elemento aglutinador, era o argumento de que o brasileiro praticava o esporte de forma única, diferentemente dos demais povos, como se fosse um atributo distintivo e de reconhecimento. Ampliamos com Helal e Mostaro (2018, p. 20):

Com o poder mobilizador que o futebol adquiriu, ele não foi deixado de fora desta construção identitária. Mais do que isso, foi um dos seus principais sustentáculos. Neste processo de formação de um Estado-nação, erguer características singulares que demarcariam uma diferença frente aos outros povos se torna determinante. Neste prisma, o futebol e o samba, por exemplo, surgem como exemplos de brasilidade e da incorporação do negro na sociedade.

Apresentado esse contexto sócio-histórico de mudanças no país, e entendendo a importância do futebol como umas das formas sobre as quais se apoiariam a unidade e a formação dessa buscada identidade nacional, passaremos a incluir conceitos e análises propostos por Helal e Mostaro em função da crônica “Foot-ball mulato”, escrita por Gilberto Freyre durante a Copa do Mundo de 1938 e publicada pelo *Diário de Pernambuco*.

Quanto ao gênero crônica, os autores apontam que, na época, ela era uma grande influência “na elaboração e solidificação de um imaginário nacional em torno do futebol e na proliferação de seus sentidos na sociedade” (HELAL; MOSTARO, 2018, p. 17). Sobre o escrito de Freyre, são categóricos quanto à sua importância, uma vez que “conseguiu demarcar uma espécie de ‘pedra fundamental’ da construção narrativa em torno do estilo nacional de praticar o futebol”. (HELAL; MOSTARO, 2018, p. 17).

Antes de entrarmos na análise da crônica de Freyre feita pelos autores é preciso considerar que, no momento da produção daquela Copa de 1938, já estava plenamente vigente o processo de unidade nacional, em que se destacava aquilo que aparecia como intrinsecamente brasileiro em comparação com o que era estrangeiro, sobretudo como produto da miscigenação de raças e do “talento nato” do brasileiro, entre outros, para a prática do futebol. Sobre esse contexto e, em particular, no relacionado com o futebol à época, os sociólogos lembram:

O “desejo” e a “comprovação” de que “nosso futebol” era o “melhor do mundo” se deslocava rapidamente de uma “ilusão” do imaginário nacional para desembocar em uma narrativa que buscava projetar um mundo onde as aspirações de um “projeto de nação” se cristalizavam e estavam “prestes a se concretizar”. (HELAL; MOSTARO, 2018, p. 26, aspas do autor).



Posto o contexto de produção da publicação de Freyre, veremos que parte de sua importância e seu reconhecimento como texto fundacional reside no universo de atributos que o cronista confere ao time brasileiro, pelo “papel do imaginário nesta construção de um mundo que Freyre projetava e que será não só compreendido, mas enraizado como ‘o’ embrião do ‘país do futebol’ e do pensamento do futebol-arte.” (HELAL; MOSTARO, 2018, p. 26).

Para dar mais clareza e organização a nosso propósito no presente trabalho, apresentaremos a análise feita por Helal e Mostaro da crônica de Freyre conforme aparece no texto dos autores; para tanto, começaremos com a questão da miscigenação: Freyre (1938, p. 4 apud HELAL; MOSTARO, 2018, p. 26) aponta que apresentar no mundial de 1938 um time de futebol predominantemente mestiço foi um ato de coragem “que afinal tivéramos [...] de mandar à Europa um team fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros”.

A questão racial é, de fato, um elemento crucial na elaboração que Freyre propõe para o estilo brasileiro, pois, a partir da relação estabelecida entre o político e ex-presidente Nilo Peçanha com a forma de jogo da seleção nacional, em função da partida daquele mundial contra os poloneses, o cronista destila um compêndio de atributos e predicados que é fácil de reconhecer até mesmo na atualidade, quando o assunto é descrever a seleção brasileira de futebol. Freyre narra:

O nosso estilo de jogar football me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de **qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual** em que se exprime o mesmo mulatismo de [que] Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política. **Os nossos passes, os nossos pitu’s, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo** arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil. (FREYRE, 1938, p. 4 apud HELAL; MOSTARO, 2018, p. 27, negritos nossos)

E a modo de marco inaugural, indicando o surgimento do estilo brasileiro de jogar futebol, é o próprio Freyre quem se encarrega de não deixar dúvidas quanto ao momento, às características e ao parâmetro de comparação que envolvem esse nascimento:

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto. [...] Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro com o arianismo europeu. (FREYRE, 1938, p. 4 apud HELAL; MOSTARO, 2018, p. 27).

Também sobre o valor de “marco fundacional” do texto do Freyre, que introduz um estilo brasileiro de futebol próprio baseado em atributos sobretudo raciais, o sociólogo argentino Pablo Alabarces comenta:

La lectura sobre el futbol era novedosa, porque brindaba legitimidad teórica e intelectual al proceso de incorporación de los afrodescendientes al futbol brasileño. Si [...] se trató de un proceso difícil por las resistencias racistas de las burguesías paulista y carioca, las afirmaciones de Freyre clausuraban la discusión dando un paso adelante: el futbol brasileño sólo podía ser exitoso gracias a sus jugadores negros y mulatos, que lo volvían, además, arte. Esta idea del futbol brasileño como “futbol-arte” fue exitosísima —transformada en eslogan popular por los periodistas deportivos [...] Brasil iba a ser reconocido en el mundo por su futbol, una expresión artística popular que debía ser, además y obligatoriamente, mulata. (ALABARCES, 2018, p. 206).

Acreditamos que nesse processo de construção identitária a partir do futebol, também é imprescindível considerar a representação de alteridade como maneira de confirmar ou reconhecer aquilo que é assumido e defendido como próprio. Os esportes em geral, e muito especialmente o futebol, parece ser um espaço que permite esses reconhecimentos próprios e alheios de uma maneira mais clara.

Abordando a questão da alteridade entre Brasil e Argentina, a professora Simoni Guedes comenta que:

Os significados associados à nação e às alteridades que a constroem, no futebol, são reinscritos e atualizados nas competições

internacionais importantes. Este processo ramifica-se em muitas dimensões e níveis, durante os períodos em que é acionado: a propaganda é um deles. (GUEDES, 2002, p. 6).

Franco Jr. assinala que constituir um estilo brasileiro de jogar futebol estava vinculado com o estilo praticado por países vizinhos que, na época, já contavam com reconhecimento e prestígio:

[...] era reação ao fato de Argentina e Uruguai considerarem-se donos de um estilo particular, o *fútbol criollo*, inventivo e intuitivo, repleto de gestos improvisados e espontâneos, jogo que seguia o ritmo do tango e seus dramáticos movimentos lentos e rápidos. [...] Da malandragem brasileira – essa disposição em obter e em recorrer à flexibilidade e improvisação social (“jogo de cintura”) num país concentrador de poderes, riquezas e saberes –, procederia segundo Roberto Da Matta, o uso desinibido do corpo, diversão/dança/luta ilusionista de pernas e quadris, tão característica da capoeira. No futebol o país encontrava um espelho para se entende, como na mesma época tentavam fazer por outros caminhos pensadores como Paulo Prado e Gilberto Freyre. (FRANCO JR., 2007, p. 77, itálico do autor).

Pensamos que a escolha que fizemos em base aos autores que apresentamos nesta parte da investigação, em especial a análise proposta por Helal e Mostaro sobre o texto de Freyre, já nos permite atingir o objetivo proposto para este recorte histórico sobre os primeiros momentos do futebol no Brasil e a sua relação com a construção identitária nacional e o papel que as vozes dos meios de comunicação vão ganhando nesse processo. Mais adiante, a partir da página 57, ainda dentro deste capítulo, retomaremos alguns desses conceitos para traçar um paralelo com o que apontaremos sobre a história do futebol na Argentina e, assim, mostrarmos de maneira mais clara aquelas semelhanças e diferenças entre os modos como esse processo se dá em ambos os países que acreditamos serem pertinentes para nossa tese.

Fecharemos esta parte do percurso com uma última observação feita por Helal e Mostaro quanto à importância do rádio, naquele período, como meio de veiculação das ideias dessa construção de brasilidade tendo no futebol um ótimo aliado.

Também entendemos que a mediação do rádio foi um fator decisivo na propagação da narrativa de brasilidade pretendida pelo governo. [...] Essa simbiose rádio e futebol ajudou a incutir ideais do que seria o

“brasileiro” durante o governo Vargas e catapultaram a seleção brasileira de futebol como representante da pátria. (HELAL; MOSTARO, 2018, p. 24-25).

Os resultados que estamos apresentando ao longo deste trabalho nos permitem dizer que essa mediação ainda é perceptível, só que agora muito além do rádio. E, por outro lado, não se limita a inculcar ideias sobre a afirmação da brasilidade por meio da seleção nacional, mas a ampliá-las, reescrevê-las, atualizá-las ou esquecê-las, segundo os diversos momentos atravessados pelo conjunto nacional.

### **2.3 De *pibes criollos***

O termo *criollo*, no contexto que estamos assumindo para nosso trabalho, com base em um uso mais disseminado em Hispano-américa, é uma das acepções que propõe o *Diccionario del Español de México*: “Que se ha aclimatado en una región hasta convertirse en originario o nativo de ella.” No caso do futebol argentino, o *estilo criollo* com o qual é emparentado busca claramente destacar que é um produto originário dessas terras, com suas próprias características e seus predicados, fruto do qual deriva esse “pibe”, como representante genuíno do que é “próprio deste lugar” e que funciona como mais um elemento da construção identitária nacional na relação de alteridade com os atributos do futebol inglês.

Da mesma maneira que explicamos anteriormente quanto às escolhas feitas para tratar a questão histórica do futebol no Brasil, adotaremos um critério bastante similar para avançar em nossa investigação sobre a história desse esporte na Argentina. A maioria dos autores consultados assume textos e conceitos propostos pelo antropólogo Eduardo Archetti e, por tal motivo, o nosso foco também se pautou em indagar sua produção e assumir parte dela como base teórica para este segmento da tese.

Nos textos que escolhemos, Archetti comenta que fez boa parte de suas indagações baseado nas publicações da revista *El Gráfico*. E sobre o motivo dessa escolha, comenta:

*El Gráfico* puede ser, sin lugar a dudas, considerado como el semanario deportivo producido por la clase media con más influencia en la Argentina. El análisis de esta revista es, en consecuencia, el análisis de la construcción del imaginario masculino de clase media.

Su carácter de hegemónico no puede, indudablemente, discutirse, pero no su influencia decisiva en la definición de los campos de reflexión morales masculinos. (ARCHETTI, 1995, p. 420).

E amplia sobre o papel dos jornalistas que escreviam nesta revista:

Los periodistas de *El Gráfico*, excelentes escritores en su mayoría, reflexionan como miembros de la clase media pero, al mismo tiempo, permiten la expresión y la difusión de las voces, las imágenes y las performances de los jugadores de fútbol [...] (ARCHETTI, 1995, p. 420).

O próprio Archetti também se encarrega de deixar claro que a importância de sua escolha pelo conteúdo da revista se deve, por um lado, a que: “Su análisis es relevante porque todavía siguen siendo de gran influencia en la reproducción del imaginario histórico del fútbol argentino.” (1995, p. 426). E, por outro lado, porque na produção dos jornalistas que nela publicavam suas matérias está o vínculo que vai sendo estabelecido entre o desempenho dos esportistas argentinos, geralmente de condição humilde, com aquilo que iria se tornando “o nacional”, pelo menos dentro desse recorte masculino e esportivo:

La transformación de éstos [los deportistas] en “héroes” o “villanos”, en “modelos” a seguir o no, o el análisis cuidadoso de sus performances, son un ejemplo de un proceso de construcción simbólica de lo “nacional” a través de la examinación de las virtudes masculinas deportivas. El término “nacional” será usado para indicar que en la narrativa de *El Gráfico* a las voces, desempeños, éxitos o fracasos populares se une la reflexión intelectual de los escritores y periodistas de clase media. (ARCHETTI, 1995, p. 420, aspas do autor).

A questão da relevância de *El Gráfico* ao longo do tempo como umas das principais fontes de análises, avaliações e críticas – e, portanto, de validação de atributos – também é confirmada pelo historiador Roberto Di Giano ao analisar as profundas mudanças sentidas no futebol local a partir de 1962. Quanto a esta revista, afirma que: “[...] es una puerta de entrada privilegiada, pues allí se expresan muchos de los conflictos que se generaron en el cambio de orientación en el universo futbolístico [...]” (DI GIANO, 1998, p. 101). E mais interessante ainda é que, a partir de sua pesquisa, o mesmo autor percebe que essas

mudanças no futebol argentino ecoam na produção discursiva do semanário. Ele explica que:

El discurso de la revista, de fuerte sesgo pedagógico-moral, estaba dirigido a un público de lectores todavía con rasgos tradicionales pero inquieto por las transformaciones que se operaban en el ambiente del deporte local, que exponía una copresencia de elementos formados en épocas diversas produciendo los más vivos trastornos. (DI GIANO, 1998, p. 102).

Nas palavras de Di Giano podemos notar que a atualização discursiva da revista, fruto das mudanças manifestadas no esporte local, desnor-teava aqueles leitores acostumados com os atributos relacionados com o estilo tradicional que a revista foi sustentando ao longo do tempo.

Como estamos traçando um caminho histórico para tentarmos dar conta dos processos e eventos que são a base “de la metonimia fundamental: la relación con la patria”, nas palavras de Alabarces (2013, p. 32), tomaremos uma divisão que aponta Archetti sobre o que seria um marco da fundação do futebol argentino, não como a prática do esporte realizada pelos argentinos, mas como um conjunto de atributos reconhecíveis próprios dos jogadores argentinos. A divisão apontada pelo autor, baseando-se novamente nos textos de *El Gráfico*, indica o ano de 1913 como o do nascimento do “*estilo criollo*”. E por que esse ano? Porque nesse ano Racing Club foi o primeiro time formado apenas por jogadores de “*apellidos puramente latinos*” a vencer o campeonato local. Desde 1887 até 1912, as conquistas foram sempre de times de origem britânica, sobretudo o Alumni.

Sobre o surgimento do *estilo criollo*, o historiador Julio Frydenberg também aponta para a mesma causa e período: “El momento se corresponde con la desaparición del Alumni y el primer campeonato ganado por un equipo criollo – Racing en 1913 –. También es el momento en que desaparecen los equipos de origen inglés de la liga.” (FRYDENBERG, 1998, p. 60).

O fato de um time “latino” conquistar um campeonato dominado por “britânicos” parece ser um divisor de águas, por isso Archetti assinala esse acontecimento como fundacional pelos matizes e pelos envolvidos:

Para 1928 lo “criollo” ha adquirido características propias. La “fundación” del “estilo criollo” tiene que tener una fecha, un actor y un evento preciso: el Racing Club que en 1913 desaloja como campeón

al Alumni, el club hegemónico por años y años, representante no sólo de la “fundación” británica del fútbol sino también del “estilo británico”. (ARCHETTI, 1995, p. 432, aspas do autor).

Além dessa separação cronológica proposta pelo *El Gráfico* a partir das conquistas esportivas, o reconhecimento do nascimento do “*estilo criollo*” a partir de 1913 vem junto com o conjunto de atributos próprios desse estilo, que parecem emanar quase que naturalmente pela oposição às características típicas dos ingleses. Neste trecho extraído da revista fica evidente o que pertence a um estilo e que é do outro:

[...] es lógico que con el correr de los años, toda la influencia sajona del football haya ido desapareciendo para dar paso al espíritu menos flemático y más inquieto del latino [...] Inspirados en la misma escuela que los británicos, bien pronto los latinos fueron modificando la ciencia del juego e hicieron una propia, hoy ampliamente reconocida [...] ella se diferencia de la inglesa en que es menos monocorde, menos disciplinada y metódica, pues no sacrifica el individualismo en homenaje a la suma colectiva de los valores. En el football inglés todo tiende a destruir la acción personal para formar un todo sólido, de manera que un team no se cuenta por sus hombres separadamente, sino para la acción uniforme de todo un conjunto. De ahí que el football británico será realmente poderoso y tenga la fuerza regular e impulsiva de una verdadera máquina, pero es monótono porque siempre es igual y uniforme. El football rioplatense, en cambio, no sacrifica enteramente la acción personal y utiliza más el dribbling, el esfuerzo personal generoso, tanto en los hombres de ataque como de defensa, por consecuencia, un football más ágil y vistoso. (*EL GRÁFICO*, 1928, ed. 470, p. 15 apud ARCHETTI, 1995, p. 430-431).

Mesmo que se reconheça uma raiz ou um modelo britânico de prática de futebol a partir de características próprias desse estilo, como a organização e a disciplina coletiva, se estabelece a ruptura e a diferença do que se esboça como o “estilo rio-platense”, mais improvisado e individualista.

Archetti faz uma interessante leitura desse recorte apontando que o estilo nacional se opõe ao maquinal e industrial estilo inglês:

Lo “británico” aparece identificado con lo flemático, la disciplina, el método, lo colectivo, la fuerza y el poder físico. Estas virtudes ayudan a concebir un estilo como una “máquina”, es decir repetitivo. El autor reconoce que este estilo permite conceptualizar el fútbol británico como

“perfecto”, es decir industrialmente perfecto. Lo “criollo”, gracias a la influencia latina, es exactamente lo contrario: inquieto, individualista, menos disciplinado, basado en el esfuerzo personal, ágil y virtuoso. Gracias a estas características, concluye el autor, es posible imaginar al fútbol rioplatense como imperfecto y por lo tanto sujeto a desarrollarse cuando se declare el profesionalismo. (ARCHETTI, 1995, 432, aspas do autor).

Essa diferença entre a máquina perfeita e o aparelho imperfeito, mais próximo de uma produção criativa e imprevisível, também se apoia em elementos da ordem do físico:

Las virtudes corporales inglesas aparecen asociadas a “la fuerza y el poder físico” mientras que las virtudes de los criollos tienen que ver con la agilidad y la virtuosidad de los movimientos. La metáfora de la “máquina” como opuesta a la creatividad individual es una constante en el imaginario futbolístico argentino. Lo “británico” se asocia a lo industrial y lo “criollo” a un sistema social preindustrial. Frente a la máquina, o sea lo repetitivo, lo típicamente “criollo” debe ser el “dribbling”. El “dribbling” [...] es algo eminentemente individual y no se puede programar, es lo opuesto al juego industrial colectivo de una máquina. (ARCHETTI, 1995, p. 432, aspas do autor).

Quanto à importância do *dribbling* como espécie de atributo emblemático, o diferencial da máquina inglesa, Archetti recupera uma análise que o jornalista Borocotó fez na época sobre esse movimento e o vincula com uma personagem que funcionaria também como elemento próprio de contraponto criativo e plástico: o “*pibe criollo*”.

Borocotó, un periodista estrella de *El Gráfico*, elabora la teoría del *dribbling* criollo. Esta teoría está basada en las cualidades personales de los *pibes criollos* y su relación con los contextos sociales y espaciales que les permitieron desarrollarse (*EG*, n. 480, 1928). En primer lugar, el *pibe* se dio cuenta al ver a los ingleses que en ese estilo de juego no había lugar para la improvisación, para la “imaginación”. En segundo lugar, los *pibes* practicaban el fútbol espontáneamente en los *potreros* (espacios vacíos de la ciudad, de diverso tamaño, por lo general pequeños e irregulares) [...] En los *potreros*, ante el amontonamiento de jugadores en un espacio reducido, la única posibilidad de conservar la pelota un cierto tiempo era siendo un “dribbleador” empedernido. En tercer lugar, Borocotó recuerda que el fútbol argentino se ha hecho conocido en el mundo a partir del *dribbling*



y los jugadores que dejan la patria para ir a jugar a Europa son los que mejor “dribblean”. (ARCHETTI, 2008, p. 266-267, itálicos e aspas do autor).

Outro renomado cronista da revista *El Gráfico*, Chantecler, também aponta para o *dribbling*, porém, não apenas como elemento emblemático do “*estilo criollo*”, mas, como resultado de outros atributos exclusivos, como são a picardia e a “*viveza criolla*”. Neste caso, a fórmula “*viveza criolla*”, conforme apresentamos na seção 3.2, funcionaria como indicativo de uma capacidade que seria própria dos jogadores argentinos de conseguirem perceber situações ou condições ideais para tirarem alguma vantagem, atributo que faltaria em quem é ingênuo. O *dribbling* seria, precisamente, um dos resultados dessa capacidade. Chantecler amplia:

El “dribbling”, una expresión corporal, va a pasar a ser una muestra de lo fundamental del “criollo”. El “dribbling” expresa la viveza y la picardía criollas frente a la ingenuidad británica (CHANTECLER, 1928 apud ARCHETTI, 1995.).

Pablo Alabarces, mais um dos autores consultados para nossa pesquisa, também indica o “*estilo criollo*” como um dos itens a ser incluído e avaliado no processo que ele propõe como “los mecanismos del primer nacionalismo deportivo” (2007, p. 45). Sobre esse estilo particular vinculado com a forma argentina de jogar futebol, e também baseado em vários conceitos de Archetti, o sociólogo aponta, quanto àquele processo:

Necesita de una práctica y un relato de diferenciación: y este es el estilo de juego, más narrado que vivido, pero de una gran capacidad productora de sentido. La idea de un estilo criollo, que combina distintos elementos tácticos con prácticas individuales originales, se une con la fundación de ciertos lugares míticos, como el potrero, y figuras populares, como el *pibe* (Archetti). Pero cierta evidencia señala que esta construcción imaginaria trabaja de manera extendida en la nueva sociedad urbana: ya en 1919, el primer número de la revista infantil *Billiken* presenta en su tapa la figura de “El campeón de la temporada”, la imagen de un niño con vestimenta futbolística, desgreñado, con las huellas de una ardorosa batalla –un pibe–; todo lo contrario a la imagen “oficial” de un niño pulcro, obediente y escolarizado que es hegemónica en esos años (y por muchos más). De manera larvada, las imágenes alternativas y a la vez

complementarias con los discursos de las clases dirigentes circulaban por los medios. (ALABARCES, 2007, p. 46, itálico e aspas do autor).

Esse processo de diferenciação a partir do estilo de jogo também apresenta duas fontes de alteridade, da mesma forma que descrevemos que aconteceu no Brasil: um com aqueles que praticavam um estilo antagônico e o outro com quem tinha um estilo similar:

[...] Sin embargo, en los 15 años que van de 1913 hasta 1928 la transformación desde el estilo británico hasta el criollo fue un proceso gradual. En esta transformación la mirada del “otro distante”, los británicos, y del “otro cercano”, los uruguayos, será importante. (ALABARCES, 2007, p. 46 apud ARCHETTI, 1999, p. 61, aspas do autor).

Para fechar este tramo do caminho histórico relacionado com a Argentina, voltaremos a Archetti, quem, a modo de compêndio, enumera os principais atributos que integram esse incipiente “*estilo criollo*”, o qual, além de apontar para qualidades argentinas e tendo o futebol como foco, estabelece uma diferença e distância da matriz britânica. Archetti conta:

Frente a los valores tecnocráticos y su lenguaje, expresado en la importancia del “trabajo”, la “máquina”, la “ciencia” y el “juego colectivo”, la narrativa de *El Gráfico* opone la “indolencia”, el “arte”, la “intuición” y el “individualismo”. Estos últimos valores son los que van a definir un estilo nacional y una tradición criolla. Por lo tanto, la cultura del fútbol expresada en *El Gráfico* deriva en gran medida del conflicto entre estos aspectos modernos y antimodernos. La oposición y el contraste con el estilo “británico” o “inglés” debe verse desde esta perspectiva. (ARCHETTI, 1995, p. 443, aspas do autor).

Na próxima seção deste capítulo vamos propor uma comparação entre os momentos fundacionais dos estilos brasileiro e argentino e apresentaremos também nossas principais considerações em função do foco que colocamos na indicação, incorporação, atualização e desaparecimento, por caso das características atribuídas ao futebol de cada país.

## **2.4 Eles, nós e a gente**

Nunca é demais lembrar que essa indagação histórica é resultado de perguntas e necessidades próprias que foram surgindo à medida que nossa

investigação avançava, principalmente ao termos como objetivo a busca de elementos que nos ajudassem a dar conta de nosso desafio: propor as seleções nacionais como mercadorias não corpóreas dotadas de atributos próprios que foram sendo atualizados ao longo do tempo. Com essa observação também pretendemos reforçar que nosso trabalho não visa estabelecer uma comparação entre as seleções argentina e brasileira, mas que os elementos que separamos da história tenham correlação e que cada um dos tópicos propostos sirva para nosso propósito principal, sobretudo assumindo também que “é bastante notável que, tanto na Argentina quanto no Brasil, a construção da memória sobre o futebol esteja assentada nos mesmos eixos simbólicos.” (GUEDES, 2002, p. 9).

Posto isto, entendemos que será produtivo para a leitura e a compreensão dos pontos mais importantes apresentarmos uma categorização de itens que consideramos comuns à construção de identidade de ambas as seleções que poderão ser assumidos como elementos que ainda perduram, mesmo que de maneira atualizada ou reformulada, na produção de enunciados dos narradores de futebol, principalmente daqueles enunciados que fazem parte de nosso *corpus*.

Para organizar os elementos comuns que percebemos na história revista de ambas as seleções nacionais vamos propor os tópicos a seguir.

a) **Momento e contexto histórico inaugural:** o período inicial dos eventos históricos que incluímos neste trabalho vai dos anos 1910 até finais dos anos 1930. Somos plenamente conscientes de que da época escolhida como ponto de partida, até o presente, houve incontáveis alterações de toda ordem, fato que assumimos a todo momento neste trabalho quando apontamos para mudanças ou desaparecimento de atributos próprios, mas é esse marco fundacional que entendemos como mais proveitoso para apresentar nossos resultados.

Na Argentina, o ano de cisão apontado foi 1913, quando o Racing Club, time formado unicamente por jogadores de origem latina, conquista o título da Liga de Futebol, desbancando a sequência de vitórias do Alumni, de origem inglesa, que deixaria de existir como time de futebol nesse mesmo ano. Esse fato é retomado a partir de 1928 pela revista *El Gráfico* para dar continuidade à ideia de construção e evolução do “*estilo criollo*”.

No Brasil, reconhecemos também dois momentos: julho de 1908, quando a seleção nacional enfrenta pela primeira vez um combinado estrangeiro no Rio de Janeiro, e 1938, durante a Copa do Mundo desse ano, quando Gilberto Freyre publica sua crônica “Foot-ball mulato” e nela faz uma extensa descrição de como estaria composto o estilo brasileiro, baseado em atributos e características de um povo miscigenado, o que parece estar em consonância com parte das ideias unificadoras propostas pelo governo Vargas nessa mesma época. Em função dessa realidade dos anos 1930, Helal e Mostaro apontam:

Consideramos os anos 1930 um momento importante na construção de uma ideia de nação. O Brasil passava por um momento de migração da população do campo para a cidade, com uma incipiente industrialização e urbanização e declínio das atividades agrícolas, como a produção do café, por exemplo. [...] O futebol penetrava no imaginário social brasileiro e seria um substrato decisivo para amparar as narrativas sobre a nação ao longo do governo de Getúlio Dornelles Vargas. (HELAL; MOSTARO, 2018, p. 16).

b) **O contraponto:** claramente, em ambos os espaços pesquisados, o “eles” por oposição aos “nós” descritos, está apontado principalmente para a Europa. No caso da Argentina, a referência está colocada no britânico, preferencialmente. No Brasil, como descreve Freyre, a oposição se dá com ingleses, outros europeus e até norte-americanos, que jogam “tão angulosamente”.

Entretanto, consideramos que também existia uma relação de alteridade não marcada entre ambos os países por meio dos estilos que foram sendo reconhecidos, em cada espaço, aí sim em função do futebol europeu. Como já citamos, o *estilo criollo* e o futebol mulato já “trocavam olhares”. Sobre essa relação com o outro próximo, Alabarces aponta:

Pero poco ha sido trabajado sobre las relaciones entre Argentina y Brasil a pesar de que, en ambos, el peso del fútbol es desmesurado, no sólo por la manera como permea las sociabilidades cotidianas, sino por su importancia en la construcción de narrativas nacionales, de mitos de integración racial, de relatos de héroes que desbordan los campos de juego para transformarse en íconos de argentinidad o en un *rei atleta do século*. [...] Lo que ha sido poco analizado, insisto, es el punto de encuentro, el lugar limítrofe y liminal donde los relatos de identidad son también (porque precisan serlo) relatos de alteridad, y

donde el otro significante es, justamente, Argentina o Brasil. (ALABARCES, 2006, p. 69, itálico do autor).

c) **A personagem da nação:** também em ambos os trajetos históricos percebemos a presença de uma personagem que corporifica ou no qual os atributos dos estilos ganham vida. No caso argentino, essa personagem é o *pibe*, como representação da improvisação, da criação, da travessura, da individualidade como oposição à regra imposta, unificada e repetitiva vista nos ingleses. No Brasil, vemos o *mulato* como a representação imaginária do país, como o ponto de encontro nessa ideia de miscigenação imperante à época. Além disso, o *mulato* era quem tinha o dom da criação improvisada somada aos movimentos do corpo, também como oposição à rigidez e à repetição europeias.

d) **Os atributos próprios:** este tópico talvez seja um dos mais importantes para nossa pesquisa, porque entendemos que nos textos apontados e analisados há matrizes claras para muitos dos discursos que foram sendo gerados desde então, sobretudo a partir dos meios de comunicação, na relação futebol-nação e nos processos identitários em cada país. Também foi de nosso interesse pesquisar, como já comentamos, de que maneira essas matrizes ainda são retomadas nas narrações atuais, principalmente naquelas que integram nosso *corpus* de análise.

Os atributos que vamos considerar para este trabalho, no caso do Brasil, são aqueles listados por Freyre e abordados por Helal e Mostaro, que podemos separar em dois grupos – um relacionado com fatores cognitivos e atitudinais, por chamá-los de algum modo, e o outro, com capacidades físicas. Do primeiro fazem parte: a criação de surpresa, a manha, a astúcia, a ligeireza e a espontaneidade. Do segundo: passes, gingas, despistamentos, floreios e, principalmente, a dança e a capoeiragem, que contrastam com o jogo duro dos europeus.

Para o caso dos atributos argentinos, também podemos fazer a catalogação a partir dos mesmos dois grupos indicados acima, segundo os conteúdos da revista *El Gráfico* abordados por Archetti. Quanto aos fatores cognitivos e atitudinais, podemos apontar: improvisação, imaginação, picardia, indolência, arte, “*viveza criolla*”. E no que se refere às capacidades de ordem física, a que mais se destaca, com variadas formas de descrição, é o *dribbling*.

Todos esses atributos, também no caso argentino, estão em oposição àquilo que se reconhecia no futebol europeu e britânico, em particular.

Alabarces aponta para outro traço comum: o processo de popularização do esporte quase concomitante em ambos os países, e recupera Guedes, que indica:

El “producto” de este proceso, tanto en Brasil como en Argentina, resultará en la valorización de una corporalidad específica, en un determinado uso social del cuerpo [...] que explora sus potencialidades estéticas y su capacidad de vencer al opositor con su habilidad [...]. No se trata, entonces, de la apropiación simbólica de algo que está previamente dado. Se trata, más bien, de un largo proceso de construcción colectiva, con innumerables debates y posiciones distintas, constantemente avaladas o no por los resultados que produce. [...] En este caso, tanto para los brasileños como para los argentinos, todos los “otros”, particularmente los “europeos”, son como “máquinas”, capaces de usar el cuerpo apenas como fuerza. (ALBARCES, 2006, p. 72 apud GUEDES, 2002, p. 11).

Sobre o mesmo aspecto, o valor da popularização e do uso do corpo como marca distintiva dos europeus, o sociólogo argentino adere às observações de Guedes, entretanto deixa uma questão que também faria parte dessa alteridade, porém com a nação próxima:

Queda claro entonces aquello que nos une: una narrativa de hibridación y mestizaje, articulada sobre prácticas popularizadas a partir de una común propiedad de elite, con un origen también común de pueblos invadidos y colonizados, que en el momento de su “invención moderna” —las dos primeras décadas del siglo XX— encuentran en el fútbol, en un uso social —popular— del cuerpo, un significante diacrítico. Lo que queda por indagar es entonces la zona de distinción: aquello que nos separa. (ALBARCES, 2006, p. 72).

d) **A mídia:** este tópico também é de extrema importância para nossa investigação, pois entendemos que é nos e pelos meios de comunicação que os atributos vinculados a cada país se geram, atualizam, reformulam, debatem e entram em circulação – cada um desses meios com suas características, mas todos funcionando como suporte e aval dos discursos produzidos por jornalistas, cronistas, narradores, comentaristas etc. e replicados, reformulados, contrastados por outros jornalistas, torcedores, analistas etc. Como vimos, os

meios escritos (jornais, revistas de ampla circulação, gazetas etc.) eram aqueles que, na Argentina e no Brasil, publicaram os primeiros textos em que se estabelecia uma relação entre futebol e nação, e também para onde se volta para procurar essas raízes, como fez Archetti ao indagar na produção da época de *El Gráfico*, ou Helal e Mostaro, ao analisar a crônica de Freyre publicada no *Diário de Pernambuco*. Anos depois, o rádio entrou também como um meio fundamental nesse processo, como fica bem evidente no caso brasileiro, uma vez que, a partir de sua ampla difusão, os jogos passaram a ser narrados ao vivo e a produção de enunciados que carregavam os atributos entravam em circulação de maneira mais imediata. Futuramente, os novos meios de comunicação – televisão e meios digitais – seguiram o mesmo caminho como fonte de atributos e reafirmação da identidade nacional. Gastaldo comenta:

À medida que a hegemonia é conquistada através do conflito entre forças sociais pela articulação consensual dos significados, a veiculação de representações torna-se um elemento-chave neste processo, pois o poder de propor representações torna-se numa larga medida o poder de propor “definições” acerca da realidade: o tal “poder da mídia”. Neste sentido, a mídia representa um elemento poderosamente eficaz na constituição de uma “versão dominante” na cultura de uma sociedade. (GASTALDO, 2001, p. 8).

Reforçamos que esse percurso histórico proposto é tão-só um mínimo recorte que determinamos em função dos focos mais importantes de nossa investigação. Entendemos que essa base nos permite delimitar um perfil muito útil sobre um ponto de partida histórico, para cada seleção, que, no começo, vai se mostrando bastante próximo, em razão da época, das alteridades, dos símbolos identitários e dos atributos próprios, mas que, com o tempo, foram se afastando e seguindo cada qual seu caminho. Também temos plena consciência de que fatores como as derrotas marcantes ou os grandes triunfos ao longo do tempo, como diversos interesses políticos ou econômicos, especialmente vinculados com os meios de comunicação, contribuíram para a constante produção, atualização ou até mesmo esquecimento de atributos de cada uma das seleções nacionais analisadas.

### 3. CAPÍTULO III – O NARRADOR

Neste terceiro capítulo tratamos vários aspectos relacionados com o narrador. Propomos um diálogo entre o narrador de futebol, a partir do depoimento do locutor profissional uruguaio Víctor Hugo Morales, e o narrador em Lestov segundo Walter Benjamin. Abordamos diversos aspectos da construção do *ethos* do narrador de futebol. Indicamos os desdobramentos da voz do narrador em dois locutores-x ou “lugares sociais autorizados a falar”. Apresentamos conceitos e bases que nos permitem entender o narrador como um historiador.

#### 3.1 Os narradores

Definitivamente o narrador de futebol ocupa lugar central em nossa pesquisa, por ser ele o principal responsável pela produção dos enunciados que estamos analisando. Não estamos nos esquecendo dos comentaristas que acompanham os narradores, pois sua produção também faz parte de nossa análise com o mesmo grau de importância; contudo, é no narrador que “a magia acontece”.

Comentamos anteriormente que nossa proposta aponta para tal produção enunciativa como fruto de um “combo semiótico”: o profissional, a partir do olhar, determina apenas um recorte, faz uma escolha, entre todos os eventos de um jogo que ele poderia transformar em língua, para então ir produzindo cada uma dessas enunciações. Cristiane Santos (2012) aponta também de alguma maneira para essa configuração, do recorte do olhar à escolha lexical, sobre a produção enunciativa do narrador, quando afirma que:

[...] não podemos negar que o narrador/locutor apresenta uma posição importante na transmissão esportiva de futebol, pois é a ele que é dado o poder de interpretar o que vê e comunicar ao telespectador, a quem, por sua vez, cabe ressignificar o que lhe é significado pelo narrador/locutor. (SANTOS, 2012, p. 33).

Entretanto, essas mesmas enunciações produzidas pelo narrador poderão promover, mesmo que em parte ou apenas algumas delas, novas enunciações dele próprio que já não mais estarão necessariamente ancoradas no olhar do evento presente, mas numa lembrança provocada justamente por aquelas falas: “Ele escolhe o que narrar, o que descrever, o que julga exigir uma



explicação, por exemplo, tendo em vista o seu telespectador.” (SANTOS, 2012, p. 45). Podemos perceber na colocação da autora que ela também reconhece esses diversos tons na produção do narrador, os quais podem transitar do relato em si à descrição ou à explicação.

Essas novas enunciações, como dissemos, que podem ter sido promovidas por alguma fala recente do próprio narrador, poderão configurar um comentário, uma conjectura, uma avaliação, uma crítica, um conselho, uma recapitulação, um resumo etc. para logo reiniciar esse ciclo no seguinte fato presente recortado pelo olhar, que vai estimular novos enunciados.

O renomado narrador de futebol Víctor Hugo Morales<sup>9</sup>, em entrevista que nos concedeu com motivo desta pesquisa, ao descrever a narração esportiva, claramente alude a essa relação entre o que se vê, o que se interpreta e o que se diz. Sobre ela, Morales comenta:

Es la descripción, lo más objetiva posible, de hechos que están ocurriendo delante de nuestra mirada. O también en nuestra imaginación. Cualesquiera de las dos cosas sirven. Yo tomo lo que ocurre en un estadio de fútbol o de básquetbol o en un ring de boxeo, y trato de que lo objetivo, que es qué ocurre, le llegue, a través del tamiz de mis palabras y de mis ideas, al oyente, al espectador. [...] es una profesión muy intelectual, muy creativa porque hay que hilvanar permanentemente lo que sucede adelante de nosotros. Yo creo que es un arte menor. (MORALES, 2021).

O narrador de futebol também parece ter a capacidade de poder se deslocar no tempo e no espaço enquanto relata o jogo, e pensamos que tal atributo advém dessa sensação de movimento que gera no ouvinte através dos vaivéns de sua narrativa. Essa combinação nos remete, sem dúvidas, a algo que propõe Walter Benjamin (1987) ao analisar a categoria de narrador na obra de Lestov: a partir de uma metáfora o indica como um lugar onde acontece um tipo de simbiose entre os saberes de um marinheiro que chega de longe, carregado de contos colhidos nas suas viagens, e os de um camponês local, conhecedor das tradições e da história do lugar. E nessa união entre esses dois “mestres da arte de narrar”, aponta o autor, que: “[...] associava-se o saber das terras

---

<sup>9</sup> Em 3 de julho de 2021 realizamos uma entrevista telefônica com o narrador Víctor Hugo Morales na cidade de Buenos Aires. Essa entrevista integra os dados coletados para esta tese. Áudio completo disponível em: [https://drive.google.com/file/d/171hSSpJ\\_3ITSRDLwci-VKcG8K0wCgEEw/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/171hSSpJ_3ITSRDLwci-VKcG8K0wCgEEw/view?usp=share_link)

distantes, trazidos para casa pelos migrantes, com o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário.” (BENJAMIN, 1987, p. 199). Portanto, de alguma forma, o narrador é proposto como um “disseminador de saberes”, saberes que se manifestam como obtidos de diversas fontes e tempos, ou também colhidos por ele mesmo nas suas experiências de vida e de outros: “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” (BENJAMIN, 1987, p. 201).

Nessas “coisas narradas” que seus ouvintes incorporam, ou seja, na sua narrativa, poderia achar-se o produto, a materialização desses saberes. Voltamos ao filósofo alemão para ampliar sobre esse processo. Com relação à narrativa:

Ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira o narrador é um homem que sabe dar conselhos [...] O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. [...] Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la da vida dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador. (BENJAMIN, 1987, p. 200-205).

Entendemos e assumimos, portanto, o narrador como um lugar de onde uma sabedoria emana, traduzida em conselhos, como aponta Benjamin, ou também em outras formas, como as que mencionamos há pouco, mas agora com sua própria “marca impressa”, já que essa sabedoria o atravessou.

Nesta ida e volta que estamos propondo entre o narrador de Benjamin e nossos narradores de futebol, como lugar de onde pode provir conhecimento através de suas narrativas, retomamos a entrevista a Morales, na qual ele aponta para uma questão bem peculiar, no caso do relator de futebol, e que diz respeito aos poucos eventos que parecem acontecer “uma única vez e para sempre” e que, justamente, esse profissional, se estiver “em estado de graça”, poderá torná-los “para sempre”, ou seja, história.

Todo el tiempo ocurren hechos que son una sola vez. Esa sola vez puede ser, en muchas ocasiones, incomparable, única. Es decir, es una sola vez que va a tener una imitación de la vida. Es únicamente eso. Porque goles hay muchísimos, y bueno, está ocurriendo por única vez. Pero por única vez para siempre no son tantas las circunstancias

que suceden, ni en el deporte ni en la vida. [...] Y esos hechos maravillosos que deja el fútbol, y que se quedan por una sola vez, son los que permiten al relator, si está “en vena”, **augurar un futuro de gloria** para ese momento que uno está viviendo. (MORALES, 2021, negrito nosso).

Nessa parte do depoimento de Morales também conseguimos perceber algo que estamos apontando ao longo desta tese e que se refere ao reconhecimento de determinados eventos dentro de um jogo em que o narrador traduzirá em enunciados, os quais não apenas poderão “augurar um futuro de gloria” se estiver “*en vena*”<sup>10</sup>, como também, nesse vaticínio, talvez possa ficar assinalada alguma forma material a partir de que tais eventos ou determinada equipe devam ser lembrados.

Até aqui formulamos aquilo que preferimos selecionar para poder construir uma conceitualização do narrador de futebol conforme nossos objetivos e, desse modo, deixá-la proposta: um lugar onde se unem saberes vários, de diversos tempos e lugares, dentro da ampla prática social de espetacularização do esporte, e do qual emanarão esses e novos saberes já com sua rubrica, que poderão, entre outras coisas, ser reproduzidos por seus ouvintes e, eventualmente, atravessar o tempo. A materialização desses saberes se encontra em suas narrativas vestidos de conselhos, apreciações, apontamentos, reconhecimentos, críticas, sugestões, entre outros tantos trajés.

### 3.2 O *ethos* do narrador

Posto isto, apontaremos agora as bases teóricas selecionadas para ampliar nosso trabalho sobre o narrador que consideramos como as mais pertinentes para esta investigação.

Vamos começar por um conjunto de conceitos associados entre si propostos por Dominique Maingueneau, sendo os primeiros deles o de *ethos* discursivo, o papel do fiador e a incorporação.

A partir do conceito de *ethos* na retórica, Maingueneau (2008, p. 56-57) formula:

---

<sup>10</sup> Expressão que indica que alguém se encontra em “estado de graça” ou que consegue perceber muitos detalhes sobre algum aspecto ou alguma situação, e que o resultado de tal percepção produzirá uma ação, um comentário, um fato adequado àquilo que a motivou.

[...] tudo o que, na enunciação discursiva, contribui para emitir uma imagem do orador destinada ao auditório. Tom de voz, modulação da fala, escolha das palavras e dos argumentos, gestos, mímicas, olhar, postura, adornos etc., são outros tantos signos, elocutários e oratórios, vestimentais e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica.

A essa formulação adiciona:

Não se trata de uma representação estática e bem delimitada, mas, antes, de uma forma dinâmica, construída pelo destinatário por meio do próprio movimento da fala do locutor. O *ethos* não age no primeiro plano, mas de forma lateral. Ele implica uma experiência sensível do discurso, mobiliza a afetividade do destinatário. [...] A eficácia do *ethos* tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem ser explicitado no enunciado. [...] o *ethos* se mostra no ato de enunciação, ele não é dito no enunciado. Ele permanece, por natureza, no segundo plano da enunciação: ele deve ser percebido, mas não deve ser objeto do discurso. (MAINGUENEAU, 2008, p. 57-59).

Maingueneau assinala três características do *ethos* discursivo que pensamos serem muito adequadas para nosso propósito de delimitar a base teórica relacionada com o narrador de futebol, e sobretudo, que colaboram na construção dele como espaço de saber. A primeira dessas três propriedades é que:

- [...] ele se constitui por meio do discurso, não é uma “imagem” do locutor exterior à fala;
- o *ethos* é fundamentalmente um processo *iterativo* de influência sobre o outro;
- o *ethos* é uma noção fundamentalmente *híbrida* (sociodiscursiva), um comportamento socialmente avaliado, que não pode ser apreendido fora de uma situação de comunicação precisa, ela própria integrada a uma conjuntura sócio-histórica determinada. (MAINGUENEAU, 2008, p. 6, *itálico do autor*).

O segundo elemento deste conjunto que estamos apresentando é o fiador, ou “uma figura que [...] por meio de sua fala, se dá uma identidade em acordo com o mundo que ele supostamente faz surgir” (MAINGUENEAU, 2008, p. 65). E mais:

Assim, acaba-se por atribuir ao fiador um “caráter” e “uma corporalidade” cujo grau de precisão varia segundo os textos. O

“caráter” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “corporalidade”, ela é associada a uma compleição física e a uma forma de se vestir. Além disso, o *ethos* implica uma forma de mover-se no espaço social, uma disciplina tácita do corpo, apreendida por meio de um comportamento. O destinatário o identifica apoiando-se em um conjunto difuso de representações sociais, avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos, que a enunciação contribui para reforçar ou transformar. (MAINGUENEAU, 2008, p. 65, aspas do autor).

E o último item é a “incorporação” ou, para Maingueneau (2008, p. 65), “a maneira pela qual o destinatário em posição de intérprete [...] se apropria desse *ethos*”. A “incorporação” pode atuar em três registros:

- a enunciação da obra confere uma “corporalidade” ao fiador, ela lhe *dá corpo*;
- o destinatário *incorpora*, assimila um conjunto de esquemas que correspondem a uma maneira específica de relacionar-se com o mundo habitando seu próprio corpo;
- essas duas primeiras incorporações permitem a constituição de um *corpo*, da comunidade imaginária daqueles que aderem ao mesmo discurso. (2008, p. 65, aspas do autor).

Contudo, o mesmo autor elabora uma crítica sobre sua própria proposta e sugere uma ampliação sobre sua composição inicial do *ethos*:

Minha própria concepção de *ethos* foi sem dúvida marcada pelo fato que coloquei à prova sobretudo textos religiosos, publicitários ou literários: o destinatário constrói a figura de um *fiador* dotado de propriedades físicas (*corporalidade*) e psicológicas (*caráter*), apoiando-se sobre um conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, de estereótipos que a enunciação contribui a fortalecer ou a transformar [...] As “ideias” suscitam a adesão do leitor através de uma *maneira de dizer* que é também uma *maneira de ser*. Essa concepção de *ethos* é colocada em evidência através do conceito de *incorporação* [...] O problema é que esse conceito de *ethos* não permite a análise com a mesma eficácia para todos os tipos de textos. (MAINGUENEAU, 2016, p. 322, itálico e aspas do autor).

Para atingir seu propósito, o linguista francês acrescenta ao conceito de *ethos* “três dimensões que interagem fortemente”: categorial, experiencial e ideológica, que também vamos assumir para nossa pesquisa porque

consideramos que aportam uma base ainda mais sólida para a construção que estamos sugerindo para os narradores de futebol.

Sobre a primeira dimensão, a categorial, ele aponta:

Ela pode tratar de papéis *discursivos* ou de status *extradiscursivos*. Os papéis discursivos são aqueles ligados à atividade de palavra: animador, contador, pregador... Os status extradiscursivos podem ser de natureza muito variada: pai de família, funcionário, médico, camponês, americano, solteiro etc. (MAINGUENEAU, 2016, p. 322, itálico do autor).

Claramente nossa personagem ficaria mais estreitamente vinculada, dentro dessa dimensão, a um papel discursivo sem por isso exceptuar o extradiscursivo.

Quanto à segunda dimensão, Maingueneau (2016, p. 322) explica que: “[...] recobre as características sociopsicológicas estereotipadas, associadas às noções de incorporação e de mundo ético: bom senso e lentidão do camponês, dinâmica do jovem empreendedor.”. Nesse caso, poderíamos pensar para os narradores, além dessa mesma dinâmica que postula o autor para o empreendedor, características como a figuração de objetividade, e por que não, diversos matizes de emotividade transmitidos tanto pela ênfase colocada no próprio relato como nas escolhas lexicais e semânticas com as quais procura descrever as variadas instâncias do jogo.

A última dimensão proposta é a ideológica, a qual “[...] refere-se a posicionamentos dentro de um campo: feminista, de esquerda, conservador ou anticlerical... dentro do campo político, romântico ou naturalista... dentro do campo literário etc.” (MAINGUENEAU, 2016, p. 322). Acreditamos que a produção dos narradores e comentaristas permite compor um *ethos*, em função dessa dimensão, que remeta a uma posição vinculada, sobretudo, com os diversos atributos de um time ou uma seleção e de suas posturas ou desempenhos futebolísticos em determinado jogo ou competição. Em suma, como se aprova, se desaprova, se defende ou se critica a atitude ou o desempenho de um time, em determinado jogo ou torneio, considerando sua história e os predicados com os quais essa equipe está identificada. E esse último ponto nos permite pensar, por vínculo ou extensão, num *ethos* que, pela análise futebolística, pode se aproximar de uma postura mais nacionalista,

apoiada, justamente, na identidade nacional como nexos entre o esporte e a pátria.

Outro conceito teórico que adotamos porque vemos que se apresenta como muito pertinente para nossa pesquisa é o da identidade autoral na produção textual, assumindo algumas propostas de Salazar (2016) em função de Maingueneau. Porém, não apenas nos interessa abordar a própria definição de identidade autoral, como também a divisão em três planos da produção literária, que adequaremos a nosso gênero, formada por:

[...] um *espaço*, feito de objetos e práticas que levam os indivíduos a assumir lugares (de leitor, de escritor, de mediador...); um *campo*, em que se confrontam posicionamentos estéticos definidos, entre outras coisas, pelos gêneros de discurso mobilizados; e um *arquivo*, isto é, uma memória discursiva que, ao mesmo tempo que se põe como herança de toda nova criação, é incessantemente refeita, retrabalhada na sua relação com cada novidade. (SALGADO, 2016, p. 6-7, *itálico da autora*).

E sobre a própria identidade autoral, Salgado amplia:

[...] é feita de i) aspectos pessoais (mesmo que a pessoa empírica não seja inteiramente apreensível no texto – e talvez não o seja de nenhum outro modo –, parece inegável que a vida que se leva, as relações que se cultivam, as experiências que se tem são parte inextricável da obra que se produz); ii) aspectos ligados a um reconhecimento social do pertencimento à dinâmica acima descrita (o que explica, entre outras coisas, a força do *star system*, que muitas vezes faz de textos banais verdadeiras referências culturais de uma comunidade discursiva, ou o inverso, como efeito colateral); e iii) aspectos ligados ao trabalho com o material linguístico propriamente (que decerto se dá em toda enunciação, mas que, no caso da literatura em particular e, mais amplamente, de todo material escrito destinado a circulação pública, é a razão de ser dos textos). (2016, p. 7-8, *itálico da autora*).

A autora também trata no mesmo material a ideia de “gestão autoral”, sobre a qual pretendemos voltar para avaliarmos as diferentes configurações de nós borromeanos formados pelas três instâncias que dão corpo a essa gestão – pessoa, inscritor e escritor – assim como nos valer da metodologia ali proposta, que:

[...] busca descrever seu funcionamento, seu regime de existência, sua pulsação na ordem do discurso: Às condicionantes de circulação do

ser empírico, dotado de uma inscrição social que o localiza como cidadão central ou marginal num sistema (ou seja, participe de esferas de decisão em alguma medida ou delas apartado, afastado, destituído), conjugam-se as demandas pelo gerenciamento do que institui uma figura pública de autor (as várias formas de retomada, como resenhas, entrevistas, anuários, antologias e outros expedientes de comentário e difusão) e as formas do trabalho inscricional propriamente (como se escreve, com que manobras no sistema linguístico, com que coerções de outras normas que sobre ele incidem). (SALGADO, 2016, p. 9-10).

Outro conceito que vamos incluir neste embasamento teórico, e que aponta mais para algumas formas específicas da produção material do narrador e dos comentaristas, é o de fórmulas, já que nos permite sustentar não apenas a relação que notamos entre a produção desses profissionais com aqueles discursos já instaurados ou os “fundacionais”, conforme citamos na seção 2.4, mas também permite assinalar para aqueles que começam a entrar em circulação carregando já essa marca, essa assinatura, como também propõe Benjamin, conforme descrevemos anteriormente neste capítulo.

Quanto às fórmulas, Krieg-Planque (2018, p. 129) comenta:

[...] uma fórmula funciona como passagem obrigatória dos discursos em um dado espaço público, para ser defendida pelos locutores ou para ser negada. A fórmula é um objeto discursivo que convida os locutores a tomarem-no para si, um objeto em relação ao qual os locutores são chamados a tomar posição. Desse ponto de vista, uma fórmula emerge de funcionamentos relacionados à doxa, contribuindo para a estruturação do senso comum e participando da naturalização dos conceitos que ela denomina – por isso, deve ser posta em relação com posicionamentos que fabricam o consenso e discursivizam a evidência.

A modo de exemplo, vejamos algumas fórmulas que integram enunciados dos casos analisados:

- “[...] *Es el tiempo de las definiciones.*” / “Perder é do jogo.” / “*A abrir grande los ojos.*”

Este recorte teórico que elaboramos para a figura do narrador e dos comentaristas é aquele que acreditamos ser o mais convincente não apenas para analisarmos os enunciados que conformam nosso *corpus*, como também



para sustentarmos qual é o lugar de conhecimento que propomos como característico do discurso do narrador de futebol.

Desse modo, a partir “da imagem psicológica e sociológica que dá de si mesmo” e que coloca em circulação “uma memória discursiva que, ao mesmo tempo que se põe como herança de toda nova criação, é incessantemente refeita, retrabalhada na sua relação com cada novidade”, apoiado numa materialidade produzida a partir de “seu papel discursivo” que, entre outras coisas, “é colocada em relação com os posicionamentos que fabrica o consenso e discursiviza a evidencia”, consideramos que podemos dar o passo seguinte na nossa análise e que diz respeito a organizar esse conjunto, a manifestação desses saberes, precisamente partindo de uma categorização segundo o tipo de construção de referência perceptível nos diferentes enunciados do *corpus* com que trabalhamos. Com “tipos de construção de referência” apontamos para o reconhecimento de diferentes conteúdos que carregam esses enunciados produzidos pelo narrador, em função das ações do jogo e da escolha que ele faz a partir seu olhar, ou de outros enunciados elaborados também por ele, traduzidos nos diversos tons que percebemos nessas falas.

### **3.3 Os locutores e o narrador**

Como já detalharemos e ampliaremos no capítulo V, destinado à análise dos enunciados, são quatro os tipos de tons que nos permitem distinguir esses saberes e que orientam a categorização de enunciados, conforme acabamos de mencionar, e que denominamos “modulações”.

Entretanto, para atribuímos uma “voz autorizada” para essa produção enunciativa e poder organizar melhor a variedade de modulações que estamos adiantando, nos apoiaremos em alguns conceitos teóricos que consideramos pertinentes para essa finalidade.

O primeiro passo que entendemos ser necessário é assumir o conceito de locutor-x de Guimarães (2005), para delimitar os diversos “lugares sociais autorizados a falar” com os quais vamos relacionar as quatro modulações indicadas. Sobre o locutor-x, Guimarães explica:

[...] Em outras palavras, o Locutor só pode falar enquanto predicado por um lugar social. A este lugar social do locutor chamaremos de *locutor-x*, onde o locutor (com minúscula) sempre vem predicado por

um lugar social que a variável x representa (presidente, governador etc.). Assim é preciso distinguir o Locutor do lugar social do locutor, e é só enquanto ele se dá como lugar social (locutor-x) que ele se dá como Locutor. Ou seja, o Locutor é díspar a si. Sem essa disparidade não há enunciação. (GUIMARÃES, 2005, p. 24, Itálico do autor).

O passo seguinte, uma vez assumido o conceito de locutor-x, é voltar à nossa dissertação de mestrado (RUSSO, 2013) e recuperarmos duas figuras que ali propusemos, em função desse conceito de Guimarães, já que serão altamente produtivos para a análise dos enunciados do atual *corpus*: o locutor-narrador profissional (I-NP) e o locutor-torcedor/hincha (I-T/H). Em Russo (2013, p. 83), indicamos a primeira diferença entre o I-NP e o I-T/H:

[...] o primeiro, com uma produção de enunciados cujo conteúdo fica mais próximo da informação concreta dos acontecimentos do jogo; e o do segundo, cujos enunciados apresentam matizes avaliativos, críticas, desabafos, aprovações etc.

Ao empregarmos uma denominação como “informação concreta dos acontecimentos do jogo” em relação com o I-NP, estamos nos referindo a fatos derivados da prática do esporte num determinado jogo, como poderia ser a informação de que um gol foi anotado, quem foi o autor de tal gol e/ou seu time, os minutos jogados em determinado momento de uma partida e/ou o período, o resultado parcial, o nome do juiz ou do estádio, algum movimento corporal específico de algum jogador etc. Em suma:

São dados concretos, que fazem parte da realidade do jogo e que, a princípio, não permitiriam outra leitura ou compreensão (a não ser uma eventual correção, como dizer que não foi o jogador X, mas o Y quem fez o gol; ou que não foi aos 25 minutos do segundo tempo, porém, aos 26). (RUSSO, 2013, p. 85).

Quanto ao I-T/H, fizemos em Russo (2013) uma divisão para agrupar os enunciados que respondem a essa voz, e dentro dessa distribuição há duas modulações que denotam marcas avaliativas ou das quais se pode inferir algum grau de conhecimento sobre o jogo. O primeiro grupo corresponde à variável “modulações aprovativas e reprovativas”, e aqui incluímos todos aqueles enunciados em que alguma jogada, comportamento ou desempenho de algum dos envolvidos na partida, resultado parcial, instância do próprio jogo etc., promove algum tipo de julgamento ou ponderação por parte do narrador ou dos comentaristas. Como o próprio nome da modulação já deixa adivinhar, tais manifestações podem ser aprovativas – através de formas de reconhecimento,

elogio, exaltação, apoio etc. – ou podem ser reprovativas – em que as expressões indicam crítica, reclamação, objeção, exigência etc.

Denominamos a segunda modulação proposta em 2013 “representações de lugares de saber”; neste caso, o que fica em evidência é a expressão de algum grau de “saber de enciclopédia ou almanaque de futebol”, por parte do enunciador, sobre diversos aspectos relacionados com o esporte. Dentro desse universo incluímos manifestações que apontem para a forma como deveria ser executada ou resolvida alguma jogada; circunstâncias, efemérides ou eventos históricos que são recuperados durante o jogo; e também diversas hipóteses, cálculos ou elucubrações sobre o que um time, jogador ou técnico deveria fazer em tal ou qual condição da partida, além de vaticinar um futuro promissor ou nebuloso em decorrência do resultado da partida narrada. Como já indicamos, voltaremos a essas vozes e modulações na seção 5.2, no qual apresentaremos as análises desta tese. Porém cabe adiantar que esta modulação que acabamos de descrever foi atualizada e receberá o nome de modulação avaliativa/ de almanaque, conforme descreveremos abaixo, na página 94.

Acreditamos que apoiar-nos nessas duas vozes foi um passo importante no avanço deste trabalho, pois nos permitiu ter uma visão mais clara das diversas modulações reconhecíveis na produção enunciativa do narrador e, desse modo, poder agrupar essas falas, e seus desdobramentos, a partir de “lugares sociais autorizados a falar”.

Apresentados os dois locutores aos que atribuiremos as modulações percebidas nos enunciados de nosso *corpus*, retomaremos a descrição dos grupos que formamos em função delas. No primeiro grupo, chamado de modulações informativas, estão os enunciados que denotam um conhecimento sobre dados ou eventos específicos da partida que está sendo narrada, e que pode incluir, entre tantos outros tópicos, o nome de um jogador, o placar parcial do jogo, ou se determinado lance é um escanteio, um lateral ou uma falta. Nesses enunciados se percebe a intenção de transmitir uma informação ou descrição bastante fiel daquilo que de fato acontece em campo.

Ao segundo grupo demos o nome de modulações de almanaque e está integrado por aqueles enunciados em que percebemos um tom que poderia remeter a uma espécie de “compêndio de saberes sobre o futebol” que autorizaria a manifestação de opiniões, valorações, críticas, sugestões, elogios,

explicações, conselhos etc., apoiados em experiências próprias ou colocadas como tal; presentes, recentes ou de qualquer momento da história, inclusive com projeções sobre o futuro. Geralmente esses enunciados são provocados por outros em que foi manifestada uma informação concreta do jogo narrado.

Chamamos de modulações de relato histórico a terceira agrupação, na qual reunimos enunciados em que é possível reconhecer elementos que recuperam dados atribuídos à história de uma seleção. Esse grupo deriva diretamente do anterior, das modulações de almanaque, porém, com traços mais específicos que serão ampliados no capítulo de Análises. Entretanto, devido à importância que tem essa modulação em especial dentro de nosso trabalho, uma vez que foi resultado das primeiras análises de nosso *corpus* e é nela que percebemos mais nitidamente os atributos que procuramos, vamos destinar embaixo, neste mesmo capítulo, alguns tópicos teóricos em que vincularemos o papel do narrador como historiador e o reconhecimento de elementos do relato histórico em sua produção enunciativa.

Voltando ao grupo de modulações, ao último conjunto destinamos o nome de modulações de torcedores midiáticos/hinchas midiáticos, no qual estão os enunciados em cujo tom percebemos proximidade com o que poderia ser produzido por um torcedor que está assistindo ao jogo pela televisão, ou qualquer outro meio, em sua casa ou em algum outro espaço, e que se expressa oralmente em função dos acontecimentos do jogo que está vendo e ouvindo. Afirmamos que é “midiático” porque o narrador, ao denotar o *ethos* de torcedor, não usa palavrões, injúrias, insultos vários, como é normal que produza um “torcedor padrão”, mas mantém um léxico adequado aos meios de comunicação.

### **3.4 O narrador histórico**

Mencionamos, logo acima, que retomariamos a questão do relato histórico dado que nas primeiras análises de nosso *corpus* percebemos enunciados com esse tipo de modulação. Nessas falas começamos a vislumbrar os primeiros indícios de atributos relacionados com as seleções nacionais, daí sua importância neste trabalho.

O que pretendemos aqui é aportar mais dados sobre o narrador de futebol, porém, nesse caso, estreitamente vinculados com esse tipo de produção enunciativa. Ou seja, acrescentar elementos que nos permitam dar-lhe também

um papel de historiador e, assim, tentarmos levantar mais dados para compor esse papel que tem uma voz autorizada a produzir relatos com viés histórico.

Embora no capítulo II tenhamos abordado assuntos vinculados com a memória, retomaremos esse tema para podermos chegar de forma mais clara a nosso “narrador historiador”, como queremos propor aqui. Daremos o primeiro passo começando pela seguinte afirmação de Todorov (2000, p. 16) sobre memória: “[...] la memoria, como tal, es forzosamente una selección: algunos rasgos del suceso serán conservados, otros inmediata o progresivamente marginados, y luego olvidados”. E desse recorte que escolhemos de Todorov, vamos acrescentar palavras de Vezzetti (2002, p. 31), já que estabelecem uma clara relação entre memória e história, a partir do que é preservado:

[...] en la medida en que la dinámica de la memoria supone cierta selección de los hechos del pasado, establece siempre un compromiso entre la preservación y el borramiento. Para que un contenido, o un grupo de representaciones sea fijado, destacado, evocado, reconocido, otros contenidos y representaciones deben pasar a un cierto estado de borramiento, transitorio o definitivo.

Avançando com esses conceitos iniciais que propomos a partir de Todorov e Vezzetti e pelos quais indicamos a relação entre o que permanece e o que se descarta a partir da memória, voltaremos a Michael Pollak, de quem novamente adotaremos várias noções: “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (1992, p. 203).

Determinamos recuperar este autor para nos apropriarmos de algumas de suas propostas que vinculam memória e identidade social e que, como também apontamos no capítulo sobre História, fazem parte da base teórica de análise dos enunciados sobre os quais desenvolvemos nosso estudo.

Continuando no percurso teórico que estamos seguindo para esboçar nosso “narrador historiador” tomamos do autor francês alguns aspectos teóricos que nos apontam um caminho ao abordar a memória e a construção de identidade, a começar pelo entendimento de que a memória é tanto individual como coletiva:

*A priori*, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas [...] a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a

flutuações, transformações, mudanças constantes. (POLLAK, 1992, p. 201).

Essas constantes mudanças ou movimentos assinalados nesse “fenômeno” não impedem que existam também, e para o mesmo autor, pontos ou eventos estáveis, seja na memória individual, seja na coletiva, pelo que “devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis” (POLLAK, 1992, p. 201). E amplia:

É como se, numa história de vida individual – mas isso acontece igualmente em memórias construídas coletivamente – houvesse elementos irreduzíveis, em que o trabalho de solidificação da memória foi tão importante que impossibilitou a ocorrência de mudanças. Em certo sentido, determinado número de elementos tomam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa, muito embora outros tantos acontecimentos e fatos possam se modificar em função dos interlocutores, ou em função do movimento da fala. (POLLAK, 1992, p. 201)

Dentro do marco em que levamos a cabo nossa pesquisa, a reflexão desenvolvida acima é sumamente importante, pois nos permite vislumbrar no narrador de futebol um lugar onde esse “trabalho de solidificação da memória” se realiza ou tem continuidade; como também, onde “determinado número de elementos tornam-se realidade” ou que “possam se modificar em função dos interlocutores ou do movimento da fala”.

Quanto à importância da memória na construção de identidade, Pollak destaca que:

O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (1992, p. 204).

E o autor propõe que nesse processo de construção identitária a partir da memória, seja ela individual ou coletiva, há três elementos essenciais:

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido

físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados. (POLLAK, 1992, p. 204).

Por último, destacamos o peso que o sociólogo francês dá para a memória como elemento intrínseco à identidade:

Podemos portanto dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992, p. 204).

Pensamos que essa seleção teórica mais uma vez nos permite pensar no narrador do futebol, por meio de seus enunciados, como um lugar possível de manifestação da memória, sobretudo coletiva, e portanto, de espaço de reafirmação dessa memória histórico-futebolística, em nosso caso, ou até de fonte qualificada para que essa memória venha à tona e seja colocada em circulação no espaço social de abrangência de tais enunciados, que, dentro da seleção que nós fizemos para nossa análise, se veem refletidos claramente nas falas que integram a modulação relato histórico, como apontamos em várias ocasiões.

Esse trajeto que estamos percorrendo, relacionado com diversas nuances da memória em função do “narrador historiador”, nos conduziu até mais este tópico que nos interessa incluir, estreitamente vinculado, precisamente, com o relato histórico. Para tanto, escolhemos começar pela definição que dá Montero (2013), por entender que nos fornece um bom embasamento teórico para trabalhar com os materiais que fazem parte do nosso *corpus* em virtude da modulação com a qual o estamos relacionando. A autora explica:

[...] el relato histórico es, como todo relato, un artificio discursivo, un “artefacto” narrativo pasible de ser analizado abordando, por ejemplo, las relaciones de tiempo, de modo y de persona, o los motivos, indicios y personajes que configuran el sentido del relato. (MONTERO, 2013, p. 10).

Em relação ao conceito de relato histórico há outro elemento a considerar, pois seria um lugar de produção desse relato, agora sim, o historiador-narrador. Assumiremos, portanto, esse historiador-narrador para tratar aspectos próprios

da principal voz que estamos analisando, a do narrador de futebol, em função da modulação que reconhecemos que carrega os relatos históricos. O vínculo que inicialmente estabelecemos será a partir de Raiter, por acreditarmos que o narrador de futebol, a partir de sua produção, pode ser assumido como um “lugar discursivo” de saber e de verdade, conforme já foi tratado anteriormente no narrador de Benjamin. Raiter afirma:

[...] la ilusión de la referencialidad; esto es, el historiador, como enunciador, se constituye en el lugar del científico, del saber, del conocedor: él ha investigado y consultado las fuentes, ha hecho por y para nosotros, los lectores, el trabajo de leer y contrastar viejos documentos, cartas y testimonios, aún puede haber hecho excavaciones, etcétera. En los textos de historia están presentes los hechos y el saber. [...] La otra gran diferencia es la pretensión de verdad, de relato necesariamente verdadero, de representación de la realidad, [...] los hechos y dichos presentes en el relato no han sido manipulados ni inventados: sólo redactados para su difusión y consumo. La realidad construida es verdadera, no ficcional: no muestran la imaginación del autor o autora sino los documentos comprobados que son, a la vez, reflejo y conformadores de la realidad. El lenguaje en uso es verosímil y la verdad y falsedad son ajenas al discurso en sí. (RAITER, 2012, p. 2394).

Como já assinalado, a análise da produção de enunciados, sobretudo daqueles em que pode se reconhecer um relato ou referências à história das seleções, acabou sendo muito importante para desenvolver nossa ideia de propor os times nacionais como mercadorias não corpóreas, pois uma das formas de sustentar e atualizar os bens dessa mercadoria seria, precisamente, através da identidade construída de cada seleção ao longo da história, identidade (ou parte dela) retomada como forma de memória nos relatos dos jogos de futebol das seleções nacionais e materializada através da produção enunciativa do narrador, assumidamente um lugar reconhecido de saber e de difusão desses saberes.

Entendemos que esse percurso que acabamos de apresentar sobre o narrador e comentaristas condiz com nossa proposta de considerá-los como um lugar do qual surgem vozes autorizadas a falar sobre o futebol, sustentado tanto no conhecimento próprio como no adquirido ao longo do tempo e que faz com que esses saberes, essas narrativas, possam continuar circulando com seu próprio



carimbo e com outros novos saberes que ele vai produzindo. Baseados e estimulados por tudo isso, criamos as categorias de análise do material selecionado pautando-nos nas diversas modulações que percebemos de sua produção enunciativa, para, desse modo, avançar em direção ao nosso propósito central, já comentado na Introdução: entender as seleções nacionais de futebol como mercadorias não corpóreas cujos atributos podem fazer parte desses enunciados do narrador e dos comentaristas.

## **4. CAPÍTULO IV – ESTABELECENDO A METODOLOGIA**

Neste capítulo, o quarto, indicaremos os procedimentos de escolha dos jogos que fazem parte da investigação, um do Brasil e outro da Argentina, e os critérios de seleção e análise dos enunciados produzidos nas narrações dessas partidas. Voltamos à escolha dos dois jogos em foco para sustentar a importância do contexto prévio e dos resultados finais, derrotas, para os objetivos desta tese.

### **4.1 As seleções dos materiais**

O *corpus* da investigação que armamos para esta pesquisa é composto da transcrição dos áudios de dois jogos de futebol transmitidos por televisão.

Uma das transcrições corresponde ao jogo da final da Copa América Centenário, entre Argentina e Chile, disputado em 26 de junho de 2016, no MetLife Stadium, Nova Jersey, Estados Unidos. A transmissão escolhida foi da TV Pública (Argentina) e os enunciados, em espanhol, correspondem ao narrador do jogo Gustavo Kuffner e aos comentaristas que o acompanhavam na ocasião: Miguel Osovi e Román Iucht.

Quanto à outra transcrição, em português, foi produto do jogo da semifinal da Copa do Mundo 2014, disputado em 8 de julho de 2014 em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. A transmissão escolhida foi da TV Globo (Brasil) e os enunciados correspondem ao narrador Carlos Galvão Bueno e aos comentaristas Walter Casagrande Jr. e Ronaldo Nazário.

Abaixo, em 4.3, ampliaremos os motivos que nos levaram a escolher essas duas partidas.

### **4.2 As denominações**

Para iniciar o estudo do conteúdo que nos determinamos a analisar, aplicamos idêntico critério, tanto para as transcrições em espanhol como em português. Em primeiro lugar, selecionamos todas as sentenças em que aparecem as denominações “Argentina” e “Brasil”, com ou sem artigo definido, seja em relação com o país, seja vinculado com a seleção nacional, como formas de se referir aos times nacionais de ambos os países, pois, *a priori*, nos interessava verificar o tipo de relação que poderia ser construída, precisamente,

focando-nos nesse vínculo nação-seleção de futebol através de um mesmo significante.

Vejamos alguns casos:

- Se viene la final, aquí estamos. **Argentina** y Chile. (Time)
- **Brasil** e Alemanha. Duas das maiores seleções da história do futebol. (Time)
- ¿Cómo estás? ¿Cómo lo estás llevando en casa? En esta larga ya noche de domingo en toda nuestra República **Argentina**. (País)
- É o **Brasil** inteiro que vai se ligando na Globo. (País)

Conforme avançamos no reconhecimento e escolha dos enunciados, em função do critério já citado, percebemos que também poderia ser proveitoso, como de fato o foi, considerar outras denominações que pudessem ser entendidas como correferenciais àquela inicial, dentro do gênero narração de futebol, e que aludissem especificamente ao conjunto nacional de futebol. A seguir, mostraremos os diversos modos de referências às seleções de cada país que decidimos incluir em nossa pesquisa.

#### **4.2.1 Referência adjetival**

Aqui incluímos as denominações em que aparecem os adjetivos “argentina/o” e “brasileira/o”, indicando a nacionalidade do time. Também consideramos quando esses adjetivos podem ser comutáveis por “de la selección de Argentina” / “da seleção do Brasil”, sobretudo em casos em que se aponta para jogadores, espaços do campo ou eventos relacionados com instâncias próprias do jogo. Nos primeiros casos, a correferencialidade é com o sintagma nominal inteiro; nos do segundo tipo, exclusivamente com o adjetivo. Estes exemplos do *corpus* ajudarão a ilustrar melhor nossa descrição e, em cada um deles, destacamos em negrito o que consideramos correferencial com o conjunto nacional de futebol:

- ¡Aquí, aquí, aquí está **el seleccionado argentino!** / Otra vez sorteo, para ver para qué lado atacará **la selección argentina.** / Este lateral favorece **al equipo argentino.** (Indicam a nacionalidade do time)
- Concentrados os jogadores **da seleção brasileira.** / Tem que recuperar o emocional **o time brasileiro.** (Indicam a nacionalidade do time)

- Apareció el muy buen arquero **argentino**. / Donde hay una camiseta **argentina**, allí estamos, allí estaremos. (Comutável por “de la selección argentina”)

- Vejam aí os jogadores **brasileiros** pela ordem numérica. / Lá vem bola na área **brasileira**. (São comutáveis por “da seleção do Brasil”)

#### **4.2.2 Correferências lexicais**

Aqui incorporamos todos aquelas denominações que, dentro do léxico mais comum no discurso sobre futebol, possam ser entendidas como sinônimos de cada uma das seleções nacionais, mas sem que o nome do país seja incluído.

- **Los once del Tata Martino** (treinador). / Va metiéndose **el equipo** otra vez en partido. / Hay tiro libre para **el equipo de Martino**. / Tiene que encontrar otras alternativas de ataque **la selección nacional**.

- [...] você vê que **o time** está completamente errado em campo. / **Seleção** que volta com duas alterações. / **O maior campeão do futebol mundial** conhece em casa a maior derrota de toda sua história.

#### **4.2.3 Referências pronominais e/ou com vocativos**

Essa categoria é composta por aquelas denominações em que a referência ao conjunto nacional é ditada por um pronome pessoal (reto ou oblíquo), por formas com funcionamento pronominal como “a gente”, por um possessivo e/ou por um vocativo. Eis alguns exemplos:

- Con diez **nosotros**, expulsado Rojo. / **Les** pido que la jueguen con todo. Que sientan cada pelota como cada uno de los argentinos que **los** están apoyando. / **Te** lo pido por favor, Argentina. **Te** lo pido por favor, selección. / Por favor **se** lo pido, **muchachos**.

- **Nossa** equipe não é tudo isso. / **Eles** (brasileiros) se preocuparam com os grandalhões (alemães) no cabeceio. / “38 minutos de jogo e eles têm mais time que **a gente**. Eles jogam melhor que **a gente**. / Concordo com o que você falou: **nós** temos que jogar fechadinho.

Nessa categorização também incluímos outras denominações em que, como nos vocativos, as seleções nacionais são reconhecíveis no papel de alocutário do enunciador. Nesses casos, a condição de alocutário é marcada também por morfemas pessoais no verbo, podendo também aparecer juntamente o vocativo, conforme é possível observar nos casos a seguir.

- **Vamos** con todo, Argentina. / Les pido que la jueguen con todo. Que **sientan** cada pelota como cada uno de los argentinos que los están apoyando. / **Vamos a recuperarla. Vamos a intentar** tener la pelota, Argentina, ahora. / **Salga** rapidito ahí, Argentina. / Sí, **toque, juegue**. Así, Argentina.

- Vamos ver! **Partiu, Brasil!** / Lá vem Brasil, **vamos** lá! / Olha o Brasil! Chegando! **'Vombora'**!

Feitas as primeiras análises sobre o universo de casos que contêm as denominações detalhadas anteriormente, percebemos que, em muitos dos enunciados avaliados, é perceptível algum traço de memória histórica e que essa recorrência poderia se mostrar produtiva em função das perguntas que iam surgindo no avanço desta pesquisa. Desse modo, voltamos para as gravações e colocamos um novo foco naquelas passagens em que, mesmo sem que necessariamente aparecessem as denominações “Argentina”, “Brasil” ou qualquer uma das formas correferenciais que já introduzimos, houvesse menção a eventos históricos, sejam eles reconhecíveis por fazerem parte de narrações, comentários, argumentações sobre as atuações das seleções e produzidos ao longo do tempo, ou também aqueles eventos que, por suas características e seu conteúdo, são narrados nos jogos em foco e poderiam passar a fazer parte de alguma forma de rememoração histórica. Com essa nova leitura dos casos, de fato, constatamos que tais enunciados poderiam ser de grande aporte para nosso estudo, razão pela qual decidimos incluí-los também no *corpus* para serem analisados segundo os critérios que vamos apresentar de forma mais detalhada no capítulo destinado, precisamente, às análises.

#### **4.2.4 Rememorando a história das seleções nacionais**

Com a intenção de começar a aclarar o que entendemos ou percebemos como referências históricas na primeira seleção de enunciados, adiantaremos aqui alguns exemplos.

- Sí. Como la última final. Como el tiempo extra de 2014. Quiero escribir nuevas historias, Gustavo. Quiero contar otras cuestiones, otros cuentos. Quiero que la historia pase por un lugar diferente. / Igual que con Vlaar, en la semifinal de Holanda. El primero, a la izquierda. ¡Grande, Romero!

- [...] mas perder um primeiro tempo, dessa maneira, olhando o adversário fazendo um gol atrás do outro, jamais. Ninguém tinha visto. / E para quem gosta de coincidências: quando Pelé se machucou e saiu da Copa em 62, entrou Amarildo. Com que número de camisa entrou Amarildo? Vamos ver [...]

#### **4.3 Os jogos que fizeram história**

Conforme apontamos no início deste capítulo, ampliaremos aqui os motivos que nos levaram a determinar a escolha dos dois jogos de nossa investigação: ela é consequência de algumas condições que nos interessava verificar por considerá-las produtivas para aquilo que pretendíamos observar nesta pesquisa e que se relacionam com algo que já apresentamos na Introdução e que diz respeito ao contexto prévio de cada jogo das seleções: é normal que nesse momento anterior às partidas entrem em circulação, através da mídia, parte da história e dos atributos com que esses times são identificados, sobretudo no espaço local. Dessa forma, acreditamos que esses comentários, análises, efemérides, afirmações e demais expressões através da mídia fiquem ressoando, mesmo com a partida já em andamento, e é bem provável que sejam em parte retomados ou confirmados pelo narrador e/ou comentaristas caso a seleção vá obtendo algum resultado favorável ou previsto.

Entretanto, e se esse contexto prévio não se tornar realidade e a equipe em foco for perdendo, ou se o resultado não for o esperado ou aquele vaticinado? Considerando esta última possibilidade, começamos a nos questionar sobre o tipo de produção enunciativa do narrador e dos comentaristas

perante um placar adverso ou um resultado que não se concretiza conforme foi anteriormente apontado, entendendo que essas análises e os comentários prévios ainda poderão ecoar e que, devido ao próprio ato da narração esportiva, é preciso continuar produzindo enunciados vinculados com os acontecimentos observados do jogo em andamento. Ou seja: narrador e comentaristas não podem ficar calados, seja qual for o placar.

Foi também por esse mesmo princípio que determinamos o nome dos países/das seleções como eixo para a escolha dos primeiros enunciados, pois, assim como acreditamos que no contexto prévio as denominações “Argentina” e “Brasil”, e correferenciais, ficam atreladas a histórias e atributos futebolísticos positivos, nos interessava observar em que contextos enunciativos elas surgiriam dentro das narrações de partidas que, pelos resultados, pareceriam diferir daquilo que foi antecipado.

Portanto, em função dessa perspectiva, optamos por estes dois jogos: o famoso 7 a 1, da partida entre Brasil e Alemanha, considerado por muitos a pior derrota da seleção brasileira, e o 0 a 0 da final Chile *versus* Argentina pela Copa América Centenário.

Cabe ampliar: o viés mais interessante que vemos no jogo do Brasil é que, mesmo com jogadores lesionados ou impossibilitados de participar nesse jogo, vários comentários prévios apontavam para uma possível vitória da seleção ainda que desfalcada, devido à sua história, sua tradição nas Copas, ter vencido à própria Alemanha na final de 2002 etc. “Esta maior leveza, combinada com a fé dos crentes entre torcedores mineiros e somada **ao medo que os alemães têm de nós**, pode operar a superação”, concluía o jornalista Juca Kfourri em sua crônica “Seleção no ataque”, publicada um dia antes da partida, 7 de julho de 2015, no jornal *Folha de São Paulo*<sup>11</sup>. Esse jogo também nos interessa devido às próprias circunstâncias do cotejo, sobretudo porque vários dos gols alemães foram marcados em pouco espaço de tempo, razão que poderia fazer com que o resultado adverso se mostrasse ainda mais difícil de entender e, portanto, mais distante da maioria das premonições, inclusive as mais derrotistas. Ou melhor dizendo: queríamos avaliar os elementos discursivos que fizeram parte da

---

<sup>11</sup> KFOURI, J. Seleção no ataque. **Folha de S.Paulo**, 7 jul. 2014. Disponível em: <http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/esporte/174813-selecao-no-ataque.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2022. (negrito nosso).

enunciação dos responsáveis pela narração e comentários perante um cenário que não apresentava contexto prévio que permitisse análise ou conjectura alguma para antever tais consequências. Uma catástrofe para nada anunciada.

Quanto à partida da seleção argentina, o contexto prévio é diferente, pois desde 1993 a equipe nacional não conquistava nenhum torneio de peso<sup>12</sup> e, depois da final perdida para Alemanha no Mundial do Brasil 2014, a última final disputada tinha sido, precisamente, contra o mesmo rival, Chile, também numa Copa América (2015), e também definida nos pênaltis, no que parece ser uma cópia do que acabou ocorrendo em 2016. Neste caso, parte dos comentários prévios retoma esses dois momentos históricos próximos – finais da Copa do Mundo 2014 e da Copa América 2015 – e neles se expressa uma clara expectativa para que essa nova final seja, finalmente, “o ponto da virada”, que jamais aconteceu. O jornal esportivo argentino *Olé* publicou na capa do dia do jogo em garrafal: “*Hoy no podemos perder*”<sup>13</sup>. E em um título auxiliar da mesma capa consta: “**Basta. La tercera definición en dos años es la única chance para terminar con el karma.**” (idem, negrito nosso).

Na narração argentina nos interessa olhar, especialmente, para as diversas manifestações dessa expectativa prévia que acabaria não se concretizando durante os 90 minutos de jogo nem nos 30 minutos da prorrogação, e tentar confirmar que nessa nova definição por pênaltis são evocadas as circunstâncias quase idênticas vividas um ano antes. Cabe acrescentar que esse jogo é lembrado também porque Messi, a estrela do time, declara que não vai jogar mais pela seleção após mais esse fracasso, tal publicava *Olé*: “*Se terminó para mí la Selección’, fue la frase que retumbó por todas las paredes del MetLife [...]*”<sup>14</sup>. Daí o peso e importância que damos para essa partida.

Se para o caso do jogo da seleção brasileira dissemos que foi uma catástrofe para nada anunciada, para a partida da seleção argentina poderíamos

---

<sup>12</sup> Durante a elaboração da presente tese, a seleção argentina acabou com o “jejum” e conquistou a Copa América 2021, disputada no Brasil

<sup>13</sup> OLÉ, domingo 26 de junio de 2016. **Infobae**, 26 jun. 2022. Disponível em: <https://www.infobae.com/diarios/2016/06/26/ole-domingo-26-de-junio-de-2016/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>14</sup> “MESSI no te vayas”. **Olé**, 30 mar. 2017. Disponível em: [https://www.ole.com.ar/seleccion/messi-vayas\\_0\\_SyMk\\_kJihe.html](https://www.ole.com.ar/seleccion/messi-vayas_0_SyMk_kJihe.html). Acesso em: 12 dez. 2022.



dizer que os comunicadores se deparam com uma espécie de *looping* ou *déjà vu* agonizante.

Nesse ponto, é preciso reforçar que não é de nosso interesse estabelecer relação de peso ou comparação alguma entre os resultados dos dois jogos escolhidos. Sabemos perfeitamente que, dentro da comunidade adepta ao futebol, ambos os resultados (e suas consequências) não são equivalentes nem comparáveis. Entretanto, consideramos cada um deles, dentro do percurso esportivo recente de cada seleção, como aquele que teve o resultado negativo de maior impacto, conforme acabamos de descrever.

Para determinar as fontes das narrações também adotamos um mesmo critério: tanto TV Pública como TV Globo, no momento da realização de ambas as partidas, eram os canais abertos de televisão de maior audiência, pelo menos dentro de suas comunidades de abrangência nacional. Entendemos que esse fato poderia ser importante ao considerarmos o alcance dos enunciados produzidos durante o jogo e, assim, maior a possibilidade de que parte dessa produção entrasse em circulação. Contudo, é fundamental deixar exposto um caso muito peculiar: não foi possível achar nem em páginas oficiais de meios de comunicação nem nas redes sociais de uso mais massivo, sobretudo naquelas que é colocado material audiovisual à disposição como YouTube, o jogo completo com as imagens e o áudio da transmissão da TV Globo, e essa condição continua vigente até o momento da elaboração do presente texto, já nos últimos meses do ano de 2022. Durante 2021, em ocasião da nossa estadia na cidade de Buenos Aires para realizar atividades vinculadas com o programa de intercâmbio Capes-PrInt, do qual obtivemos uma bolsa de pesquisa, também fizemos diversas buscas com o intuito de acharmos alguma cópia do jogo Brasil e Alemanha veiculado pela TV Globo, mas também não tivemos sucesso. A única versão, com áudio e imagens, está disponível na página oficial da Fifa, porém em língua inglesa<sup>15</sup>.

Posto isto, nos resta explicar que o material em português que utilizamos para nossa pesquisa corresponde ao áudio completo da partida, que está disponível na plataforma YouTube, de onde baixamos o conteúdo.

---

<sup>15</sup> FIFA. **Brazil v Germany | 2014 Fifa World Cup | Full Match**. [2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jW5jobEpkk4>. Acesso em: 12 dez. 2022.

No caso do jogo da Argentina, também foi encontrado e baixado da plataforma YouTube, mas, neste caso, temos o material audiovisual completo desde o começo da transmissão.

Por último, incluímos também os enunciados que são produzidos a partir do início da transmissão do material que foi colhido, já que, em ambos os casos, há falas, tanto do narrador como dos comentaristas, que, embora sejam prévias ao começo de cada jogo em si, já fazem parte da transmissão oficial das duas emissoras mencionadas.

Como havíamos adiantado, neste capítulo apresentamos um resumo do caminho que fomos percorrendo, somado aos desdobramentos que foram surgindo das próprias observações.

Todavia, no próximo capítulo, destinado a desenvolver as diversas análises feitas para esta tese, retomaremos essas questões apontando de que forma fomos articulando cada conjunto de características reconhecidas naquilo que chamaremos modulações da voz do enunciador. Para tornar mais clara a composição de cada uma dessas modulações vamos apresentar os traços que incluímos em cada uma delas, e como se articulam, na análise, em função dos nossos objetivos.

## 5. CAPÍTULO V – ANALISANDO AS VARIÁVEIS DOS JOGOS

Este capítulo está destinado a descrever os critérios de análises dos enunciados que integram o *corpus* e os resultados que obtidos. A partir das regularidades que reconhecemos, e que denominamos modulações, estabelecemos quatro conjuntos, um para as falas de cada tipo de modulação, para descrevê-las e assinalar exemplos. Retomamos uma modulação, de enunciados com relatos históricos, por mostrar-se produtiva para nossos propósitos. Com base nos elementos constitutivos da memória (ECM), conceito teórico de Michael Pollak, não apenas confirmamos a relevância dos enunciados dessa modulação, como também avançamos na análise e propomos um novo elemento da memória. Apresentamos também um caso de entrada em circulação de um atributo produzido por um dos narradores dos jogos que fazem parte desta investigação.

### 5.1 Preparando as análises

Para iniciar este capítulo de análise, vamos nos permitir uma breve recapitulação do que já comentamos sobre a primeira etapa de nossa pesquisa, a qual precisamente nos levou a fazer os desdobramentos que vamos expor mais detalhadamente a partir daqui.

Conforme vimos no capítulo IV, em que descrevemos a metodologia do trabalho, iniciamos o percurso selecionando aqueles enunciados que contivessem as denominações Brasil e Argentina, como formas de mencionar as seleções nacionais de futebol de cada país, para posteriormente acrescentarmos a esse universo outras formas de denominações correferenciais dos times. Tal inclusão se mostrou muito benéfica para os propósitos de nossa pesquisa.

Composto finalmente o *corpus* com os enunciados em espanhol e em português, em função desses critérios iniciais, assumimos os conceitos de locutor-narrador profissional (I-NP) e locutor-torcedor/hincha (I-T/H) propostos em Russo (2013) para começar a análise de tais enunciados, conforme passaremos a descrever.

## 5.2 Vozes e modulações

Dando continuidade aos parâmetros descritos no ponto anterior, avançaremos em nosso percurso analítico focando-nos, a partir de agora, nas vozes que reconhecemos que provêm desses enunciados escolhidos.

Como já comentamos em 3.4, nossa abordagem será feita tomando como base quatro “lugares sociais autorizados a falar” (GUIMARÃES, 2005) que se depreendem da produção do narrador. E é em função dessas vozes que determinamos iniciar nossa indagação propondo quatro modulações analíticas, uma para cada voz.

Neste trabalho, retomaremos duas modulações que propusemos em Russo (2013) também em função dos enunciados produzidos pelos narradores pesquisados na ocasião: uma modulação para a voz com tom informativo e a outra para uma voz que expressa um tom avaliativo ou de conhecimento. Embora a abordagem para a presente investigação esteja baseada naquela, é importante salientar que na atual análise serão incluídos enunciados produzidos por outros profissionais que fazem parte da transmissão dos jogos, como os comentaristas ou repórteres de campo, cujas falas integram os *corpora*.

Quanto às outras duas modulações que compõem a análise, daremos os nomes de modulação histórica e modulação torcedor midiático/hincha mediático.

Passaremos então a apresentar cada uma dessas modulações com exemplos extraídos de nossos dados.

### 5.2.1 Modulação informativa (M-I)

Para a composição desta modulação, assumiremos conceitos que propusemos em nossa dissertação (RUSSO, 2013) para definirmos a ideia de locutor-narrador profissional. Portanto, a modulação informativa estará apoiada em elementos constitutivos dessa voz. Consideramos suas principais características em função de:

[...] a seleção do léxico, frases ou bordões, que coloca esses enunciados mais próximos daqueles que costumam ser utilizados nos meios de comunicação, com algumas construções mais relacionáveis com um registro padrão ou culto. Por outro lado, o teor dos enunciados deste locutor apresenta um viés mais informativo, isto é, o conteúdo

deles está mais vinculado com dados específicos do jogo em si. (RUSSO, 2013, p. 43).

Como forma de ampliar e especificar acrescentamos que esse conjunto é formado:

[...] pelas informações fornecidas referentes aos jogos (o grito de gol, o time que anotou, o autor do gol, o resultado parcial etc.) e também pela escolha lexical: “aumentar la diferencia”, e pelo uso de bordões: “a fera do jogo”, “É bater pro gol e sair pro abraço” etc. (RUSSO, 2013, p. 44).

Em suma, são os enunciados em que constam informações fornecidas pelo narrador e os comentaristas, relacionadas com o jogo em andamento, e que dizem respeito aos eventos exclusivos desse jogo. Como apontamos anteriormente, essas informações correspondem a qualquer um dos lances, personagens ou acontecimentos do jogo narrado. Esses dados podem admitir mudanças ou correções desde que sejam por outras informações da mesma natureza, como, por exemplo, que tal gol não foi marcado por A mas por B, ou que o próximo lance será um lateral e não um escanteio.

A seguir apresentaremos exemplos extraídos dos jogos analisados nesta tese para apontar o reconhecimento dessa voz que aporta informação específica da partida narrada.

- “Y aquí está el **MetLife**, en esta bellísima **Nueva Jersey**, esperando por **Argentina y Chile**.” (Nome do estádio, cidade, equipes participantes).
- “Ahí **presiona** Argentina.” (Instância do jogo, léxico característico do gênero)
- “Hay **tiro libre** para el seleccionado argentino.” (Situação específica da partida)
- “Y **sale desde el fondo** Argentina, con **Romero**.” (Instância do jogo com léxico característico, nome de jogador)
- “Retornamos. **Entretiempo. Argentina 0, Chile 0**.” (Momento do jogo, resultado parcial)

- “Allá va el **córner** de **Leo**. **Por arriba**, otra vez, Argentina.” (Jogada, jogador, léxico característico)
- “**Todos juntos y abrazados, en la mitad de la cancha**, los jugadores argentinos.” (Evento específico desta partida)
- “Brasil joga no **Mineirão**.” (Estádio do jogo)
- “**Primeiro corte** da seleção brasileira.” (Dado estatístico da partida, léxico próprio)
- “A seleção brasileira **sem o seu capitão: Thiago Silva** e sem o **Neymar**.” (Informação sobre o time, nome de jogadores)
- “**Lateral** para a seleção brasileira.” (Situação específica da partida)
- “**Belo Horizonte, capital das Minas Gerais**, recebendo a **semifinal**.” (Informação sobre o local do jogo, instância da Copa)
- “**Um** para Alemanha, **zero** para o Brasil.” (Resultado parcial do jogo)
- “**A torcida grita, empurra** à seleção brasileira.” (Acontecimento dentro do estádio do jogo)
- “**38 minutos** de jogo e eles têm mais time que a gente...” (Tempo parcial do jogo)
- “**A saída** vai pertencer à seleção brasileira neste **segundo tempo**.” (Léxico característico, período da partida)
- “O **gol** do Brasil!” (Anotação de gol)
- “O chamado **gol de honra** da seleção brasileira.” (Uso de bordão)

Os exemplos que listamos são alguns dos que integram nossos dados e que fazem parte da M-I, que se baseia naquilo que foi descrito sobre a voz do locutor-narrador profissional.

### **5.2.2 Modulação avaliativa/ de almanaque (M-A/A)**

Assim como descrevemos precedentemente, apoiando a modulação informativa em conceitos atrelados à voz no locutor-narrador profissional, para essa modulação vamos propor um caminho similar: usar como base aquilo que postulamos em nossa dissertação de 2013 sobre o locutor torcedor/hincha (I-T/H) para dar forma a essa segunda modulação, que denominamos avaliativa/ de almanaque, e que vamos a desenvolver neste item.

Parte dos atributos do I-T/H que vamos retomar neste trabalho de doutorado estão descritos a seguir:

Os enunciados deste I-T/H apresentam algumas características: em primeiro lugar, a seleção das palavras que fazem parte desses enunciados, mais próximas de um registro mais coloquial ou informal. Também consideramos que nesses enunciados se exprimem, por um lado, manifestações mais vinculadas com apreciações avaliativas (aprovativas ou reprovativas), críticas, desabafos, ironias, elogios, lamentações, reclamações etc., e por outro lado, marcas que permitem visualizar um conhecimento ou saber sobre as instâncias do jogo em curso ou de circunstâncias históricas relacionáveis com a partida narrada. [...] Há mais um elemento que também faz parte deste grupo de características pelas quais reconhecemos o I-T/H: a construção ou sinalização de um interlocutor dentro de seu discurso. Esse interlocutor não necessariamente é alguém específico nem sempre o mesmo; mas, vamos considerar todo indício em que algum alocutário do I-T/H fique exposto. (RUSSO, 2013, p. 43).

Seguindo o apontado anteriormente, tomaremos para esta segunda modulação as principais características dessa voz denominada I-T/H, sobretudo confirmando que, para a questão avaliativa, assumiremos também as apreciações positivas e negativas sobre as circunstâncias do jogo que podem ser percebidas, nos enunciados selecionados, por meio de elogios, reconhecimentos, aprovações, ou mesmo críticas, exigências ou pedidos. De igual maneira, fazem parte desse conjunto aqueles enunciados em que se destaca algum indício de “saber de almanaque futebolístico” manifestado pelo enunciador, geralmente por meio de comentários que reforçam ou corrigem o acontecido numa determinada jogada ou em um lance. A sinalização de um alocutário é outro ponto importante ao descrevermos a voz do I-T/H, não apenas

porque sua manifestação permite reforçar as avaliações e o “saber de almanaque”, como também porque nos levou a vislumbrar outra categoria que denominamos modulação torcedor midiático/hincha mediático, que desenvolveremos adiante, na página 98. Por último, o viés histórico que fará parte da terceira modulação, como veremos a seguir, a partir da página 96, também está estreitamente vinculado com o I-T/H.

Eis aqui exemplos extraídos dos dois conjuntos de enunciados que permitem reconhecer o que acabamos de apresentar e que consideramos para esta modulação avaliativa/ de almanaque.

- “**Es ahora** el momento. Es el **tiempo de las definiciones.**” (Como saber de almanaque)
- “Corta, Argentina. **Bien**, Rojo. **Perfecto**, Biglia.” (Avaliação positiva)
- “Argentina **no tiene que irse de lo importante**. Argentina **no tiene que irse del partido.**” (Avaliação negativa, chama a atenção para uma distração)
- “¡Vamos, Argentina! **Hay que zamarrearlo** al equipo. **Tiene que aparecer** la Argentina de la primera parte.” (Indica um saber, que é preciso chacoalhar o time. Avaliação negativa, aponta um funcionamento pior que no primeiro tempo)
- “Tem **muito tempo** para a seleção brasileira **se recuperar**. **Não pode começar** com esse lançamento longo assim.” (Saber sobre futebol, há tempo para se recuperar. Avaliação negativa, critica uma forma de jogo)
- “O Júlio César fez uma **grande defesa** no primeiro lance e a defesa (brasileira) **bobeando.**” (Uma avaliação positiva e uma negativa)
- “Tem que **corrigir rapidamente o erro** que o Brasil está tendo de posicionamento.” (Como saber de almanaque)
- “**Isso, assim tem que jogar** o Brasil.” (Como saber futebolístico, avaliação positiva)



Esses são apenas oito casos, entre muitos outros, que servem como exemplo do tipo de enunciado que estamos considerando para a modulação avaliativa/ de almanaque, lembrando sempre que entendemos que as próprias circunstâncias e os resultados parciais de um jogo poderão ir pautando, como de fato acreditamos que acontece, o tipo de avaliação, comentário etc. que é feito pelos profissionais durante a transmissão.

### **5.2.3 Modulação de relato histórico (M-RH)**

Como indicamos na parte inicial deste capítulo, quando descrevemos os critérios de seleção de enunciados para este trabalho, comentamos que as primeiras observações nos levaram a incluir aquelas falas que apontassem para unidades próprias de um relato histórico, independentemente de elas conterem ou não as denominações “Brasil”, “Argentina”, derivadas e correferenciais. É neste item que trataremos da primeira etapa analítica desses enunciados que se aproximam de uma narrativa histórica.

Também na apresentação da M-A/C remetemos para esse item, pois, ao citarmos as características do I-T/H, uma delas apontava, precisamente, para “marcas que permitem visualizar um conhecimento ou saber sobre as instâncias do jogo em curso ou **de circunstâncias históricas** relacionáveis com a partida narrada.” (RUSSO, 2013, p. 43, negrito nosso) Em síntese, essa modulação também está baseada teoricamente na composição do I-T/H, porém, como um desdobramento a partir de um tom de historiador do esporte.

Na modulação que denominaremos relato histórico, sem com isso desconhecer que há historicidade em todos os enunciados que bordamos neste trabalho, incluímos aqueles enunciados, como assinalamos, em que é fornecida informação que aponte para algum elemento que possa ser entendido como relacionado ou pertencente a qualquer etapa da história da seleção nacional em pauta.

Como nossas primeiras observações nos levaram a reconhecer diversos tópicos que podem ser entendidos como atribuíveis a um relato histórico, nos determinamos a fazer uma subdivisão ou categorização do que consideramos que podemos entender como enunciado com traço ou conteúdo histórico.

Vejamos quais são as categorias que criamos, em função de nossas observações, para poder alocar enunciados relacionados com essa modulação.

a) **Competições:** incluiremos aqueles casos em que seja feita alguma menção a algum jogo amistoso ou oficial, copa, campeonato, eliminatória, torneio específico como também a resultados de todo tipo. Percebemos que, nessas ocorrências, existe algum grau de aporte estatístico, que podem ser: resultados parciais ou finais das partidas, colocação na tabela ao final da disputa, pontos obtidos por uma equipe em uma, algumas ou todas as edições de tal competição, ou a menção a qualquer dado quantificável que possa ter sido colhido a partir de registros ao longo do tempo.

- “A seleção brasileira tem **cinco títulos mundiais** e participou de todas as **Copas do Mundo.**”

- “También la historia de los chilenos ante la Argentina, que lograron romper por penales, pero nunca le pudieron ganar en **Copa América, en 26 enfrentamientos.**”

b) **Fatos:** nesta categoria faremos apontamentos para situações ou eventos específicos, que ocorreram uma única vez ou repetidas vezes; um fato novo ou que lembre outro similar dentro do futebol. As informações que se reconhecem nesses casos, além de conter aportes estatísticos, também contam com traços de efemérides.

- “É, Ronaldo. Os Mundiais têm **um novo artilheiro.** Miroslav Klose chega a 16º gol dele”.

- “Y como hace un año en Chile, **nuevamente, el alargue** para definir **quién será el campeón** de la Copa América Centenario, en este caso”.

c) **Protagonistas:** os dados históricos nesses enunciados têm relação com jogadores, técnicos, cartolas, assistentes e qualquer pessoa ou entidade, seleção, time, entidade que possa ficar vinculada com a seleção nacional em foco em algum momento de sua história. Aqui se percebe um traço biográfico.

- “Era a despedida do **Felipão** da seleção brasileira.” (Sobre a última derrota do Brasil em casa até então)

- “[Os alemães] **Chegaram** na final em 2002, perderam para o Brasil.”

- “Si algo marcó a la Argentina, en aquellos tiempos en los que logró su último título, fueron los penales. Si algo quedó como eje medular de ese tiempo, fue el **Vasco Goycoechea**”.

- “El día que queríamos, la final que esperábamos. **Chile, Chile como en el primer partido [...]**”

d) **Previsões:** para esta última categoria consideramos enunciados em que possa ser reconhecida alguma indicação sobre o que deverá ser feito ou que poderá acontecer no futuro da seleção em razão das circunstâncias do jogo narrado. Além de ter indícios avaliativos e dedutivos, também se reconhece um tom visionário ou premonitório.

- “[...] O Brasil **vai ter que mostrar força**, o torcedor tem que apoiar, **se puder ter forças**”. (Sobre a disputa pelo terceiro lugar)

- “De cómo la resuelva cada uno de ellos, quizás, **la historia se termine en un cuarto de hora o tengamos que ir una vez más a los penales**”.

Essa subcategorização que acabamos de consignar para a M-RH, como dissemos, tem como intenção apontar para os tipos de enunciados que podem integrar a modulação e para que tal escolha possa ficar apoiada em alguma das condições apresentadas.

#### **5.2.4 Modulação torcedor midiático/hincha mediático (M-TH/M)**

A modulação que optamos por chamar torcedor midiático/hincha mediático corresponde a uma voz que identificamos como parecendo mostrar-se muito próxima à de um torcedor. Apontamos isso a partir de algumas observações que fizemos e que nos levam a nos atentar para algumas características: os interlocutores colocados em cena por essa voz, o tipo de exigências proferidas, as demonstrações de desgosto ou aprovação etc. Entretanto, também notamos que a escolha lexical e/ou fraseológica é de alguém que está se expressando através de um meio de comunicação. Acreditamos ser importante salientar esse detalhe porque, na produção dessa voz não há

ofensas, insultos ou diferentes tipos de cobranças que facilmente, quanto à sua intensidade, se reconhecem na fala de um torcedor “padrão”, seja num estádio, numa conversa, ou até num espaço mais privado. A seguir mostramos alguns exemplos do *corpus* que permitirão reconhecer melhor o tipo de enunciado que estamos incluindo nesta modulação.

- “**Quiero** que reacciones, Argentina. ¡**Vamos!**”
- “**Te lo pido** por favor, Argentina. Te lo pido por favor, selección. Quedarán 12 minutos. **A jugar esto con todo.**”
- “Vamos ver! **Partiu**, Brasil!”
- “**É claro que a gente torce** pelo Brasil. A gente torce muito, como todo brasileiro, **mas você vê que o time está completamente errado.**”

Nesses casos percebemos que o destinatário colocado na cena enunciativa é o time como tal ou tratado como “você”, como maneira de personificá-lo; e que as exigências, pedidos, estímulos, reclamações etc. têm um tom ponderado e adequado a uma linguagem midiática. Em suma, acreditamos que dessa voz surge um *ethos* com claros traços comportamentais de um torcedor “padrão” mitigado com o uso de uma linguagem apropriada aos meios de comunicação.

### 5.3 Os números explicam

Para facilitar a observação de todos os casos citados até aqui, assim como o restante deles, apresentamos dois quadros idênticos em Anexos com o conjunto completo de enunciados que fazem parte de nosso *corpus* de pesquisa, separados por língua. Nesses quadros os enunciados estarão listados em ordem cronológica segundo sua produção na narração correspondente, e ficará assinalada com um X a modulação com que cada enunciado está vinculado. As L são, vale lembrar, a modulação informativa (M-I), a modulação avaliativa/ de almanaque (M-A/A), a modulação de relato histórico (M-RH) e a modulação torcedor midiático/hincha mediático (M-TH/M). Achamos pertinente reforçar que há muitos casos em que um enunciado pode pertencer a mais de uma modulação.

Para darmos sequência à análise que estamos desenvolvendo neste capítulo, optamos por deixar, como apontamos, os quadros com o conjunto completo de casos e a relação deles com as modulações propostas em outro capítulo desta tese. Entretanto, vamos apresentar a seguir os resultados desta primeira leitura dos dados. No quadro abaixo apontaremos a quantidade de casos segundo cada língua e o número e porcentagem de enunciados para cada modulação.

#### **Quadro comparativo do total de casos – Brasil e Argentina**

<b>País</b>	<b>Total de casos</b>	<b>M-I</b>	<b>M-A/A</b>	<b>M-RH</b>	<b>M-TH/M</b>
<b>Argentina</b>	268	150 (55,9%)	132 (49,2%)	38 (14,1%)	86 (32%)
<b>Brasil</b>	192	118 (61,4%)	143 (74,4%)	48 (22,4%)	20 (10,4%)

Antes de adentrarmos na análise desses resultados parciais será preciso fazer algumas ponderações:

a) A diferença no total de casos entre um grupo e outro se deve ao fato de que o jogo da Argentina teve maior duração, uma vez que, como foi apontado, foram jogados 120 minutos mais o tempo dos pênaltis. No caso do Brasil, o jogo se limitou aos 90 minutos de praxe.

b) Determinamos calcular os percentuais precisamente porque o número total de casos é díspar, e consideramos essa forma a mais apropriada para poder comparar os resultados que obtivemos. Também cabe destacar que a soma total das porcentagens é maior que 100%, já que há enunciados que se enquadram em mais de uma modulação. Desse modo, o percentual de cada modulação foi calculada em função de total de casos dentro de seu grupo.

c) No caso da Argentina, vemos um esperado número maior de enunciados da M-I, pois intuímos que também se deve à duração total do jogo. O número de avaliações e as marcas de saber de almanaque são consideráveis e num número próximo do anterior. O que chamou nossa atenção é a quantidade de casos da M-TH/M, que, a princípio, nos parece alto. Um dos motivos que nos atrevemos a postular é que se deve a uma característica própria do estilo de narração desse profissional, principalmente em sua tendência de deixar

frequentemente apresentado um alocutário. Tínhamos assinalado também esta propriedade em nossa dissertação (RUSSO, 2013) e posteriormente ampliada (RUSSO, 2021) ao indicarmos parte dos traços do I-T/H argentino, quando apontamos para a explicitação de um alocutário. No texto indicamos a “Presença de um tom mais crítico/exortativo, o que geraria a representação de expectativa de resposta imediata, análoga de uma interação cara a cara.” (p.219). Por sua vez Fanjul (2017), tratando sobre várias investigações em que foram comparadas séries discursivas argentinas e brasileiras de diferentes gêneros midiáticos, vê como uma constante, quando não há maiores fatores que a impeçam, uma tendência, na discursividade argentina, para uma demarcação das instâncias de pessoa e para uma interpelação representada no enunciado, enquanto que na discursividade brasileira se percebe a tendência para uma enunciação mais genérica, distanciada do objeto e com menos colocação em cena de interpelações imaginárias.

Quanto aos acontecimentos relacionados com a M-RH, talvez seja interessante avaliar os contextos de produção desses enunciados dentro das partidas, mais do que o número de casos. De qualquer maneira, como veremos a partir do próximo ponto, faremos um desdobramento dessa variável, pois ela é fundamental em nossa investigação, e a partir dali observaremos mais detidamente a importância do número de casos, o momento do acontecimento em função do resultado parcial e outras condições.

d) No grupo de enunciados do Brasil, o que chama nossa atenção de imediato é o maior número de ocorrências relacionadas com a M-A/A, se comparada com a M-I (que costuma ser maior). Acreditamos que uma condição para tal resultado estaria vinculada com circunstâncias próprias da partida, como o fato de a Alemanha anotar quarto gol num espaço de seis minutos e deixar o placar parcial em 5-0 ainda no primeiro tempo. Pensamos que esse motivo também poderia pesar ao observarmos o número de ocorrências da M-RH ainda maior que a quantidade reconhecida em espanhol, mesmo com menos casos totais e menos tempo de jogo. Quanto ao número de ocorrências da última modulação, verificamos ser muito baixo se comparado com o universo argentino. Como apontamos anteriormente, na análise dos casos da Argentina, parece pesar para essa modulação o estilo de narração e até o próprio placar do jogo para que tal tipo de enunciado seja manifestado. Contudo, o importante é

destacar que essa modulação é reconhecível no universo de enunciados produzidos tanto em espanhol como em português.

#### 5.4 Os elementos da memória na M-RH

Como procuramos destacar ao longo de todo este trabalho, consideramos a perspectiva e abordagem históricas fundamentais para o que nos propusemos pesquisar em relação às seleções nacionais como mercadorias não corpóreas. Daí também o levantamento histórico que fizemos ao longo do capítulo II e a inclusão da M-RH como uma das vozes reconhecíveis no universo de enunciados tanto em espanhol como em português.

Entretanto, as primeiras observações que fizemos sobre as ocorrências dessa modulação nos levaram a perceber que, além daqueles quatro critérios que assinalamos na página 97 como forma de designar um enunciado passível de integrar a M-RH, há elementos que permitem fazer uma nova distribuição desse conjunto de ocorrências considerando o tipo de memória evocada em cada uma delas. Vejamos dois exemplos para ilustrar.

Este exemplo argentino integra a M-RH por remeter a um evento anterior ao jogo:

- “**Messi** contra **Chile**, y la oportunidad, **después de no haber jugado** el primer encuentro, de **darle a la Argentina ese vigor ofensivo**”.

Aqui percebemos que a recuperação histórica se dá sobre três dos critérios apontados: protagonistas, fatos e previsões. Os protagonistas são o jogador Messi (pessoa) e Chile, como seleção. O fato é o Messi não ter jogado o primeiro encontro e a previsão está apontada na possibilidade de a seleção Argentina ganhar força ofensiva com a entrada desse jogador.

Já num caso brasileiro, obviamente também integrante da M-RH, surge:

- “Em **1938**, a seleção sofreu **5 gols**, mas, **ganhou de 6 a 5**.”

Apesar de nos depararmos com apenas um dos quatro critérios propostos, nesse caso a alusão a um fato histórico, percebemos que tal fato está composto de três elementos: o ano do jogo, os gols sofridos e o resultado final favorável.

A variedade e combinação de modulações com que nos encontramos nos enunciados em que se manifesta uma memória histórica, como antecipamos,

nos levaram a fazer uma nova divisão dentro desta modulação com a finalidade de ampliar nossa análise de dados e verificar o grau de relevância que esta nova forma de leitura poderia apontar.

Dissemos na seção 3.5 que retomaríamos critérios teóricos de Michael Pollak sobre os quais vamos estabelecer a divisão que começamos a descrever no parágrafo anterior, e tais critérios são aqueles propostos pelo autor como “elementos constitutivos da memória” (ECM), sejam eles individuais ou coletivos. Pollak descreve o primeiro desses elementos:

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são acontecimentos que eu chamaria de “vividos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. [...] podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação. (1992, p. 201, aspas do autor).

Quanto ao segundo elemento, o sociólogo aponta:

Além desses acontecimentos, a memória é constituída por pessoas, personagens. [...] falar de personagens realmente encontradas no decorrer da vida, de personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas. (POLLAK, 1992, p. 201-202).

E, sobre o último elemento, o autor comenta:

Além dos acontecimentos e das personagens, podemos finalmente arrolar os lugares. Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico. [...] Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos



da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são os lugares de comemoração.[...] lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela.[...] Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo.” (POLLAK, 1992, p. 202).

A modo de resumo, o próprio Pollak (1992, p. 202) explica:

Esses três critérios, acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em fatos concretos. Mas pode se tratar também da projeção de outros eventos.

Posto isto, assumimos os conceitos teóricos vinculados com os ECM propostos por Pollak que apontam para acontecimentos, personagens e lugares para categorizar os enunciados que pertencem à M-RH dentro de nosso recorte analítico. Cabe apenas esclarecer que no elemento constitutivo “lugares” também incluiremos aqueles enunciados que façam referência a tempo, ou seja, datas, anos, períodos, décadas etc., considerando aquilo que o próprio autor cita em vários trechos como “espaço-tempo da pessoa”.

Em suma, e para tentarmos deixar mais claro o processo que envolve a análise das falas que apresentam algum viés de relato histórico, em primeiro lugar determinamos quatro critérios – competições, fatos, protagonistas e previsões –, para, assim, distinguir e agrupar apenas os enunciados que passam a fazer parte da M-RH. Uma vez composto esse grupo, adotamos os conceitos de ECM de Pollak – acontecimentos, personagens e lugares – para fazer uma análise mais detalhada dos enunciados dessa modulação em particular.

Para assinalar os enunciados que passam a ser avaliados em função deste desdobramento da análise apresentaremos novamente dois quadros apenas com as ocorrências de cada grupo na M-RH, submetidas a essa nova categorização em função da proposta de Pollak.

Com a finalidade de poder facilitar a leitura desses novos quadros, que também constam em Anexos, adiantaremos como ficaram compostas: na primeira coluna encontra-se o número de caso; na segunda e terceira colunas, o enunciado que pertence à variável histórica e sua identificação; na quarta,

quinta e sexta colunas, os “elementos constitutivos da memória” (ECM) propostos por Pollak, correspondendo, respectivamente, aos elementos: Acontecimento (A), Personagem (P), Lugar-Tempo (L/T). Nessas últimas três colunas assinalaremos a qual ou quais elemento(s) corresponde cada enunciado da M-RH.

No próximo item descreveremos os resultados da leitura e análise desse desdobramento em função da M-R/H e dos ECM de Pollak.

### 5.5 Avaliando os resultados do relato histórico

O arranjo que estabelecemos para os enunciados que pertencem à M-RH, em função dos critérios que Pollak propõe sobre os três ECM – acontecimento, lugar, espaço-tempo –, parece mostrar-se produtivo para nosso propósito considerando os resultados que obtivemos no percurso desta pesquisa, pois, para cada um dos enunciados dessa modulação, seja no conjunto brasileiro, seja no argentino, conseguimos atribuir, pelo menos, um dos elementos da memória.

Vamos apresentar os resultados desta análise indicando que para esses casos não fizemos uma contagem de ocorrências, nem suas porcentagens, pois entendemos que o importante é avaliar a realização dos acontecimentos, mais do que a quantidade de eventos. Vamos começar mostrando exemplos de enunciados que contêm um único elemento constitutivo da memória:

- “De cómo la resuelva cada uno de ellos, quizás, la historia se termine en un cuarto de hora o tengamos que ir **una vez más** a los penales.” (Acontecimento)

- “Eu concordo com Casagrande que a seleção **não fez uma boa Copa do Mundo**. Não empolgou em nenhum momento.” (Acontecimento)

Também achamos ocorrências de casos em que são reconhecíveis dois elementos:

- “Allí, mientras tanto en ese grupo, **habló y gritó fuerte Mascherano**. Recuerdo aquel “**Hoy te convertís en héroe**” de **Masche a Chiquito** y los **penales**.” (São recuperados três acontecimentos: a fala forte, a premonição

e os pênaltis, e duas personagens: Mascherano duas vezes (Masche) e o goleiro “Chiquito” Romero.)

- “Toma-se o caminho do **maior vexame brasileiro** em todos **esses 84 anos de Copa do Mundo.**” (Aqui se percebe um acontecimento: o maior vexame e um apontamento para local/tempo: os 84 anos dos Mundiais.)

Finalmente, vamos apresentar enunciados em que aparecem atribuídos os três elementos constitutivos da memória. Vejamos:

- “Y qué mejor que **una revancha de lo sucedido** hace **365 días. Allí del otro lado de la Cordillera.** Qué mejor que el rival sea **Chile.**” (O acontecimento aludido pela revanche é a derrota na Copa América do ano anterior. Há menção tanto a um local: o outro lado da cordilheira e a um tempo: um ano atrás. Por último, a personagem citada é a seleção chilena.)

- “Foi um **giro muito ruim** da seleção brasileira. Praticamente **só derrotas e essa goleada** para **Bélgica.** Brasil **tomou de 5.** Estamos falando de **1963.**” (Neste enunciado são apontados três acontecimentos: uma turnê desfavorável, colhendo apenas derrotas com uma goleada incluída, em que tomou cinco gols. A personagem é o algoz, Bélgica, e, quanto ao local/tempo, foi o ano de 1963.)

Como apontamos, os exemplos que acabamos de apresentar são alguns dos vários que achamos em nossas análises (Vide quadros completos em Anexos). Foi precisamente esse considerável número de casos, sobretudo em que os três ECM se faziam presentes, que nos levou a fazer uma nova e mais apurada observação desses enunciados, pois “sentíamos” que deveríamos ponderar outras questões, como detalharemos no próximo item.

## 5.6 Um novo elemento da memória

Comentamos precedentemente que “sentíamos” que deveríamos voltar aos materiais e fazer uma nova observação um pouco mais aguçada, sobretudo nos enunciados em que foi possível reconhecer todos os ECM de Pollak juntos, já que parece haver algo “além” desses três elementos considerados e postos como base de análise.

Sendo assim, retornamos a esses casos para fazer um exame mais detido, e o que conseguimos notar foi algum grau de alusão a componentes ou atributos apresentados como próprios de cada seleção. Ou seja, nessas memórias surgem elementos, com diferentes matizes de explicitação, que podem ser reconhecidos como próprios dessas seleções e que nos levam a acreditar que são fruto de discursos que têm circulado e têm se atualizado dentro de cada uma das comunidades até o presente.

Mostraremos alguns casos acompanhados de comentários sobre eles para tentar ajudar na compreensão daquilo que estamos vendo e pretendemos apontar. Começaremos por exemplos argentinos:

- “Una selección argentina que deberá recurrir a **aquellas cosas intangibles**, al **carácter**, al **temperamento**, para poder sobrellevar un momento...” (negrito nosso).

Aqui se alude clara e explicitamente a atributos dados ou reconhecidos como próprios da seleção argentina (coisas intangíveis, caráter, temperamento) aos quais o time deverá recorrer (novamente?) para poder superar um momento nada favorável.

- “Más que nunca somos... **Más que nunca somos Argentina**. Más que nunca, bien cerquita del equipo del Tata (Gerardo Martino). ¡Vamos, Argentina!” (negrito nosso).

Nesse enunciado, aparece “ser Argentina”, que funciona como uma síntese dos atributos que podem dar corpo à Argentina, numa espécie de mixagem entre país e seleção, porém, com um grau a mais, já que deve ser “mais do que nunca”. Intuímos que este adicional apontado pode estar sendo motivado pela instância desfavorável desse jogo em particular, e pela história de insucessos esportivos que o time arrastava nesses últimos tempos.

Agora apresentaremos casos brasileiros:

- “É preciso que o sentimento fique só de tristeza, porque é, realmente, um dia muito triste para **a história tão vitoriosa e tão gloriosa** do futebol brasileiro.” (negrito nosso)

Como vimos numa das ocorrências referentes a seleção argentina, anteriormente, no caso brasileiro também a alusão é feita de modo explícito a atributos apresentados como próprios do futebol brasileiro ao longo de boa parte de sua história: vitória e glória. Entendemos que esses dois poderosos predicados tenderiam a funcionar como meio atenuador para um dia triste dessa brilhante história.

- “E não adianta querer se esconder, absolutamente nada, como já disse o Ronaldo, como já disse o Casagrande. Fez uma partida para ser esquecida, **se é que alguém vai conseguir esquecer que um dia, jogando em casa, na sua Copa do Mundo, o Brasil perdeu de 7 a 0 da Alemanha numa semifinal.**” (negrito nosso).

Esse enunciado é muito interessante porque claramente se projeta um futuro a partir do qual se olhará para trás e se verão atributos que podem estar emergindo no presente histórico dessa enunciação (ainda com a partida em andamento). Não sabemos se esses atributos permanecerão, serão apagados, ganharão algum nome individualmente ou no conjunto; porém, o efeito que se percebe é o de um conjunto de propriedades dado no presente e *rememorado do futuro*.

Como indicamos e mostramos, os conceitos de Pollak sobre os ECM, além de serem altamente produtivos para nossa pesquisa, também abriram um novo desafio durante o processo de análise feito para esta investigação: entendemos que há pelo menos um quarto elemento, atrelado aos três elementos de Pollak, que se manifesta em enunciados que fazem menção a acontecimentos relacionados com a história de uma seleção de futebol e tal elemento aponta para aquilo que poderíamos entender como atributos próprios da identidade dessa seleção.

Com base nisso, colocamos um foco importante durante nossa indagação na parte final desta pesquisa e, em função das propriedades que distinguimos nesse quarto elemento, determinamos dar o nome de “memória identitária”.

Para a memória identitária foram contemplados enunciados que contêm, como apontamos, qualquer tipo de alusão a traço ou atributo reconhecível como conferido à identidade da seleção nacional de futebol do país em foco, dentro da própria comunidade ou além dela.

Por último é preciso apontar que, naturalmente, os indicadores de memória identitária ficam vinculados aos enunciados da M-RH, porém, não necessariamente vinculados com os três elementos de Pollak. Lembremos: a partir de observações feitas nos enunciados que integram a M-RH passamos a adotar como base teórica os ECM, de Michael Pollak, para organizar a análise dessa modulação, método que se mostrou altamente produtivo. Entretanto, o avanço dessa própria análise nos fez “sentir” outras informações subjacentes que nos trouxeram até aqui, a partir de onde estamos propondo um quarto elemento que denominamos “Memória Identitária”. Em suma, estamos indicando que em nossa investigação a Memória Identitária surge em função dos três elementos sugeridos por Pollak (acontecimento, lugar, tempo/espço), mas não necessariamente integra essa tríade, pode se manifestar, sim, de maneira independente a eles.

Nos atrevemos a confirmar essa possível “independência”, pois identificamos um caso em cada língua em que a Memória Identitária fica evidenciada com diferentes modos de relação com os outros três ECM. Os casos são estes:

- “Con todo, muchachos, ¿eh? **Sin olvidarse de nuestra idea, de nuestra identidad.** A jugarlo con **los dientes bien apretados.**” (negrito nosso)

Nesse enunciado entendemos que não há vínculo com nenhum dos três elementos propostos por Pollak, porém, é notória a recuperação de traços identitários que devem ser lembrados (“Sin olvidarse”), e portanto não é preciso mencioná-los, pois já são conhecidos e assumidos, e que apontam para uma ideia e uma identidade própria (de jogo) que também inclui a raça e o vigor (“dientes bien apretados”), para essa instância tão especial.

- “Seis minutos. O maior apagão da história de um campeonato do mundo, para **uma seleção do nível do Brasil.** Quatro gols tomados.” (negrito nosso)

A formulação desse enunciado é feita de uma maneira muito interessante, já que o que de fato é um acontecimento (o apagão) é conferido, nessa fala, à história dos campeonatos do mundo, quando, na realidade, o apagão foi da seleção verde-amarela, e não do torneio. A marca identitária que percebemos

fica exposta a partir de uma lembrança histórica na parte que grifamos: de forma sintética e clara, sobretudo para quem acompanha o futebol, dizer “do nível do Brasil” é uma forma muito explícita de resumir um longa lista de atributos, sobretudo positivos.

## 5.7 ...E foi-se a luz

Em várias passagens desta tese mencionamos o papel central do narrador e dos comentaristas, pois, segundo nossa proposta, a partir da produção enunciativa desses profissionais alguns dos atributos das seleções nacionais como mercadorias não corpóreas poderiam ser lembrados, ampliados, atualizados, reformulados ou produzidos, e que parte desses enunciados poderiam ser, por sua vez, retomados e colocados em circulação de diversos modos – em debates sobre futebol por diversos meios de comunicação, em conversas entre torcedores, em textos de análise esportiva, e diversas outras formas. Apontamos também para a importância tanto do canal – rádio, portal de internet etc. – como do próprio enunciatário que produz essas falas no espaço social em que tais enunciados começam a circular: acreditamos que quanto maior audiência ou seguidores tiver o meio pelo qual se manifestam os narradores e comentaristas, maior a possibilidade de suas falas entrarem em circulação.

Estamos retomando essa questão porque consideramos de extrema importância para nossa pesquisa apresentar um caso em que o narrador Galvão Bueno utiliza uma série de denominações para se referir ao período de desconcentração em que o time brasileiro toma quatro gols em pouco tempo durante o jogo contra os alemães, sendo que uma dessas denominações “se estabiliza” e de imediato começa a ser reutilizada tanto por ele como pelos comentaristas que o acompanhavam. Aqui estão os casos:

- “[...] nós temos aí uns 15 minutos em que o time brasileiro **parecia que não estava em campo.**”

Esse enunciado foi produzido ainda no primeiro tempo. Ficam apontados os minutos aproximados ou pressentidos pelo narrador em que o time brasileiro

se desconcentrou e sofreu quatro gols de forma muito próxima. No enunciado seguinte Galvão Bueno desabafa:

- “Aí, em 10 minutos, **deu pane**. Deu um clima de **perda total**. **Deu um apagão** na seleção brasileira.”

Aqui notamos que se repete a menção ao período de tempo que durou esse acontecimento segundo a percepção do narrador, e depois é produzida uma cadeia de reformulações, a partir de “parecia que não estava em campo”, que é retomado com “deu pane”, “perda total” e finalmente “deu um apagão”. A seguir, o comentarista Ronaldo Nazário toma a palavra e expressa:

- “**Um apagão forte**, que durou aí uns 5 minutos e que machucou muito a seleção brasileira. Não deu nem para sofrer, Galvão. Não deu para sofrer.”

Novamente há alusão ao tempo percebido como aquele que durou a desatenção do time brasileiro e os gols que sofreu, como também se retoma o termo “apagão” para descrever a condição que levou o time nacional a receber esses gols. Ainda no primeiro tempo, o narrador disse:

- “Foram 10 minutos de **um apagão total** da seleção brasileira. **Um apagão** como talvez jamais se tenha visto num jogo de alto nível em Copa do Mundo. Principalmente numa semifinal de Copa do Mundo.”

E aqui também é colocado o tempo percebido como aquele que durou a distração e já parece ficar estabelecido o termo “apagão” como síntese desse evento, utilizado duas vezes, quase na sequência.

Posteriormente, já no intervalo do jogo, quando são feitas análises e recapitulações da primeira etapa e projeções tanto sobre o segundo tempo como até o final do jogo, o termo “apagão” foi utilizado mais cinco vezes.

- “Aí vem **o maior apagão** da história do futebol mundial.”

- “Ali vem agora **o apagão**, olha aqui: toca para lá, toca pra cá.”

- “Seis minutos. **O maior apagão** da história de um campeonato do mundo, para uma seleção do nível do Brasil. Quatro gols tomados.”



- “Tivemos **um apagão** de 10 minutos e aí a seleção tomou os gols. Não estava previsto. Ninguém esperava.”

- “Perder é do jogo. Perder é do esporte. Mas **o apagão** foi muito estranho. Durou perto de 10 minutos e tomou 4 gols.”

Observando esses casos percebemos que “o apagão” vai tendo uma transição quanto a quem sofre o efeito, e vai da história do futebol, passando pelo Brasil/Seleção até se tornar um acontecimento “anormal” que iria além do esporte.

Podemos entender essa repetição de “apagão” como a adoção do termo que melhor descreveria a situação vivida pela seleção nacional, sobretudo nesse período de tempo que oscila entre os seis e os vinte minutos, conforme também apontam os próprios profissionais. Entretanto, logo após o final do jogo com o placar de 7 a 1 já sacramentado, em entrevista protocolar realizada ainda no próprio campo de jogo, o repórter pede alguma explicação sobre o acontecido ao goleiro Júlio César<sup>16</sup> que, entre vários argumentos, declara: “[...] mas, eles [alemães] foram muito fortes, temos que reconhecer. Realmente depois do primeiro gol acho que **deu um apagão**. Ninguém esperava. Parabéns ao futebol alemão.” (grifo nosso).

A utilização do mesmo termo por parte do goleiro para descrever o estado de comoção vivido pelo time brasileiro nos estimula a reforçar nossa hipótese de pensar o narrador como um lugar de produção, atualização, reformulação de atributos. Poderia se chegar a pensar que o goleiro, no intervalo, tivesse escutado as palavras do narrador? Achamos pouco provável, porque o intervalo dura 15 minutos, o time estava perdendo 5 a 0 e intuímos que seria mais importante para os jogadores escutarem as instruções do treinador do que a narração do primeiro tempo, e mais especificamente o trecho em que é mencionado o apagão. De todo modo, de uma forma ou outra, reforça o papel central da produção enunciativa do narrador: ou porque suas palavras foram retomadas, ou porque um dos protagonistas centrais da partida utilizou o mesmo termo com que o narrador definiu o estado de desconcerto da seleção nacional.

---

<sup>16</sup> DEPOIMENTO de Júlio César após a goleada da Alemanha. 8 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hwxMCE8FvTA>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Outro acontecimento que vinculamos com esse conjunto de enunciados produzidos pelos profissionais durante a narração desse jogo diz respeito à capa do jornal *Folha de S.Paulo* do dia seguinte à derrota, isto é, dia 9 de julho de 2014 (Anexos). A manchete principal do jornal apresenta, em garrafal: “Seleção sofre a pior derrota da história”. Na chamada há três frases: “Alemanha faz 7 a 1, esmaga Brasil e vai à final da Copa”, “Anfitrião, país revive trauma de 1950” e “Felipão diz ser responsável pelo vexame, que pressiona o futebol nacional por reformas”. Depois há uma legenda que corresponde à foto da capa, onde se pode ler: “Placar no Mineirão, após o fim da partida”. E é precisamente na foto que vemos a relação com o “apagão”: de fato, no centro da foto se vê o placar eletrônico do estádio com o resultado final, 7 a 1, com a lista dos minutos em que cada gol foi feito e o nome do artilheiro de cada tento. Aparecem também algumas poucas luzes acesas dos setores superiores das arquibancadas, porém o que mais se destaca nessa foto é tom preto predominante, assinalando o que pode ser entendido como um grande apagão que permite um destaque ainda maior ao placar eletrônico aceso com o resultado fatídico.

Acreditamos que esses dois exemplos que apresentamos sobre o “apagão”, e que surgiram imediatamente depois dos enunciados produzidos durante o relato do jogo, nos permitem reconhecer um possível indício de entrada em circulação daquilo que poderia ser entendido como um atributo – embora mais relacionado às consequências da partida do que à própria seleção – produzido pelo narrador durante o jogo. Nos tempos atuais, sabemos que tal denominação ficou consolidada, de fato, no discurso do futebol vinculado ao 7 a 1 e mais especificamente ao período de desmoronamento da equipe brasileira. Também podemos intuir que a insistência durante a narração da duração do apagão hoje pode ser lida como um delimitador desse “acontecimento estranho”, e não como um efeito natural do que um jogo de futebol pode gerar, como se num “estado normal” tal apagão não pudesse ter acontecido.

Embora o caminho analítico que percorremos até aqui tenha sido transitado com mais desvios e curvas do que com retas e atalhos, consideramos que esses vaivéns foram altamente produtivos, uma vez que os resultados que acabamos apresentando se mostram condizentes e apropriados para podermos dar uma forma mais nítida para nosso escopo central, que é propor as seleções

nacionais de futebol como mercadorias não corpóreas e cujos atributos se incorporam, se atualizam, entram em circulação, se parafraseiam, são utilizados e rebatidos, etc.. Entendemos que, para que alguma das partes desse complexo processo possa se ver materializada, a produção do narrador de futebol e os comentaristas dos jogos, através de um meio massivo de comunicação, é vital.

## **Fechando o jogo. Considerações finais**

Não foram poucas as vezes que, ao longo de nosso doutorado, e mais ainda durante a elaboração desta tese, escutamos: “O *corpus* fala”. E, de fato, fala. Pelo menos se fez ouvir todas as vezes que nos atentávamos a algum indício, alguma regularidade, algum enunciado em particular ou que procurávamos nele alguma nova insinuação, fruto daquilo que ficava reverberando em nós. E certamente deve ter falado mais coisas que não conseguimos perceber, porém as que fazem parte deste trabalho surgiram, precisamente, da atenção posta no que ele “nos falava” e mostrava.

A motivação inicial, como explicamos na introdução do trabalho, deriva de desafios e estímulos que permaneceram mesmo após a conclusão de nosso mestrado, no qual também trabalhamos com a narração de futebol, mas restrita ao grito de gol em jogos entre times argentinos e brasileiros. Um dos desafios era levar algo daquela pesquisa para os jogos entre as seleções nacionais do Brasil e da Argentina, mas foi curiosamente uma resposta que dávamos para não fazer tal pesquisa que motivou o presente estudo: “Achamos que muitas coisas que se falam antes e durante os jogos já estão premeditadas, são lugar-comum”. E, realmente, estavam e continuam a estar. Contudo, não queríamos fazer uma comparação a partir de um jogo específico entre os dois times, mas estabelecer uma condição comum de comparação, e eis que decidimos focar no jogo que se considera a maior derrota de cada seleção, nos últimos tempos, dentro de sua própria história e validada como tal pelos meios de comunicação e pelos torcedores nos dois espaços. Foi assim que chegamos ao 7 a 1 do Brasil e Alemanha em 2014 e ao 0 a 0 entre Argentina e Chile em 2016. As motivações dessa escolha foram mais detalhadamente expostas na página 85. Portanto, se pensamos que já há certos aspectos antecipados nas narrações, frutos da história vitoriosa de ambos os times, nos perguntamos como dialogariam ou se vinculariam tais enunciados com aqueles produzidos ao longo de um jogo que já sabíamos que terminaria numa dura derrota. Agora podemos dizer que essa condição tão específica se mostrou altamente positiva, pois percebemos que as derrotas marcantes parecem mobilizar comentários, expressões e análises que, em boa parte, se contrapõem àqueles que circulam com mais frequência antes da maioria dos jogos das seleções. Por outro lado, verificamos que, de fato,

essas produções perduram no tempo, e muitas vezes promovem mudanças de toda ordem, do estilo de jogo à atualização de atributos discursivos.

Para ilustrarmos as consequências das derrotas históricas vamos tomar um caso de cada país. Da Argentinam escolhemos aquela que é considerada a primeira grande derrota da história do país: o jogo que perdeu para a Tchecoslováquia por 6 a 1 no mundial de 1958, quando o Brasil se sagrou campeão mundial pela primeira vez. O crítico de futebol Borocotó, por meio de uma crônica publicada na prestigiosa revista *El Gráfico*<sup>17</sup>, questionou duramente o aspecto físico e tático dos argentinos frente à capacidade de correr, ir e vir e de seguir ordens táticas dos europeus. O jornalista aponta um conjunto de qualidades atléticas e estratégicas, ausentes no time nacional, como fator principal para a categórica derrota. Para Borocotó, os argentinos:

[...] No se someten, no se prestan a la preparación física rigurosa. No viven para el futbol. No son como los alemanes, que a las 9 de la mañana del otro día se estaban entrenando nuevamente, mientras los argentinos dormían. No se puede hablar de fallas en el equipo argentino; fue superado netamente por velocidad, estado atlético, organización, sobriedad, sentido práctico que tienen los checoslovacos. [...] El ataque argentino quedó aislado, pero tampoco bajaron con la rapidez y continuidad que acostumbran los europeos. Estos hacen doble función, suben y bajan. Es una ventaja apreciable, que no pude disimularse. [...] Repetimos y hay que prestar interés a este concepto: No hubo fallas, lo que hubo fue superioridad neta del adversario, una superioridad en todos los aspectos. (BOROCOTÓ, 2018).

De alguma forma é possível perceber que se critica nos argentinos aquilo que seria a fortaleza dos europeus, mas, ao mesmo tempo, esses atributos reconhecidos são precisamente aqueles que, nos primeiros anos da história da seleção argentina, eram apontados como antagônicos do *fútbol criollo*.

O sociólogo Pablo Alabarces assinala também essa derrota para a Tchecoslováquia como um jogo que causou mudanças:

Pero en el Mundial de 1958 [...] el seleccionado es derrotado por 6 goles a 1 por Checoslovaquia, y este hecho provoca la fractura de

---

<sup>17</sup> BOROCOTÓ. 1958. Argentina fracasa en Suecia. “No es cuestión de hombres”. *El Gráfico*, 28 maio 2018. Disponível em: <https://www.elgrafico.com.ar/articulo/1090/31567/1958--argentina-fracasa-en-suecia-no-es-cuestion-de-hombres>. Acesso em: 12 dez. 2022.

todos los relatos míticos. La superioridad de un estilo de juego, la narración que construyó una identidad nacional en torno del deporte, se ve demolida pragmáticamente. Las respuestas periodísticas al “Desastre de Malmö” – como fue llamado este partido – pueden ser leídas igual que en los años veinte, como discursos eficaces en el sentido de proponer cosmovisiones globales: la Argentina debía, en todos sus campos, modernizarse. (ALABARCES, 2007, p. 82, aspas do autor).

Quanto a essa modernização no futebol, embora apontada para todos os campos, o próprio Alabarces amplia: “En el fútbol, la modernización se llamó *fútbol-espectáculo* [...] y la adopción de esquemas tácticos y de entrenamientos europeos, insistiendo en sumar *disciplina* a la *indolencia criolla*” (ALABARCES, 2007, p. 86, itálico do autor).

No caso do Brasil, poderíamos tomar como exemplo o famoso Maracanazo, partida da final do mundial de 1950, jogado no Brasil, com derrota do time local por 2 a 1 para a seleção uruguaia. Entretanto, por uma questão de proximidade temporal, apontaremos o jogo que estamos analisando ao longo de toda esta tese – Brasil 1 – Alemanha 7 –, por entendermos que esse resultado dialoga plenamente com a final de 1950. Quanto a essa relação entre os dois jogos Helal e Lisboa comentam, num texto em que avaliam a repercussão deste jogo na grande mídia:

[...] é necessário evidenciar que existia a expectativa em meio ao público e à imprensa esportiva de que a conquista do título da Copa de 2014 pudesse apagar a frustração causada pelo Maracanazo. (HELAL; LISBOA, 2016, p. 6).

Como apontamos, esses dois autores fazem em seu escrito “Uma derrota para se guardar na memória? Um estudo das narrativas jornalísticas sobre o 7 a 1 da Copa de 2014” um exaustivo levantamento das matérias e análises lançadas na mídia a partir dessa derrota do Brasil. Por motivos de foco, não os recapitularemos aqui, mas é importante salientar que nessa indagação há, majoritariamente, uma evocação ao Maracanazo ou Mundial de 1950, por um lado, ou ao péssimo desempenho da seleção nesse jogo contra a Alemanha, e ficam sugeridas ou apontadas eventuais consequências no futuro próximo da seleção. Entretanto, vamos recuperar uma das considerações finais dos autores

sobre eventos futuros que poderiam remediar as consequências desse resultado tão marcante na história do futebol brasileiro:

[...] uma suspeita: a de que a imprensa esportiva brasileira acionará as memórias sobre o 7 a 1 [...] pelo menos até o selecionado do Brasil alcançar um novo título da Copa do Mundo, o único triunfo que parece capaz de suplantar uma derrota tão vexatória como a goleada sofrida pela seleção em um jogo da semifinal da segunda Copa do Mundo realizada em território nacional. (HELAL; LISBOA, 2016, p. 16-17).

Até o presente momento não podemos confirmar ou desmentir a suspeita dos autores, uma vez que desde 2014 o Brasil não voltou a ganhar uma Copa do Mundo, porém podemos confirmar, isso sim, que a anterior pior derrota da história, o Maracanazo de 1950, não “foi suplantada” nem mesmo tendo o Brasil conquistado cinco Copas do Mundo, já que, como acabamos de apontar, foi assunto vigente pelo menos até 2014.

Dessa forma, nos atrevemos a reforçar nossa hipótese, ao menos para a presente tese, de que as derrotas históricas promovem tanto o surgimento de novos atributos como a atualização de outros e seus efeitos parecem perdurar por muito tempo, a tal ponto que quiçá seja uma grande derrota que consiga mitigar outra.

Voltando ao trajeto feito ao longo desta investigação, é necessário destacar a importância que teve o levantamento histórico que fizemos. Uma vez escolhidos os critérios para formar o *corpus* de análise, inicialmente determinado pelas denominações “Argentina”, “Brasil” e correferências, em função das modulações informativa e avaliativa/ de almanaque, percebemos que em muitos enunciados dessa modulação subjaziam elementos que apontavam indícios ou traços de alguma forma de rememoração da história das duas seleções, sinal de que não seria algo excludente para um ou outro lado. Retornamos às transcrições iniciais para extrair todos os enunciados que tivessem alguma forma de relato histórico sobre as seleções de futebol, independentemente de haver ou não correferências aos times nacionais.

Esse desdobramento se mostrou tão produtivo que não apenas confirmamos um grande número de casos em que se reconhece algum viés de relato histórico, como também enunciados em que percebemos expressões próximas daquelas que poderiam ser proferidas por um “torcedor/hincha padrão”

perante as instâncias de um jogo, mas com uma adequação lexical própria de um profissional que se manifesta através de um meio massivo de comunicação.

Em virtude disso, acrescentamos mais duas modulações: a primeira chamada modulação de relato histórico, na qual inserimos esse tipo de enunciados; a segunda, denominada modulação de torcedor midiático/hincha mediático (M-TH/M), em que incluímos as falas e reações que estariam mais próximas de um torcedor-padrão, porém que denotam certos cuidados ou escolhas lexicais.

Sem dúvidas, ter feito esse movimento, ter ampliado as modulações perceptíveis, foi de extrema importância para nossa investigação, pois abriu algumas janelas que nos permitiram nos aproximar de várias questões importantes e sugerir respostas para pontos centrais desta tese, como, por exemplo, a procura de dados e textos sobre os inícios das seleções de futebol desses países, fontes nas que já vislumbramos, em especial a partir da produção vinda da mídia, vários atributos próprios dos conjuntos nacionais que até hoje perduram. Também foi importante podermos reconhecer novas propriedades do *ethos* do narrador, especialmente os traços que apontamos acima como torcedor midiático, considerando o que postulamos em nossa dissertação de mestrado (RUSSO, 2013) sobre o *ethos* do narrador.

Determinar abrir a investigação e adicionar ao *corpus* enunciados que apresentassem algum traço de relato histórico nos fez pensar em tópicos que acreditamos ser necessários para darmos um embasamento teórico adequado para esse novo material de análise, sendo um desses tópicos o conceito de “nação”.

A própria leitura que já vínhamos fazendo de diversos autores nos foi encaminhando para várias alternativas sobre esse tema, em especial para historiadores que são referência, como Anderson e Hobsbawm. As teorias e ideias que assumimos desses dois autores, tanto para o conceito de nação como de identidade nacional foram tão valiosas que se tornou quase natural o passo seguinte: estabelecer leituras sobre os estágios iniciais das seleções nacionais brasileira e argentina, o contexto sócio-histórico em que é reconhecido esse nascimento e como ia se construindo a relação de identidade nacional através desses times, suas alteridades e atributos mais notados.



As indagações históricas que fizemos sobre os primeiros anos das seleções nacionais de futebol da Argentina e do Brasil aportaram um grande número de semelhanças, sobretudo no tocante ao período fundacional de ambos os conjuntos, a habilidade corporal e a capacidade de invenção dos jogadores locais como destaque contra a rigidez e a mecanicidade apontadas no que se refere aos rivais europeus, a importância dos meios de comunicação na atribuição e o fortalecimento das qualidades das seleções, especialmente se o sucesso esportivo ia acontecendo.

Textos como “Foot-ball mulato” de Gilberto Freyre e as análises sobre ele feitas por Helal e Mostaro, ou o minucioso estudo realizado por Archetti sobre a revista *El Gráfico* forneceram sólida base sobre a qual avançamos, principalmente na observação dos atributos reconhecidos como próprios de cada seleção, muitos dos quais continuam vigentes e que fazem parte da análise dos enunciados produzidos nos jogos que escolhemos para nossa tese, acontecidos na segunda década do século XXI.

A ponte que construímos para unir essas duas instâncias cruciais dentro de nossa investigação ficou apoiada em diversos conceitos teóricos sobre a memória, sobretudo nos Elementos Constitutivos da Memória propostos por Michael Pollak. Podemos dizer que a opção que fizemos por esses conceitos teóricos de Pollak, principalmente nas construções de acontecimentos, personagens e espaço-tempo foram aqueles que “desataram o nó” dentro da investigação.

Afirmamos isso por dois motivos: o primeiro é porque assumir os conceitos de Pollak para colocar à prova os enunciados que passaram a integrar a modulação de relato histórico se mostrou totalmente certo, pois todos esses enunciados continham, pelo menos, um ECM. O segundo motivo, que deriva do anterior, é que o *corpus* “falou” novamente e nos permitiu perceber enunciados que carregam traços ou marcas de um relato histórico, mas neles não é possível reconhecer necessariamente algum dos ECM. Foi então que apresentamos a proposta da memória identitária, que definimos como “qualquer tipo de alusão a traço ou atributo reconhecível como conferido à identidade da seleção nacional de futebol do país em foco, dentro da própria comunidade ou além dela.”

Acreditamos que o trabalho que desenvolvemos ao longo de toda esta tese nos permite apresentar resultados animadores sobre nosso foco principal:

poder considerar as seleções nacionais de futebol como mercadorias não corpóreas, cujos atributos ou qualidades vão se atualizando, modificando, aumentando, refazendo, incluindo etc. através da narração dos jogos em que participam, uma vez que, como conseguimos mostrar, em alguns dos enunciados produzidos pelos relatores se recupera parte desses atributos e, dessa forma, se mantêm atualizados; ou outros atributos são incluídos e, sob as circunstâncias ideais, alguns deles podem entrar em circulação, ou seja, começam a ser consumidos por meio de sua reutilização, repetição, reformulação etc. e, assim passam a integrar tal conjunto de atributos que dão forma às seleções nacionais como mercadorias não corpóreas.

Também entendemos que conseguirmos propor o conceito de memória identitária, fruto de vários desdobramentos analíticos, é outro resultado positivo de nossa pesquisa, porque consideramos que poderá ser produtivo para estudos que vão além do discurso sobre futebol. A memória identitária, como produção discursiva daquilo que determinada comunidade reconhece como síntese total ou parcial dos atributos de alguma esfera que considera própria, ou que reconhece como forma de alteridade, poderá ser considerada uma boa aliada em estudos que, de alguma forma, abordem campos discursivos que envolvam alguma forma de relato histórico.

“Torcemos” para que assim seja.

## REFERÊNCIAS<sup>18</sup>

ALABARCES, P. Tropicalismos y europeísmos en el fútbol. La narración de la diferencia entre Brasil y Argentina. **Revista Internacional de Sociología**, v. LXIV, n. 45, p. 67-82, septiembre-diciembre 2006. ISSN: 0034-9712.

ALABARCES, P. **Fútbol y Patria**. El fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.

ALABARCES, P. Fútbol, leonas, rugbiers y patria. El nacionalismo deportivo y las mercancías. **Nueva Sociedad**, n. 248, noviembre-diciembre 2013. ISSN: 0251-3552.

ALABARCES, P. **Historia mínima del fútbol en América Latina**. 1. ed. Ciudad de México, México: El Colegio de México, 2018.

ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas**. Reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo. Traducción de Eduardo L. Suárez. Ciudad de México, México: Fondo de Cultura Económica, 1993. ISBN: 968-16-3867-0

ARCHETTI, E. P. Estilos y virtudes masculinas en *El Gráfico*: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Desarrollo Económico**, v. 35, n. 139, p. 419-442, octubre-diciembre 1995.

ARCHETTI, E. P. El potrero y el pibe. Territorio y pertenencia en el imaginario del fútbol argentino. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 259-282, jul.-dez. 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 6023**: Informação e documentação – Referências – Elaboração. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BAIER, N. La semi de 2008 ante Brasil, un gran recuerdo para Argentina. **ESPN**, 2 jul. 2019. Disponível em: <https://www.espn.com.ar/futbol/copa->

---

<sup>18</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (**ABNT NBR 6023**, 2002)

america/nota/\_/id/5794495/la-semi-de-2008-ante-brasil-un-gran-recuerdo-para-argentina. Acesso em: 12 dez. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990**. Brasília: MEC, 2009.

BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, v. 1. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOROCOTÓ. 1958. Argentina fracasa en Suecia. “No es cuestión de hombres”. **El Gráfico**, 28 maio 2018. Disponível em: <https://www.elgrafico.com.ar/articulo/1090/31567/1958--argentina-fracasa-en-suecia-no-es-cuestion-de-hombres>. Acesso em: 12 dez. 2022.

BUCCI, E. O espetáculo e a mercadoria como signo. In: NOVAES, A. (Org.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Editora Senac, 2005. p. 218-233. ISBN: 8573594144.

BUCCI, E. Em torno da instância da imagem ao vivo. **MATRIZES**, São Paulo, ano 3, n. 1, p. 65-79, ago.-dez. 2009. ISSN: 1982-2073.

CANCLINI, N. G., 2008 apud MODESTO, C. F.; GUERRA, M. de O. A construção da identidade através das narrativas radiofônicas. Trabalho apresentado no GT Comunicação Audiovisual. **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Vitória, Espírito Santo, 13 a 15 de maio de 2010.

COPA AMÉRICA 2019 | Final | Brasil 3 x 1 Peru | Maracanã. 19 set. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Jb7JWib2CY0>. Acesso em: 13 dez. 2022.

CHANTECLER, 1928 apud ARCHETTI, E. P. Estilos y virtudes masculinas en *El Gráfico*: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Desarrollo Económico**, v. 35, n. 139, p. 419-442, octubre-diciembre 1995.

DEPOIMENTO de Júlio César após a goleada da Alemanha. 8 jul. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hwxMCE8FvTA>. Acesso em: 12 dez. 2022.

DI GIANO, R. Avatares de la modernización en el fútbol argentino. In: ALABARCES, P.; DI GIANO, R.; FRYDENBERG, J. (org.). **Deporte y Sociedad**. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

DICCIONARIO del Español de México. Disponível em: <https://dem.colmex.mx/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

FANJUL, A. **A pessoa no discurso**: português e espanhol: novo olhar sobre a proximidade. São Paulo: Parábola. 2017.

FIFA. **Brazil v Germany | 2014 Fifa World Cup | Full Match**. [2018]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jW5jobEpkk4>. Acesso em: 12 dez. 2022.

FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREYRE, G. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, 17 jun. 1938. Disponível em: [https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto\\_freyre.pdf](https://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/foot-ball-mulato-gilberto_freyre.pdf). Acesso em: 11 dez. 2022.

FRYDENBERG, J. Redefinición del fútbol aficionado y del fútbol oficial. In: ALABARCES, P.; DI GIANO, R.; FRYDENBERG, J. (org.). **Deporte y Sociedad**. Buenos Aires: Eudeba, 1998.

GASTALDO, E. L. Notas sobre um país em transe: mídia e Copa do Mundo no Brasil. **Motrivivência**, Florianópolis, ano XII, n. 17, setembro 2001.

GUEDES, S. L. De *criollos* e capoeiras: notas sobre futebol e identidade nacional na Argentina e no Brasil. XXVI Encontro Anual da ANPOCS, Caxambu, Minas Gerais, 22 a 26 de outubro de 2002.

GUIMARÃES, E. **Semântica do acontecimento**. Campinas: Pontes, 2005.

HELAL, R. G. As idealizações de sucesso no imaginário futebolístico brasileiro: um estudo de caso. In: ALABARCES, P. (ed.). **Peligro de gol**. Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

HELAL, R. G.; LISBOA, F. A. Uma derrota para se guardar na memória? Um estudo das narrativas jornalísticas sobre o 7 a 1 da Copa de 2014. **Alceu**, v. 16, n. 32, p. 5-20, jan.-jun. 2016.

HELAL, R. G.; MOSTARO, H. “Foot-ball mulato” e o imaginário nacional: a atmosfera de sentidos da Copa de 1938. **Alceu**, v. 19, n. 37, p. 16-35, jul.-dez. 2018.

HISTÓRICO contra Lionel Messi favorece o Brasil em semifinal da Copa América. **Midiamax**, 1 jul. 2019. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br/esportes/2019/historico-contra-lionel-messi-favorece-o-brasil-em-semifinal-da-copa-america/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

HOBBSAWM, E. **La era del capital**, 1848-1875. Buenos Aires: Paidós, 2010.

KELLNER, D., 2001 apud MODESTO, C. F.; GUERRA, M. de O. A construção da identidade através das narrativas radiofônicas. Trabalho apresentado no GT Comunicação Audiovisual. **XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**, Vitória, Espírito Santo, 13 a 15 de maio de 2010.

KFOURI, J. Seleção no ataque. **Folha de S.Paulo**, 7 jul. 2014. Disponível em: <http://feeds.folha.uol.com.br/fsp/esporte/174813-selecao-no-ataque.shtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

KRIEG-PLANQUE, A. **Analisar discursos institucionais**. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Helena Boschi. Uberlândia: EdUFU, 2018.

MAINGUENEAU, D. Problemas de *ethos*. In: POSSENTI, S.; SOUZA-E-SILVA, M. C. P. (org.). **Cenas da enunciação**. 2. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 55-73.

MAINGUENEAU, D. Retorno crítico à noção de *ethos*. **Letras de Hoje**, v. 53, n. 3, p. 321-330, jul.-set. 2018.

“MESSI no te vayas”. **Olé**, 30 mar. 2017. Disponível em: [https://www.ole.com.ar/seleccion/messi-vayas\\_0\\_SyMk\\_kJihe.html](https://www.ole.com.ar/seleccion/messi-vayas_0_SyMk_kJihe.html). Acesso em: 12 dez. 2022.

MONTERO, A. S. Memoria discursiva e identidades políticas. Huellas y relatos del pasado reciente en el discurso político contemporáneo. **Seminario de extensión “Problemas de investigación interdisciplinaria II: violencias y memorias del pasado reciente”**, Universidad Nacional de Mar del Plata, Mar del Plata, Argentina, noviembre de 2013.

MORALES, V. H. **Los tres goles de Boca – River 1981**. 10 abr. 2013. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Hd1KsaN\\_gME](https://www.youtube.com/watch?v=Hd1KsaN_gME). Acesso em: 12 dez. 2022.

OLÉ, domingo 26 de junio de 2016. **Infobae**, 26 jun. 2022. Disponível em: <https://www.infobae.com/diarios/2016/06/26/ole-domingo-26-de-junio-de-2016/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PÊCHEUX, M. Leitura e memória: projeto de pesquisa. [1983]. Tradução de Tânia C. de Souza. In: PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**. Textos escolhidos por Eni Puccinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 2011. p. 141-150.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Tese (Doutorado em História) — Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998. 380 f.

POLLAK, M. Memória e identidade social. Tradução de Monique Augras. Edição de Dora Rocha. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAITER, A. El pasado como desgracia, el futuro como promesa: estrategias discursivas en CFK. **V Congreso Internacional de Letras – Transformaciones Culturales. Debates de la teoría, la crítica y la lingüística**, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, Argentina, p. 2393-2400, 27 de noviembre al 1 de diciembre de 2012. ISBN 978-987-3617-54-6

RIBEIRO, A. P. G., 2003 apud HELAL, R. G.; LISBOA, F. A. Uma derrota para se guardar na memória? Um estudo das narrativas jornalísticas sobre o 7 a 1 da Copa de 2014. **Alceu**, v. 16, n. 32, p. 5-20, jan.-jun. 2016.

ROSSI LANDI, F. **A linguagem como trabalho e como mercado**: uma teoria da produção e da alienação linguísticas. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Difel, 1985.

RUSSO, M. E. A voz do torcedor e do *hincha* na narração de gol no futebol do Brasil e da Argentina. Dissertação (Mestrado em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. 143 f.

RUSSO, M. E. Os torcedores na voz do narrador de futebol. In: FANJUL, A. e MENEZES, A. (org.). **Brasil e Argentina: Estudos discursivos comparados**. Campinas: Pontes Editores, 2021.

SANTOS, C. A. R. Narração esportiva de futebol e composicionalidade: uma proposta de estudo textual-discursiva das sequências textuais. **Estudos da Língua(gem)**, Vitória da Conquista, v. 10, n. 2, p. 31-48, dezembro 2012.

SALGADO, L. S. “Comunica – inscrições linguísticas na Comunicação”: um trabalho no limiar. Trabalho apresentado ao Grupo de Pesquisa COMUNICA. II **Jornada Internacional GEMInIS**, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 17 a 19 de maio de 2016.

TODOROV, T. **Los abusos de la memoria**. Traducción de Miguel Salazar Barroso. Barcelona: Paidós Iberica, 2000.

UN PARTIDO estelar: Italia y Argentina juegan la Finalissima. **ESPN**, 2 jun. 2022. Disponível em: <https://www.espn.com.ar/video/clip?id=10418770>. Acesso em: 12 dez. 2022.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**. Parte I (ABNT). 4. ed. São Paulo: AGUIA, 2020.



VEZZETTI, H. **Pasado y presente**: guerra, dictadura y sociedad en la Argentina. 1. ed. 3. reimp. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2012.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## ANEXOS

### ANEXO A – Quadro 1 – Total de casos em espanhol

Nº do caso	Minutos no arquivo	Enunciado	Modulações			
			M-I	M-A/A	M-RH	M-T/H M
1	0010	Se viene la final, aquí estamos. Argentina y Chile.	X			X
2	0015	El día que queríamos, la final que esperábamos. Chile, Chile como en el primer partido. Como en la final que no pudo darse. Queremos que esa etapa quede en la historia.		X	X	
3	0024	Que se rompa todo el pasado y que este presente nos encuentre con una Argentina ganadora.			X	X
4	0028	[Comentarista] Y qué mejor que una revancha de lo sucedido hace 365 días. Allí del otro lado de la Cordillera. Qué mejor que el rival sea Chile.		X	X	
5	0040	Y qué mejor que empezar a entrelazar historias.		X	X	
6	0046	Messi contra Chile, y la oportunidad, después de no haber jugado el primer encuentro, de darle a la Argentina, ese vigor ofensivo, que le permita quedarse con la copa tan ansiada.		X	X	
7	0055	También la historia de los chilenos ante la Argentina, que lograron romper por penales, pero nunca le pudieron ganar en Copa América, en 26 enfrentamientos.			X	
8	0101	20 triunfos de la Argentina, 6 empates...			X	
9	0120	Estamos con muchísimas, muchísimas ganas con todo el equipo de Televisión Pública Argentina. Te aseguro que lo vivimos igual que vos. Que lo sentimos de la misma manera.				X
10	0143	Y aquí está el MetLife, en esta bellísima Nueva Jersey, esperando por Argentina y Chile.	X			

11	0149	Vamos más que nunca, Argentina. Hashtag Somos Argentina. Argentina frente a Chile.	X			X
12	0156	Con todo, muchachos, ¿eh? Sin olvidarse de nuestra idea, de nuestra identidad. A jugarlo con los dientes bien apretados.			X	X
13	0207	[Chama pausa. Imagem da taça, o troféu] ¿Esa copa será o no será? Sí, quedate, puede pasar.			X	X
14	0241	Vamos con todo, puños bien apretados, porque juega Argentina frente a Chile. Y la final que esperábamos.	X	X	X	X
15	0255	Vamos con todo, Argentina.		X		X
16	0311	Se viene Argentina, se viene Chile.	X			
17	0314	Con todo, Argentina... ¡A jugarlo con el valor de una final, muchachos!		X		X
18	0329	[Imagem de Messi] Ya sé, Leo. Lo querés más que ninguno. Lo buscás más que nadie.		X	X	
19	0347	¡Vamos, muchachos! Vamos, que hoy puede pasar. ¡Vamos, Argentina!		X		X
20	0401	¡Aquí, aquí, aquí está el seleccionado argentino!	X			
21	0421	Les pido que la jueguen con todo. Que sientan cada pelota como cada uno de los argentinos que los están apoyando.		X		X
22	0448	Él (Messi) y la selección deberán coronar ahora.		X	X	
23	0452	Es ahora el momento. Es el tiempo de las definiciones.		X	X	
24	0700	Más que nunca somos... Más que nunca somos Argentina. Más que nunca, bien cerquita del equipo del Tata (Gerardo Martino). ¡Vamos, Argentina!			X	X
25	0847	70-30 el estadio de argentinos. Sí. Créanos.	X			X
26	1124	Más que nunca somos ellos (imagem da formação da seleção). Así forma Argentina.	X			X
27	1136	Los once del Tata Martino.	X			

28	1313	¡Así, Argentina! ¡Así, así te quiero!				X
29	1338	La presión de Argentina.	X			
30	1413	Ahí presiona Argentina.	X			
31	1518	Es lateral para el seleccionado argentino.	X			
32	1600	Vamos, Argentina. ¡Vamos!				X
33	1611	Tapa los espacios en el comienzo, Argentina. Presiona.	X	X		
34	1832	Hay tiro libre para el seleccionado argentino.	X			
35	1836	Es un lindo tiro libre para Argentina, muchachos.	X	X		X
36	1930	Hay tiro de esquina para el seleccionado argentino.	X			
37	1959	Corta, Argentina. Bien, Rojo. Perfecto, Biglia.	X	X		
38	2154	lucht, ¿está bien Argentina? ¿Cómo estamos?		X		
39	2329	Presiona ahí, Argentina. Con Pipa (Higuaín).	X			
40	2400	A retroceder bien, Argentina.		X		
41	2407	Lateral para el seleccionado argentino.	X			
42	2727	Hay que defender esta, Argentina.		X		X
43	3023	Vamos a marcar, Argentina.				X
44	3030	Agazapado va Argentina.	X	X		
45	3241	Lo tuvo Argentina. Recién llegó nomás Chile.	X			
46	3303	La pelota es de Argentina.	X			
47	3310	Hay dos jugadores que se mueven en Argentina. ¿Será por Di María?	X			
48	3341	Donde hay una camiseta argentina, allí estamos, allí estaremos.				X
49	3402	¡Lo perdió Argentina!	X			X
50	3535	Ahora Argentina, vamos, así, con la pelota, con la idea firme.		X		X
51	3624	Por arriba Argentina lo puede lastimar a Chile. Por arriba, Argentina, lo puede golpear al seleccionado de Pizzi.		X		
52	4103	Hay tiro libre para Argentina.	X			
53	4153	Hay tiro libre para Argentina.	X			
54	4203	¡Vamos Argentina, con este tiro libre!	X			X
55	4216	Hay tiro libre para el seleccionado argentino.	X			

56	4310	Hay que jugarlo con todo, Argentina.		X		X
57	4346	Hay tiro libre para Argentina.	X			
58	4345	Atención, Argentina, con 10 Chile. Expulsado, recién nomás, Diaz.	X			
59	4449	Lateral para el seleccionado argentino.	X			
60	4633	Y sale desde el fondo Argentina, con Romero.	X			
61	4658	Argentina tiene 5 jugadores adelante de la línea del balón.	X			
62	4752	Peleando por la pelota Argentina, ahora.	X			
63	4756	Tiene que salir de eso Argentina.		X		
64	4847	Argentina aprovecha y sale...	X	X		
65	4858	Argentina no tiene que entrar en esta, muchachos. (Confusão entre jogadores)		X		X
66	4943	¡Qué bien, Argentina! ¡Así, Argentina!		X		X
67	4946	El lateral es para el seleccionado argentino.	X			
68	5130	Ha ganado casi todas, hasta aquí Otamendi, por arriba, para Argentina.	X			
69	5150	¡Vamos, Argentina! ¡Vamos que hoy puede darse! Hoy puede pasar, muchachos.			X	X
70	5349	Agazapado, busca lastimarlo Argentina a Chile.	X	X		
71	5534	Con 10 se queda Argentina.	X			
72	5708	Se queda con 10 Argentina. Expulsado Rojo.	X			
73	5753	Mirá cómo está en el banco Argentina. Están desesperados en el banco de Argentina. Están como locos en el banco de Argentina.	X	X		
74	5818	Argentina no tiene que irse de lo importante. Argentina no tiene que irse del partido.		X		
75	5924	Con 10 Argentina. Expulsado, para nosotros mal, recién, Rojo.	X	X		
76	010148	También, para la Argentina, tiene dos centrales muy rápidos.	X	X		

77	010201	¡Vamos, Argentina! A despertar, Argentina. A abrir grande los ojos.		X		X
78	010217	¡Vamos, vamos ahora, Argentina!				X
79	010258	Con 10 Argentina. Expulsado Rojo.	X			
80	010332	Retornamos. Entretiempo. Argentina 0, Chile 0.	X			
81	010409	Bien, está retornando Argentina para el segundo tiempo.	X			
82	010446	[Comentarista] Vinimos a ver a Chile y a Argentina y terminamos viendo al brasileño Héber Lopes (juiz).		X		
83	0104;50	[Comentarista] Partido de momentos . Los primeros 10 buenos de Argentina, con llegadas.		X		
84	010521	Estoy mirando... Creo que Argentina no tendrá cambios para el segundo tiempo.	X	X		
85	010551	[Comentarista] Argentina tuvo las dos más claras: aquella de Banega. Y, sobre todo, la de Gonzalo Higuaín...	X	X		
86	010629	¡Vamos, Argentina! Ahora segundo tiempo. Y vamos con todo, muchachos. Más que nunca somos Argentina. Segunda parte en marcha.	X			X
87	010723	¡Cuidado, Argentina!		X		X
88	010737	Ahí espera Argentina, con Leo y con Pipa.	X			
89	010752	Expulsado después, Marcos Rojo, en el seleccionado argentino.	X			
90	010839	Es Argentina, Messi.	X			X
91	010939	¡Vamos, Argentina, vamos a responder aquí!		X		X
92	010951	Tácticamente, ¿es la Argentina que terminó la primera parte tras la roja de Marcos Rojo?	X	X		
93	011026	A no quedarse, Argentina...		X		X
94	011039	¡A marcar, Argentina. Vamos ahí!		X		X
95	011259	Vamos a recuperarla. Vamos a intentar tener la pelota, Argentina, ahora.		X		X

96	011333	Si pasaba, era clara para Argentina.		X		
97	011403	Quiero que reacciones, Argentina. ¡Vamos!		X		X
98	011410	¡Vamos, Argentina! Hay que zamarrearlo al equipo. Tiene que aparecer la Argentina de la primera parte.		X		X
99	011418	Aquí, Argentina 0, Chile 0.	X			
100	011444	Hay tiro libre para Argentina.	X			
101	011450	¡Hay tiro libre para el seleccionado argentino!	X			
102	011520	¿Quién se viene? ¿Kranevitter para Argentina?	X			
103	011642	A marcarlo a Isla, más cerquita, Argentina. Más juntitos, ahí.		X		
104	011716	Vamos, Argentina, a recuperarla.		X		X
105	011723	Está muy atrás Argentina. Hay que salir.		X		X
106	011850	Expulsado Díaz, en Chile; y Rojo, en el seleccionado argentino.	X			
107	011853	Pegó en Isla, la pelota es para Argentina.	X			
108	011903	A jugarlo, Argentina, vamos.		X		X
109	011909	Va metiendo, de a poquito Argentina. Va metiéndose el equipo otra vez en partido.		X		
110	011943	A ver, por arriba, Argentina.		X		X
111	012058	Argentina, 0; Chile, 0.	X			
112	012154	A presionar, Argentina, con Kranevitter.		X		X
113	012200	A presionar ahí, Argentina, vamos. A encerrarlo a Chile.		X		X
114	012248	Hay tiro libre para el equipo de Martino.	X			
115	012316	Es la final de la Copa América Centenario, y aquí la compartimos. ¡Vamos, Argentina! ¡Somos más Argentina que nunca!	X			X
116	012411	¡Bien, Banega; bien, Banega! ¡Así, Argentina!		X		X
117	012429	Tiro de esquina para el seleccionado argentino, y vamos todos, ¿eh? a buscar el cabezazo.	X	X		X
118	012438	Por arriba va el seleccionado argentino.	X			

119	012409	Sigue atacando Argentina.	X			
120	012624	Llegó lejos en la presión Argentina, aquí.		X		
121	012630	Sí, llegó tarde en la presión Argentina.		X		
122	012703	Lateral para Argentina, ahora.	X			
123	012822	En un rato te digo, ya te digo de quién tengo ganas en Argentina.		X		X
124	012903	Vamos acá, Argentina. ¡Vamos! Vamos, Argentina, que el partido está abierto y 0 a 0.	X	X		X
125	012911	¡Vamos, selección; vamos, Argentina!				X
126	012936	Enseguida el segundo cambio en Argentina.	X			
127	012957	Hay tiro libre para el seleccionado argentino.	X			
128	013131	Hace sombra, de este lado en Argentina, Biglia.	X			
129	013142	Apoyemos a la selección, que hoy puede pasar. ¡Vamos, vamos Argentina!			X	X
130	013157	Sin falta, Argentina.		X		
131	013303	Lateral para el seleccionado argentino.	X			
132	013310	Cero, la selección; cero Chile.	X			
133	013329	Por eso lateral argentino.	X			
134	013418	¡Vamos, Argentina; vamos, Argentina!				X
135	013422	Con diez nosotros, expulsado Rojo.	X			X
136	013441	Agazapado, lo espera el seleccionado.		X		
137	013545	Pelota del arquero argentino.	X			
138	013628	La tiene Argentina.	X			
139	013635	Ataca la selección.	X			
140	013640	Vuelve Argentina, con Mascherano.	X			
141	013643	Muy atrás Chile ahora. Lo va metiendo contra su arco, Argentina.		X		
142	013823	Con 10 Argentina por la roja a Marcos Rojo.	X			
143	013827	¡Vamos, Argentina, ahora! Trece minutos van a quedar.	X			X
144	013830	¡Vamos, Argentina!				X
145	013853	Te lo pido por favor, Argentina. Te lo pido por favor, selección.	X	X		X



		Quedarán 12 minutos. A jugar esto con todo.				
<b>146</b>	013952	Es lateral para el seleccionado argentino.	<b>X</b>			
<b>147</b>	014051	¡Ay, Argentina! ¡Ay, Argentina!		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>148</b>	014131	Agazapado lo espera Argentina, Allí.		<b>X</b>		
<b>149</b>	014153	Argentina... ¡así no! ¡Argentina, vamos!		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>150</b>	014220	Salga rapidito ahí, Argentina.		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>151</b>	014307	Vamos, Argentina, a despertar. ¡Vamos!		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>152</b>	014339	Es lateral para Argentina, lo va a hacer Mercado.	<b>X</b>			
<b>153</b>	014402	¡Vamos, Argentina!				<b>X</b>
<b>154</b>	014421	Antes del alargue a Argentina le queda un cambio aún, ¿no?	<b>X</b>			
<b>155</b>	014437	A jugarlo con todo, Argentina. Por favor se lo pido, muchachos.		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>156</b>	014449	Tiro libre para el seleccionado argentino.	<b>X</b>			
<b>157</b>	014536	¡Ay, ay, ay, era de Argentina! Lo gritábamos todos.		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>158</b>	014603	Era clara, recontra clara para Argentina. Van a quedar 5 minutos.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>159</b>	014618	Lo tuvo recién nomás Argentina.		<b>X</b>		
<b>160</b>	014649	Partido abierto. Cero, Argentina; cero, Chile.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>161</b>	014701	Toca Argentina, juega Argentina.		<b>X</b>		
<b>162</b>	014703	Es lateral para el equipo argentino. ¡A jugar, Argentina!	<b>X</b>	<b>X</b>		<b>X</b>
<b>163</b>	014727	Es lateral argentino.	<b>X</b>			
<b>164</b>	014741	Es un tiro libre grande. Creeme, creeme en tu casa, es un gran tiro libre para Argentina, este.	<b>X</b>	<b>X</b>		<b>X</b>
<b>165</b>	014750	Atención, que Argentina tiene un tiro libre importantísimo.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>166</b>	014806	Atención, Argentina; atención, país, hay tiro libre.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>167</b>	014823	Es un tiro libro importantísimo para la selección	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>168</b>	014827	Atención que por arriba va Argentina.		<b>X</b>		
<b>169</b>	015009	Vamos, Argentina.				<b>X</b>
<b>170</b>	015011	Ahí no, Argentina. ¡Ahí, no!		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>171</b>	015026	Lateral argentino.	<b>X</b>			

172	015027	Atención, país; atención, Argentina.		X		
173	015128	A marcar, selección; a marcar, Argentina.		X		X
174	015226	Sale Argentina.	X			
175	015246	Lateral para el seleccionado argentino.	X			
176	015301	Se viene Argentina en el final.	X	X		
177	015333	Dos tiempos de 15 los que viene, pero, Argentina puede tener la última.	X	X		
178	015337	Me pregunto: ¿será la última esta para Argentina?				X
179	015401	¡Vamos, Argentina, que es la última!		X		X
180	015442	Han empatado Argentina y Chile, 0 a 0.	X			
181	015453	[Comentarista] Y como hace un año en Chile, nuevamente, el alargue para definir quién será el campeón de la Copa América Centenario, en este caso.			X	
182	015501	[Comentarista] Una selección argentina que deberá recurrir a aquellas cosas intangibles, al carácter, al temperamento, para poder sobrellevar un momento...		X	X	
183	015526	[Comentarista] Más profundo y las más claras, fueron de la selección argentina.		X		
184	015541	[Comentarista] [...] pero a partir de los 25, con el buen ingreso de Kraneviter, liberó a Banega. Y Banega más adelantado, más cerca de Messi, le dieron otra fluidez futbolística al equipo argentino.	X	X		
185	015555	[Comentarista] Tiene que encontrar otras alternativas de ataque la selección nacional. Tiene que no perder el equilibrio en el fondo. Tiene que no descomponerse, no estirarse tácticamente. ¿Parece mucho? Es lo que hace falta para ganar la Copa.		X		
186	015656	[Comentarista] Y empieza a jugar la tensión. La tensión que,		X	X	

		hoy por hoy, y en este partido, tiene más la Argentina.				
187	015708	[Comentarista] [...] la Argentina tiene una tensión que a veces eso se ve trasladado directamente al aspecto físico.		X		
188	015753	[Comentarista] Una selección argentina que todavía tiene la variante, la tercera de los 90, más otra más que empieza a surgir a partir de este tiempo de alargue.	X			
189	015829	¿Sabés por qué planteaba lo del cansancio? ¿Saben por qué lo planteaba? Tiene más plantel Argentina. Y a la hora de un cambio, la opción que Argentina tiene en el banco, es superadora.		X		
190	015903	Otra vez sorteo, para ver para qué lado atacará la selección argentina.	X			
191	015931	[...] con esta enorme final de la Copa América Centenario: cero, Argentina; cero Chile.	X	X		
192	015949	(Sobre expulsões) [...] y Marcos Rojo, para nosotros mal expulsado, en el seleccionado argentino.		X		
193	020012	Vení, metete con nosotros. Dale, dale. Desde el living de tu casa, vení a vivirlo con nosotros.				X
194	020024	Claro que puede pasar. ¡Cómo no!		X	X	
195	020025	Argentina 0, Chile 0.	X			
196	020103	Este lateral favorece al equipo argentino.	X			
197	020118	Zafa y sale Argentina.	X	X		
198	020625	La tiene Messi, va Argentina	X			
199	020631	Otra vez Biglia, ¡vamos, Argentina!	X			X
200	020805	Pegó en Beausejour, es de Argentina.	X			
201	020901	Apareció el muy buen arquero argentino.		X		
202	020946	Atención, le va a pegar Leo. Se levantan todos los hinchas argentinos.	X	X		

203	021005	Tampoco hay fortuna, ni en esta jugada, para la selección argentina.		X		
204	021140	A defender ahora, Argentina. Quedan 4, quedan 4 minutos.	X	X		X
205	021258	Argentina, por arriba, a buscarlo.		X		
206	021304	Vamos, Argentina. ¡Vamos!				X
207	021420	Es tiro libre para el seleccionado argentino.	X			
208	021428	Atento en la salida, Argentina, con Mascherano.	X	X		
209	021452	Una de las últimas en estos primeros 15 para Argentina.	X			
210	021501	Cantan aquí, se levantan los argentinos.	X			
211	021546	Sí, me mirás de reojo y me acuerdo. Como la última final, sí.			X	
212	021548	[Comentarista] Sí. Como la última final. Como el tiempo extra de 2014. Quiero escribir nuevas historias, Gustavo. Quiero contar otras cuestiones, otros cuentos. Quiero que la historia pase por un lugar diferente.		X	X	
213	021610	[Comentarista] Va a tener una más la Argentina, y va a tener una más Chile.		X		
214	021623	[Comentarista] De cómo la resuelva cada uno de ellos, quizás, la historia se termine en un cuarto de hora o tengamos que ir una vez más a los penales.		X	X	
215	021654	Te pido el último esfuerzo Argentina, ahora.				X
216	021720	Ahí está Argentina, con Biglia.	X			
217	021735	Gira con la pelota la selección.	X			
218	021806	Vamos ahora, Argentina.				X
219	021833	Allá va el córner de Leo. Por arriba, otra vez, Argentina.	X			
220	022136	[Comentarista] Muy obligado Romero y muy concentrado el arquero argentino, que salió sin dudar para ir a romper.	X	X		
221	022231	¡Ay, Argentina! El último toque no llega.		X		X
222	022241	Hay lateral para Argentina.	X			

223	022314	Hay infracción para el seleccionado argentino.	X			
224	022327	Atracción, Argentina.		X		
225	022340	[Comentarista] Por momentos, Argentina casi con doble 9. Con Agüero y con Messi.	X	X		
226	022356	Así, Argentina. Así, Argentina.		X		X
227	022401	Sí, toque, juegue. Así, Argentina.		X		X
228	022406	[Comentarista] La jugada más lúcida de la Argentina, prácticamente, en la última media hora de juego.		X		
229	022446	Hay tiro libre para el seleccionado argentino.	X			
230	022525	Argentina no tiene que entrar en esta.		X		
231	022645	Hay córner derecho para el seleccionado argentino.	X			
232	022832	[Sobre Kranevitter – Comentarista] Un jugador llamado a ser titular de la selección argentina durante mucho tiempo.		X		
233	022850	Atención, Argentina: si esto sigue así, penales, pero falta muchísimo todavía.	X	X		X
234	022857	Con la pelota Argentina, en el final.	X			
235	022935	Se le fue la pelota a Beausejour. Sí, es para Argentina, ya lo hace Mercado (lateral).	X			X
236	023021	[Comentarista] Encontró oxígeno Argentina en Lamela.		X		
237	023028	Con este resultado vamos a los penales. Con este resultado, la final se define por penales, como en Chile 20-15.	X		X	
238	023128	Vamos Argentina, ahora. A recuperarla, vamos.		X		X
239	023222	Atención, Argentina. La final de la Copa América Centenario se define por penales.	X	X		
240	023232	[Comentarista] La historia vuelve a repetirse. Esperemos que no, finalmente, el resultado de esa historia. Volvimos a una definición por penales ante un equipo chileno. Bravo, duro, arduo en cada acción, ante un	X	X	X	

		seleccionado argentino que tuvo las más clara a lo largo del partido.				
241	023306	[Comentarista] ¿Cómo responderá la Argentina ante las imágenes que seguramente serán imborrables? Imágenes próximas de situaciones similares. Esperemos que logren irse de esa imagen y vuelvan a pensar que es el gran desafío, el gran objetivo que se han planteado, y esperemos que nos volvamos a amigar con aquellos duendes de Goyco y aquellas atajadas por penales en el último título argentino, en el 93.		X	X	
242	023330	[Comentarista] Si algo marcó a la Argentina, en aquellos tiempos en los que logró su último título, fueron los penales. Si algo quedó como eje medular de ese tiempo, fue el Vasco Goycoechea.	X		X	
243	023424	¿Cómo estás? ¿Cómo lo estás llevando en casa? En esta larga ya noche de domingo en toda nuestra República Argentina.		X		X
244	023551	Allí, mientras tanto en ese grupo, habló y gritó fuerte Mascherano. Recuerdo aquel "Hoy te convertís en héroe" de Masche a Chiquito y los penales.	X	X	X	
245	023603	Unimos aquella línea imaginaria, pero por qué no, de los penales y Goyco. Y aquellas ediciones de Copa América, y queremos que "Chiquito" sea gigante, y queremos que Romero sea figura.		X	X	
246	023706	Todos juntos y abrazados, en la mitad de la cancha, los jugadores argentinos.	X			
247	023842	[Comentarista] Arturo Vidal pateó sin convicción, demasiado débil, frágil. Todo lo		X		

		contrario del enorme arquero argentino.				
<b>248</b>	023849	[Comentarista] Igual que con Vlaar, en la semifinal de Holanda. El primero, a la izquierda. ¡Grande, Romero!	<b>X</b>		<b>X</b>	<b>X</b>
<b>249</b>	023910	Primer penal para Argentina en la serie.	<b>X</b>			
<b>250</b>	023924	Mirá cómo salió Romero a abrazarlo y a empujarlo al capitán argentino.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>251</b>	024003	Viene para Argentina, Mascherano.	<b>X</b>			
<b>252</b>	024014	Chile 1, Argentina 0.	<b>X</b>			
<b>253</b>	024033	Se viene el segundo penal para el seleccionado argentino.	<b>X</b>			
<b>254</b>	024043	¡Gol de Argentina! Mascherano.	<b>X</b>			
<b>255</b>	024053	(Comentarista, sobre Messi, que erró el pênalti e é mostrado desconsolado) ¿Podrá ser que la vida, una vez con la camiseta de la selección argentina, con la selección mayor le dé un premio? ¡Sufriendo! Pero que le dé un premio.		<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
<b>256</b>	024145	Va Agüero para Argentina.	<b>X</b>			
<b>257</b>	024157	Tercer penal para el seleccionado argentino.	<b>X</b>			
<b>258</b>	024215	Gol de Argentina, gol de Argentina, gol de Agüero.	<b>X</b>			
<b>259</b>	024326	Es el cuarto penal para el seleccionado argentino.	<b>X</b>			
<b>260</b>	024448	Señoras y señores: Chile es el campeón de la Copa América Centenario. Ha derrotado por penales al seleccionado argentino.	<b>X</b>			
<b>261</b>	024500	[Comentarista] La peor de las pesadillas vuelve a repetirse, para este grupo de jugadores. Una vez más, una final, una vez más, sin perder en el campo de juego, pero sí perdiendo en la definición por penales ante los chilenos. Difícil encontrar explicación ante tanto infortunio. Pero ha vuelto a suceder. La película ha vuelto a	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	

		repetirse. Y cualquier palabra puede estar ya de más.				
<b>262</b>	024535	Para Argentina fallaron Messi y Biglia.	<b>X</b>			
<b>263</b>	024609	Chile es el campeón de la Copa América, como hace un año en su país, y ratifica aquí, también por penales, ha derrotado al seleccionado argentino.	<b>X</b>		<b>X</b>	
<b>264</b>	024703	(Sobre o fato de Messi estar sozinho, desconsolado, no banco de suplentes). ¿Sabés qué pasa? Es cada vez más difícil, Román, también, ¿no? Porque el paso de las finales golpea cada vez más.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>265</b>	024710	[Comentarista] – El estigma es cada vez más grande. – Tal cual.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>266</b>	024714	[Comentarista] Siete finales consecutivas ha perdido la Argentina: Copa Confederaciones, 1995, 2005. Copa América 2015 y 2016. Mundial 2014. Empiezan a sumarse las finales para transformar, este momento, en algo triste, desolador para todos los que amamos a nuestro fútbol.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>267</b>	024754	Como en la Copa América 2004, por penales, en 2005 por penales, en 2016 por penales. Tres de las últimas siete definiciones perdidas por el seleccionado argentino.	<b>X</b>		<b>X</b>	
<b>268</b>	024813	[Comentarista] Esa amarga sensación de, una vez más, transformarnos en “analistas profesionales de derrotas”. El papel que menos nos gusta, para quien todavía tenga la tele prendida, porque, la verdad, probablemente, muchos no soportan esta bronca.		<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>
	024838	Fim. (Narrador chama um intervalo. Consideramos os enunciados produzidos até aqui.)				
<b>TOTALES</b>			<b>150</b>	<b>132</b>	<b>38</b>	<b>86</b>



**ANEXO B – Quadro 2 – Total de casos em português**

Nº do caso	Minutos no arquivo	Enunciado	Modulações			
			M-I	M-A/A	M-RH	M-T/H M
1	0238	Há muitos anos, há muitas versões a Copa do Mundo não apresentava quatro seleções deste nível, deste porte. Por isso, alguns dias atrás, mais de uma semana atrás, disse no Jornal Nacional: “Isso é Copa de gente grande!” Uma semifinal de Brasil e Alemanha e uma outra semifinal de Argentina e Holanda.	X	X	X	
2	0258	Concentrados os jogadores da seleção brasileira.		X		
3	0300	– E para quem gosta de coincidências: quando Pelé se machucou e saiu da Copa em 62, entrou Amarildo. Com que número de camisa entrou Amarildo? Vamos ver... – [Comentarista] Não faço ideia... – 20! Amarildo jogou com a camisa 20, que é a mesma que o Bernard entra hoje.	X	X	X	
4	0640	Bora, Brasil!				X
5	0648	Brasil e Alemanha. Duas das maiores seleções da história do futebol.	X	X	X	
6	0655	A seleção brasileira tem cinco títulos mundiais e participou de todas as Copas do Mundo.	X		X	
7	0701	Vejam aí os jogadores brasileiros pela ordem numérica.	X	X		
8	0707	Seleção brasileira participou de todas as Copas do Mundo. Tem cinco títulos mundiais. Fora as finais que não chegou ao título.	X	X	X	
9	0800	(Sobre o juiz mexicano Rodríguez) Ali o “Pequeno Drácula”, sorriso aberto e a honra de dirigir uma semifinal de Brasil e Alemanha.	X	X		X
10	1001	É o Brasil inteiro que vai se ligando na Globo.		X		
11	1008	Uma geração que espera toda uma vida por este dia.			X	
12	1027	Brasil joga no Mineirão.	X			

13	1031	Primeiro corte da seleção brasileira.	X			
14	1034	A seleção brasileira sem o seu capitão: Thiago Silva e sem o Neymar.	X			
15	1103	Lateral para a seleção brasileira.	X			
16	1142	Lá coloca pressão Brasil, logo no início.	X	X		
17	1159	Brasil vem, vem com Oscar.	X	X		
18	1222	O Brasil sempre no campo de ataque nesses dois minutos.	X	X		
19	1313	Sai jogando com David Luis, com a braçadeira de capitão da seleção brasileira.	X			
20	1334	Brasil bota pressão no jogo.	X	X		
21	1400	Brasil com a iniciativa.		X		
22	1411	[Comentarista] Eu acho que a arma principal do Brasil é essa: marcar pressão e sair em velocidade.		X		
23	1543	Brasil toca com cuidado.		X		
24	1618	[...] Belo Horizonte, capital das Minas Gerais, recebendo a semifinal. É a casa do Brasil.	X	X		
25	1733	Brasil se fecha ali atrás.		X		
26	1937	Brasil joga em casa. Hoje a casa do futebol brasileiro é Belo Horizonte.	X	X		
27	2032	Lá vem bola na área brasileira.	X			
28	2055	Deu bobeira a defesa brasileira.		X		X
29	2112	Eles (brasileiros) se preocuparam com os grandalhões no cabeceio.		X		
30	2240	(Sobre os artilheiros da Copa) [...] James Rodríguez que tem 6, e a Colômbia foi desclassificada pelo Brasil [...]	X	X	X	
31	2303	Tem muito tempo para a seleção brasileira se recuperar. Não pode começar com esse lançamento longo assim.	X	X		X
32	2354	[Comentarista] Um erro de passe do Marcelo, depois ele recuperou, saiu o escanteio, outro erro dentro da área, tomamos um gol.	X	X		X
33	2413	E o Brasil vai tocando bola ali atrás.	X	X		
34	2420	Um para Alemanha, zero para o Brasil.	X			

35	2433	Tem que recuperar o emocional o time brasileiro.		X		
36	2533	(Sobre o fato de Bernard substituir o Neymar) [...] sente um pouco o jogador brasileiro.		X		
37	2555	A torcida grita que “é brasileira, com muito orgulho, com muito amor”.	X			
38	2643	A torcida alemã se manifesta e imediatamente vem a vaia da imensa maioria do torcedores brasileiros.	X	X		
39	2808	Aperta o Brasil, pressiona. Vai perdendo por 1 a 0.	X	X		
40	2849	Aí Brasil chegando, chegando e tocando.		X		
41	2938	A torcida grita, empurra à seleção brasileira.	X	X		
42	2846	Fica preocupada ali a torcida brasileira, grita, para, preocupada.		X		
43	2951	Brasil está perdendo por 1 a 0.	X			
44	3138	A verdade, Casagrande, é que a seleção brasileira não está achando o caminho.		X		
45	3148	[Comentarista] O Brasil não encontra um espaço para tocar a bola, sempre para trás.		X		
46	3255	É, Ronaldo. Os Mundiais têm um novo artilheiro. Miroslav Klose chega a 16º gol dele.	X		X	
47	3303	O Júlio César fez uma grande defesa no primeiro lance e a defesa (brasileira) bobeando.	X	X		X
48	3356	[Comentarista] Eu acho que o meio-campo (brasileiro) está perdendo o jogo. Alemanha está dominando o meio de campo, está partindo para cima do Brasil.	X	X		X
49	3435	Perdeu inteiramente o controle do jogo o time brasileiro.		X		
50	3515	A verdade é que o meio-campo do Brasil não existe.	X	X		
51	3612	Olha... 4 para Alemanha, 0 para o Brasil.	X			X
52	3621	A torcedora chora, o Brasil inteiro chora.	X	X		
53	3628	Eu não queria dizer que não gostei da alteração, mas... O Brasil deixou todo o espaço do		X		

		meio-de-campo para o time da Alemanha jogar.				
<b>54</b>	3655	[Comentarista] No primeiro tempo não está tendo jogo. Não está tendo resistência do time do Brasil.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>55</b>	3703	Está parecendo um jogo, Ronaldo, de uma grande seleção contra um time sub-20.		<b>X</b>		
<b>56</b>	3733	[Comentarista] A seleção brasileira não está tendo nenhum tipo de sincronismo no ataque nem no meio de campo.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>57</b>	3741	Vamos ver! Partiu, Brasil!		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>58</b>	3835	[Comentarista] Galvão, não vejo uma explicação para a apatia que está a seleção brasileira.		<b>X</b>		
<b>59</b>	3922	Toma-se o caminho do maior vexame brasileiro em todos esses 84 anos de Copa do Mundo.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>60</b>	3944	Chegam (os alemães), repito, como se fosse um treino de uma grande seleção contra um time de meninos.		<b>X</b>		
<b>61</b>	4032	[Comentarista] Tem que corrigir rapidamente o erro que o Brasil está tendo de posicionamento.		<b>X</b>		
<b>62</b>	4119	Cinco para Alemanha, zero para o Brasil.	<b>X</b>			
<b>63</b>	4122	Falta que pertence à seleção brasileira.	<b>X</b>			
<b>64</b>	4226	É claro que a gente torce pelo Brasil. A gente torce muito, como todo brasileiro, mas chega um momentos que você vê que o time está completamente errado em campo.		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>65</b>	4316	E aí a torcida grita "Brasil". Encontra forças.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>66</b>	4322	Uma finalização do Brasil para fora.	<b>X</b>			
<b>67</b>	4338	E a maior derrota do Brasil numa Copa do Mundo tinha sido 3 a 0 para a França naquela final de 98.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>68</b>	4356	Em 1938, a seleção sofreu 5 gols, mas, ganhou de 6 a 5.			<b>X</b>	
<b>69</b>	4553	Impedimento da seleção brasileira.	<b>X</b>			

<b>70</b>	4558	Vive um pesadelo o torcedor brasileiro.		<b>X</b>		
<b>71</b>	4744	[Comentarista] 38 minutos de jogo e eles têm mais time que a gente. Eles jogam melhor que a gente. Taticamente eles estão mais postados em campo. Nós temos um bando de pessoas correndo dentro de campo. Nós não temos um time. Nesse jogo, né?! Nesse primeiro tempo. Um time armado, taticamente, precisando saber o que vai fazer. Nós não sabemos nada do que está acontecendo em campo.	<b>X</b>	<b>X</b>		<b>X</b>
<b>72</b>	4818	Tiro de meta para a seleção brasileira.	<b>X</b>			
<b>73</b>	4907	Agora Brasil sai para a marcação.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>74</b>	4912	Para dizer a verdade (incompreensível) nós temos aí uns 15 minutos em que o time brasileiro parecia que não estava em campo.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>75</b>	4926	Aí, em 10 minutos, deu pane. Deu um clima de perda total. Deu um apagão na seleção brasileira.		<b>X</b>		
<b>76</b>	4937	[Comentarista] Um apagão forte, que durou aí uns 5 minutos e que machucou muito à seleção brasileira. Não deu nem para sofrer, Galvão. Não deu para sofrer. Eles chegaram com muita facilidade, tocando com calma. E fizeram os gols, como se fosse um treino contra um time juvenil.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>77</b>	4956	Digo isso porque agora Brasil consegue restabelecer um certo equilíbrio.		<b>X</b>		
<b>78</b>	5049	Lá vem Brasil, vamos lá!		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>79</b>	5129	Olha o Brasil! Chegando! "Vombora"!		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>80</b>	5142	(Alemanha) Fez contra Portugal 4 a 0 e agora 5 a 0 em cima do Brasil.	<b>X</b>		<b>X</b>	
<b>81</b>	5201	[Comentarista] Galvão, tínhamos ali, agora, quatro jogadores brasileiros atrás* da linha da bola (sic, *adiante). Defendendo só com 6 jogadores.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>82</b>	5241	Olha só, a última vez que o Brasil tomou 5 gols foi num giro			<b>X</b>	

		amistoso. Perdeu de 5 a 1 da Bélgica. Era um giro amistoso. Depois de ter sido bicampeã do mundo em 62.				
<b>83</b>	5300	Foi um giro muito ruim da seleção brasileira. Praticamente só derrotas e essa goleada para Bélgica. Brasil tomou de 5. Estamos falando de 1963.			<b>X</b>	
<b>84</b>	5318	E aí o Brasil toca.	<b>X</b>			
<b>85</b>	5400	E Felipão vive um momento completamente diferente na vida dele. Nunca tinha perdido em copa do Mundo com a seleção brasileira.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>86</b>	5425	Foram 10 minutos de um apagão total da seleção brasileira. Um apagão como talvez jamais se tenha visto num jogo de alto nível em Copa do Mundo. Principalmente numa semifinal de Copa do Mundo.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>87</b>	5459	E aí surgem as primeiras vaias fortes para a seleção brasileira em toda a Copa do Mundo.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>88</b>	5506	Momento muito difícil para o futebol brasileiro.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>89</b>	5704	O Brasil inteiro deve estar chorando nesse momento.		<b>X</b>		
<b>90</b>	5719	[...] mas perder um primeiro tempo, dessa maneira, olhando o adversário fazendo um gol atrás do outro, jamais. Ninguém tinha visto.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>91</b>	010107	O povo brasileiro abraçou a Copa do Mundo como talvez ninguém esperasse. Nem no Brasil e nem no mundo.		<b>X</b>		
<b>92</b>	010117	[...] mas pela forma como as coisas aconteceram, ninguém poderia imaginar e esperar o que aconteceu.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>93</b>	010148	Aí vem o maior apagão da história do futebol mundial.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>94</b>	010218	[Comentarista] Tá difícil de analisar isso, Galvão. Tô meio baqueado, tô meio chocado com o que está acontecendo.		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>95</b>	010225	[Comentarista] O Brasil errou na escalação, tinha que fechar mais no meio. Concordo com o que		<b>X</b>	<b>X</b>	

		você falou: nós temos que jogar fechadinho. Nossa equipe não é tudo isso. Acho que nós abusamos aí da coragem.				
<b>96</b>	010234	Aí o desenho: 4 brasileiros contra 4 alemães. Aí já está errado, aí.	<b>X</b>	<b>X</b>		<b>X</b>
<b>97</b>	010258	Ali vem agora o apagão, olha aqui: toca para lá, toca pra cá. Parece treino de dois toques do sábado.		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>98</b>	010400	Seis minutos. O maior apagão da história de um campeonato do mundo, para uma seleção do nível do Brasil. Quatro gols tomados.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>99</b>	010415	[Comentarista] Seleção muito mal, jogadores sentindo muito esses gols. Mas eu acho que tudo parte da formação tática que a seleção começa o jogo.		<b>X</b>		
<b>100</b>	011034	Tivemos um apagão de 10 minutos e aí a seleção tomou os gols. Não estava previsto. Ninguém esperava.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>101</b>	011051	A saída vai pertencer à seleção brasileira neste segundo tempo.	<b>X</b>			
<b>102</b>	011055	[Repórter de campo] Seleção que volta com duas alterações, Galvão. Saíram Fernandinho e Hulk. Entraram Paulinho e Ramíres.	<b>X</b>			
<b>103</b>	011140	Cinco para Alemanha, um* (sic) para o Brasil. [*Brasil não fez gol até então]	<b>X</b>			
<b>104</b>	011145	O importante agora para a seleção brasileira... Felipão fez as alterações, reforça o meio-campo, talvez ele mesmo esteja nesse momento reconhecendo que deveria ter começado assim... E resta ao Brasil agora, tentar buscar o melhor resultado possível. Tentar, com muita dignidade, buscar os gols, e buscar o melhor resultado possível, dando uma resposta ao torcedor ou, mostrando ao torcedor que o apoiou durante todo o tempo. E sempre lembrando que é esporte.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>105</b>	011227	E aí vem o Brasil!	<b>X</b>	<b>X</b>		

<b>106</b>	011248	O Brasil tem, por tanto, o meio-campo com Luiz Gustavo, Paulinho e Ramires, e mais Oscar.	<b>X</b>			
<b>107</b>	011337	A Copa do Mundo tem sido um grande espetáculo de festa, da alegria, de civilidade por parte da torcida brasileira em todas as partes do país.		<b>X</b>		
<b>108</b>	011356	Aí toca o Brasil.	<b>X</b>			
<b>109</b>	011423	Maicon recebe por lá, jogou para a área, a chance brasileira...	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>110</b>	011541	Veja só que o Brasil tem 55% de posse de bola, contra 45% da Alemanha, muito mais depois de que tomou os gols, que Alemanha tomou essa postura de marcação e deixou o Brasil jogar.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>111</b>	011555	Isso, assim tem que jogar o Brasil.		<b>X</b>		<b>X</b>
<b>112</b>	011639	Olha o gol do Brasil! Neuer tirou...	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>113</b>	011659	Recupera o Brasil a posse de bola.	<b>X</b>			
<b>114</b>	011756	Outra vez o Brasil chegou e agora chega com facilidade o time brasileiro.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>115</b>	011820	Brasil busca jogo pela direita.	<b>X</b>			
<b>116</b>	011931	Aí vem o Brasil.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>117</b>	011940	Aperta o time brasileiro.		<b>X</b>		
<b>118</b>	012124	E o Brasil vem pro ataque. Um jogo diferente, uma nova seleção brasileira, pelo menos dá uma alegria ao torcedor.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>119</b>	012136	Perder é do jogo. Perder é do esporte. Mas o apagão foi muito estranho. Durou perto de 10 minutos e tomou 4 gols.		<b>X</b>		
<b>120</b>	012146	As alterações foram feitas, e taí o Brasil, indo pro ataque.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>121</b>	012208	O Brasil tinha dado dois... duas finalizações apenas... no Brasil (sic), no primeiro tempo. Agora já foram sete.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>122</b>	012325	[Comentarista] É isso. Eles diminuem o espaço. No primeiro tempo, o Brasil tomou três gols com bolas roubadas numa marcação a pressão no meio-campo e armaram o contra-ataque.	<b>X</b>	<b>X</b>		



123	012341	O toque mal feito, e o lateral é para o Brasil.	X	X		
124	012507	Olha o Brasil chegando...!		X		
125	012559	E vem bola na área brasileira.	X			
126	012641	E outra vez com extrema tranquilidade ali, na entrada da área brasileira.	X	X		
127	012728	Ótimo lançamento, Brasil chegou... Maicon...!		X		
128	012754	Aí vem cruzamento, vem bola pra área... Sobra brasileira.	X			
129	012814	[Sobre simulação de falta – Comentarista] – É. Na Europa, realmente, o jogador permanece em pé o tempo todo. Só, realmente, quando tem uma falta ele cai e é natural. É um costume de brasileiro, um vício de brasileiro, que a gente tem, que... – Siga... [Comentarista] – Um vício de brasileiro que a gente tem aqui e que deveríamos melhorar sobre isso.	X	X	X	
130	012923	E aí vem o Brasil pro ataque.	X			
131	012946	[Comentarista] A Alemanha diminuiu a velocidade do jogo, tá esperando mais o Brasil, não está mais marcando a pressão. E o Brasil tem 4 jogadores agora no meio-campo. 3 volantes, fechou, está mais congestionado. Tá mais equilibrada a partida.	X	X		
132	012959	Ou seja, o jogo ficou como todo mundo esperava que ele fosse, né? Um jogo equilibrado entre Brasil e Alemanha.		X	X	
133	013006	Toca a bola o time brasileiro.	X			
134	013028	Seria importante, pelo menos, uns dois gols do Brasil aí.		X		
135	013124	Aí o Brasil chega.	X	X		
136	013146	Toca a bola o time brasileiro.	X			
137	013217	O Brasil vai inteiro pro ataque.	X	X		
138	013234	E sozinho, sozinho Júlio César... saiu para salvar a seleção brasileira.	X	X		
139	013308	[Comentarista] Desacerto total. Mesmo o time tentando atacar, tentando diminuir o resultado está se iludindo que está dominando a partida. [...] Mas temos que tomar		X		

		cuidado para não tomar mais gols, também. A coisa já tá feia do jeito que está.				
<b>140</b>	013442	Brasil fica cercado, os alemães vêm tocando.		<b>X</b>		
<b>141</b>	013611	Entra William, no time brasileiro.	<b>X</b>			
<b>142</b>	013617	Seis, para Alemanha; zero para o Brasil.	<b>X</b>			
<b>143</b>	013621	O Brasil tenta pela direita.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>144</b>	013632	E o futebol brasileiro jamais tomou uma goleada dessa em Copa do Mundo.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>145</b>	013740	Restando, vamos dizer, com acréscimos aí, uns 20 minutos, 20 minutos tristes, Casagrande, na história do futebol brasileiro.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>146</b>	013746	[Comentarista] 20 minutos tristes. Brasil fez uma péssima partida. Eu não me recordo... E não vou ter a possibilidade de ver uma partida tão ruim da seleção brasileira.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>147</b>	013800	[Comentarista] A verdade é que o Brasil não fez uma boa Copa do Mundo. Não jogou bem nenhuma partida. Fez 20 minutos bons contra a Colômbia e mais nada. E o primeiro time de peso que o Brasil encarou foi a Alemanha aqui na semifinal, agora, frente a frente. Errou na escalação e teve aquele branco ali, em 10 minutos que acabou tomando 4 gols. Eles foram muito melhor que a gente durante a Copa toda, né?		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>148</b>	013843	E aí vem o Brasil.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>149</b>	013902	E Brasil tem que continuar como estava, pelo menos como estava no princípio do segundo tempo. Indo para cima, tentando alguma coisa.		<b>X</b>		
<b>150</b>	013920	[Comentarista] A seleção muito apática. Entregue dentro de campo.		<b>X</b>		
<b>151</b>	013931	[Comentarista] Eu concordo com Casagrande que a seleção não fez uma boa Copa do Mundo. Não empolgou em nenhum momento.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>152</b>	013939	Aí vem o time brasileiro.	<b>X</b>	<b>X</b>		

<b>153</b>	013953	[Repórter de campo] Galvão, e além da imensa dimensão de uma derrota como essa, cai também por terra uma longa invencibilidade da seleção no Brasil. São quase 12 anos de invencibilidade sem perder em casa. 42 jogos.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>154</b>	014017	Era a despedida do Felipão da seleção brasileira. [Sobre a última derrota do Brasil em casa]			<b>X</b>	
<b>155</b>	014037	Seis para Alemanha, zero para o Brasil.	<b>X</b>			
<b>156</b>	014104	Brasil rompe por ali com David Luiz.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>157</b>	014123	Seis para Alemanha, zero para o Brasil!	<b>X</b>			
<b>158</b>	014141	O Brasil, perdendo, vai jogar a decisão pelo terceiro lugar, no sábado dia 12, em Brasília.	<b>X</b>			
<b>159</b>	014343	[Sobre reação de David Luiz] – É difícil manter a cabeça no lugar nesse momento... – [Comentarista] Claro. Ganhar é difícil, saber perder dessa forma é mais difícil ainda. – É muito difícil, mas é preciso, é preciso. Principalmente, quando se é ídolo, principalmente quando se é importante, como é o caso dele que ganhou essa liderança na seleção brasileira. E ganhou esse carinho do torcedor brasileiro...		<b>X</b>		
<b>160</b>	014622	Aí vem o time brasileiro tocando.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>161</b>	014637	Sete Alemanha, zero Brasil.	<b>X</b>			
<b>162</b>	015652	[Comentarista] A diferença de time, entre Brasil e Alemanha nessa partida, é absurda. Na realidade não teve jogo em nenhum momento. Brasil só conseguiu jogar no começo do segundo tempo, quando a Alemanha deixou o Brasil jogar.		<b>X</b>		
<b>163</b>	014736	Talvez um excesso de valorização na contusão do Neymar, o time... Alguma explicação, né? para essa postura brasileira em campo.		<b>X</b>	<b>X</b>	

164	014745	Agora já é a maior derrota da história do futebol brasileiro: 7 a 0.	X		X	
165	014909	É importante dizer que se entenda isto como esporte. Importante dizer que se entenda isso como futebol. Em um dia atípico, em que Alemanha jogou muita bola e que a seleção brasileira parecia um time sub-20, contra um campeão do mundo. É esporte, e o esporte é assim.		X	X	
166	014951	Nessa altura, torcedor, time brasileiro, torcida do Brasil inteiro, fica torcendo para o relógio andar bem rápido e pro jogo terminar.		X		
167	015014	E aí vem o Brasil tocando.	X	X		
168	015128	[Comentarista] [...] em 20 minutos já dava para ver que a gente ia tomar um monte de gols se continuasse daquela forma. Tinha que ter mexido no time. O ânimo do jogador tinha que ser outro. A energia do time ser outro (sic). Muito teatro, muita história em cima da contusão do Neymar e pouca atitude em campo no dia do jogo!		X	X	
169	015151	40 minutos, e o Brasil não vai se despedir da Copa. É importante que se diga isso. O Brasil vai jogar sábado.	X	X	X	
170	015246	[Comentarista] Aliás, o time da Alemanha não deu chance nenhuma pra seleção brasileira em nenhum momento do jogo.		X		
171	015304	[Comentarista] É um bom time. Um bom time que vai pra final com muita confiança depois de dar uma goleada, numa seleção brasileira, no Brasil.	X	X		
172	015313	[Os alemães] Chegaram na final em 2002, perderam para o Brasil.			X	
173	015402	É preciso que o sentimento fique só de tristeza, porque é, realmente, um dia muito triste para a história tão vitoriosa e tão gloriosa do futebol brasileiro.		X	X	
174	015413	O maior campeão do futebol mundial conhece em casa a maior derrota de toda sua	X	X	X	

		história. Seleção brasileira que já passou de cem jogos, chega a 103 partidas, se não me engano, não tenho os números certos, de Copa do Mundo. Em 100 anos do primeiro jogo, tudo nesse ano de 2014. E conhece a pior de todas as suas derrotas.				
175	015446	Aí tenta o Brasil, vai ainda o ataque.	X	X		
176	015500	E não adianta querer se esconder, absolutamente nada, como já disse o Ronaldo, como já disse o Casagrande. Fez uma partida para ser esquecida, se é que alguém vai conseguir esquecer que um dia, jogando em casa, na sua Copa do Mundo, o Brasil perdeu de 7 a 0 da Alemanha numa semifinal.	X	X	X	
177	015614	[...] e o Brasil quando chegou, encontrou Neuer.	X	X		
178	015610	O gol do Brasil!	X			
179	015625	O chamado gol de honra da seleção brasileira.	X			
180	015649	E é o gol brasileiro. E é até bom que seja assim, fazendo um gol no final. Volto ao velho chavão: "O gol de honra".	X	X		X
181	015705	Sete para Alemanha, um para o Brasil.	X			
182	015716	[Sobre o jogo pelo terceiro lugar] ...O Brasil vai ter que mostrar força, o torcedor tem que apoiar, se puder ter forças.		X	X	
183	015723	Olha o Brasil chegando.	X	X		
184	015738	Se a gente pudesse dividir em duas metades, teria sido 2 a 1 no segundo tempo. Perderíamos de qualquer jeito, mas por um placar normal.	X	X		X
185	015747	Aí vem o Brasil de novo.	X	X		
186	015755	Sábado, Brasil e quem perder amanhã, Holanda e Argentina, valendo o terceiro lugar, que é sempre uma posição de honra.	X	X	X	
187	015806	Seria muito normal se tivesse perdido 3 a 2, 2 a 1, 1 a 0. O duro é o placar de 7 a 1.	X	X		X
188	015914	Felipão vai receber jogador por jogador. Casagrande, isso é	X	X	X	

		importante, porque a gente vem de uma Copa do Mundo que perdemos da Holanda e não tinha ninguém para receber os jogadores na lateral de campo.				
<b>189</b>	015951	Aí o Thiago Silva vai amparar o choro do Oscar. Como um dia Gilmar amparou o choro do Pelé, do menino de 17 anos, só que era o choro de uma grande conquista. Hoje é o choro de uma grande decepção. 1958, perdão. Assim mesmo, desta forma, as fotos mostram, amparava o choro do Pelé.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>190</b>	020104	Volto a dizer, Casagrande: nós dois estávamos juntos e sentimos muito quando os jogadores perderam da Holanda por 2 a 1, num resultado normal, e ficaram como baratas tontas no campo, e ninguém estava por lá para dar um abraço e para passar a mão na cabeça deles.			<b>X</b>	
<b>191</b>	020724	[...] Mas é um dia... É o dia mais triste, talvez, da história do futebol brasileiro. Mas essa geração aí ainda vai ver muita coisa pela frente, ainda vai ter muitas alegrias, ainda vai ver novas Copas do Mundo. É claro que ninguém queria ver isso acontecer na sua própria casa.		<b>X</b>	<b>X</b>	
<b>192</b>	020748	[Sobre próximos jogos] ...E depois, na sequência o Brasil tem que ir à luta pelo terceiro lugar como fazem todos aqueles que perdem uma semifinal.	<b>X</b>	<b>X</b>		
<b>Total</b>			<b>118</b>	<b>143</b>	<b>48</b>	<b>20</b>

**ANEXO C – Quadro 3 – Ocorrências da modulação de relato histórico – Argentina**

Nº do caso	Enunciado	Modulação	ECM (POLLAK, 1992)		
		M-RH	A	P	L/T
2	El día que queríamos, la final que esperábamos. Chile, Chile como en el primer partido. Como en la final que no pudo darse. Queremos que esa etapa quede en la historia.	X	X	X	X
3	Que se rompa todo el pasado y que este presente nos encuentre con una Argentina ganadora.	X	X		
4	[Comentarista] Y qué mejor que una revancha de lo sucedido hace 365 días. Allí del otro lado de la Cordillera. Qué mejor que el rival sea Chile.	X	X	X	X
5	Y qué mejor que empezar a entrelazar historias.	X	X		
6	Messi contra Chile, y la oportunidad, después de no haber jugado el primer encuentro, de darle a la Argentina, ese vigor ofensivo, que le permita quedarse con la copa tan ansiada.	X	X	X	
7	También la historia de los chilenos ante la Argentina, que lograron romper por penales, pero nunca le pudieron ganar en Copa América, en 26 enfrentamientos.	X	X	X	
8	20 triunfos de la Argentina, 6 empates...	X	X		
12	Con todo, muchachos, ¿eh? Sin olvidarse de nuestra idea, de nuestra identidad. A jugarlo con los dientes bien apretados.	X			
13	¿Esa copa será o no será? Sí, quedate, puede pasar.	X	X		
14	Vamos con todo, puños bien apretados, porque juega Argentina frente a Chile. Y la final que esperábamos.	X	X		
18	Ya sé, Leo. Lo querés más que ninguno. Lo buscás más que nadie.	X	X	X	
22	Él (Messi) y la selección deberán coronar ahora.	X	X		
23	Es ahora el momento. Es el tiempo de las definiciones.	X	X		X
24	Más que nunca somos... Más que nunca somos Argentina. Más que nunca, bien cerquita del equipo del Tata. ¡Vamos, Argentina!	X		X	

69	¡Vamos, Argentina! ¡Vamos que hoy puede darse! Hoy puede pasar, muchachos.	X	X		
129	Apoyemos a la selección, que hoy puede pasar. ¡Vamos, vamos Argentina!	X	X		
181	[Comentarista] Y como hace un año en Chile, nuevamente, el alargue para definir quién será el campeón de la Copa América Centenario, en este caso.	X	X		X
182	[Comentarista] Una selección argentina que deberá recurrir a aquellas cosas intangibles, al carácter, al temperamento, para poder sobrellevar un momento...	X	X		
186	[Comentarista] Y empieza a jugar la tensión. La tensión que, hoy por hoy, y en este partido, tiene más la Argentina.	X	X		
194	Claro que puede pasar. ¡Cómo no!	X	X		
211	Sí, me mirás de reojo y me acuerdo. Como la última final, sí.	X	X		
212	[Comentarista] Sí. Como la última final. Como el tiempo extra de 2014. Quiero escribir nuevas historias, Gustavo. Quiero contar otras cuestiones, otros cuentos. Quiero que la historia pase por un lugar diferente.	X	X		X
214	[Comentarista] De cómo la resuelva cada uno de ellos, quizás, la historia se termine en un cuarto de hora o tengamos que ir una vez más a los penales.	X	X		
237	Con este resultado vamos a los penales. Con este resultado, la final se define por penales, como en Chile 20-15.	X	X		X
240	[Comentarista] La historia vuelve a repetirse. Esperemos que no, finalmente, el resultado de esa historia. Volvimos a una definición por penales ante un equipo chileno. Bravo, duro, arduo en cada acción, ante un seleccionado argentino que tuvo las más clara a lo largo del partido.	X	X	X	
241	[Comentarista] ¿Cómo responderá la Argentina ante las imágenes que seguramente serán imborrables? Imágenes próximas de situaciones similares. Esperemos que logren irse de esa imagen y vuelvan a pensar que es el gran desafío, el gran objetivo que se han planteado, y esperemos que nos volvamos a amigar con aquellos duendes de Goyco y aquellas atajadas por penales en el último título argentino, en el 93.	X	X	X	X



242	[Comentarista] Si algo marcó a la Argentina, en aquellos tiempos en los que logró su último título, fueron los penales. Si algo quedó como eje medular de ese tiempo, fue el Vasco Goycochea.	X	X	X	X
244	Allí, mientras tanto en ese grupo, habló y gritó fuerte Mascherano. Recuerdo aquel "Hoy te convertís en héroe" de Masche a Chiquito y los penales.	X	X	X	
245	Unimos aquella línea imaginaria, pero por qué no, de los penales y Goyco. Y aquellas ediciones de Copa América, y queremos que "Chiquito" sea gigante, y queremos que Romero sea figura.	X	X	X	X
248	[Comentarista] Igual que con Vlaar, en la semifinal de Holanda. El primero, a la izquierda. ¡Grande, Romero!	X	X	X	
255	¿Podrá ser que la vida, una vez con la camiseta de la selección argentina, con la selección mayor le dé un premio? ¡Sufriendo! Pero que le dé un premio.	X	X	X	
261	[Comentarista] La peor de las pesadillas vuelve a repetirse, para este grupo de jugadores. Una vez más, una final, una vez más, sin perder en el campo de juego, pero sí perdiendo en la definición por penales ante los chilenos. Difícil encontrar explicación ante tanto infortunio. Pero ha vuelto a suceder. La película ha vuelto a repetirse. Y cualquier palabra puede estar ya de más.	X	X	X	
263	Chile es el campeón de la Copa América, como hace un año en su país, y ratifica aquí, también por penales, ha derrotado al seleccionado argentino.	X	X	X	X
264	¿Sabés qué pasa? Es cada vez más difícil, Román, también, ¿no? Porque el paso de las finales golpea cada vez más.	X	X		
265	-[Comentarista] El estigma es cada vez más grande. -Tal cual.	X	X		
266	[Comentarista] Siete finales consecutivas ha perdido la Argentina: Copa Confederaciones, 1995, 2005. Copa América 2015 y 2016. Mundial 2014. Empiezan a sumarse las finales para transformar, este momento, en algo triste, desolador para todos los que amamos a nuestro fútbol.	X	X		X
267	Como en la Copa América 2004, por penales, en 2005 por penales, en 2016	X	X		X

	por penales. Tres de las últimas siete definiciones perdidas por el seleccionado argentino.				
<b>268</b>	[Comentarista] Esa amarga sensación de, una vez más, transformarnos en “analistas profesionales de derrotas”. El papel que menos nos gusta, para quien todavía tenga la tele prendida, porque, la verdad, probablemente, muchos no soportan esta bronca.	<b>X</b>	<b>X</b>		

**ANEXO D – Quadro 4 – Ocorrências da modulação de relato histórico – Brasil**

Nº do caso	Enunciado	Modulação	ECM (POLLAK, 1992)		
		M-RH	A	P	L/T
1	Há muitos anos, há muitas versões a Copa do Mundo não apresentava quatro seleções deste nível, deste porte. Por isso, alguns dias atrás, mais de uma semana atrás, disse no Jornal Nacional: “Isso é Copa de gente grande!” Uma semifinal de Brasil e Alemanha e uma outra semifinal de Argentina e Holanda.	X	X	X	X
3	– E para quem gosta de coincidências: quando Pelé se machucou e saiu da Copa em 62, entrou Amarildo. Com que número de camisa entrou Amarildo? Vamos ver... – [Comentarista] Não faço ideia... – 20! Amarildo jogou com a camisa 20, que é a mesma que o Bernard entra hoje.	X	X	X	X
5	Brasil e Alemanha. Duas das maiores seleções da história do futebol.	X		X	
6	A seleção brasileira tem cinco títulos mundiais e participou de todas as Copas do Mundo.	X	X		
8	Seleção brasileira participou de todas as Copas do Mundo. Tem cinco títulos mundiais. Fora as finais que não chegou ao título.	X	X		
11	Uma geração que espera toda uma vida por este dia.	X	X		
30	[...] James Rodríguez que tem 6, e a Colômbia foi desclassificada pelo Brasil [...]	X	X	X	
46	É, Ronaldo. Os Mundiais têm um novo artilheiro. Miroslav Klose chega a 16º gol dele.	X	X	X	X
59	Toma-se o caminho do maior vexame brasileiro em todos esses 84 anos de Copa do Mundo.	X	X		X
67	E a maior derrota do Brasil numa Copa do Mundo tinha sido 3 a 0 para a França naquela final de 98.	X	X	X	X
68	Em 1938, a seleção sofreu 5 gols, mas, ganhou de 6 a 5.	X	X		X
80	(Alemanha) Fez contra Portugal 4 a 0 e agora 5 a 0 em cima do Brasil.	X	X	X	
82	Olha só, a última vez que o Brasil tomou 5 gols foi num giro amistoso. Perdeu de 5 a 1	X	X	X	X

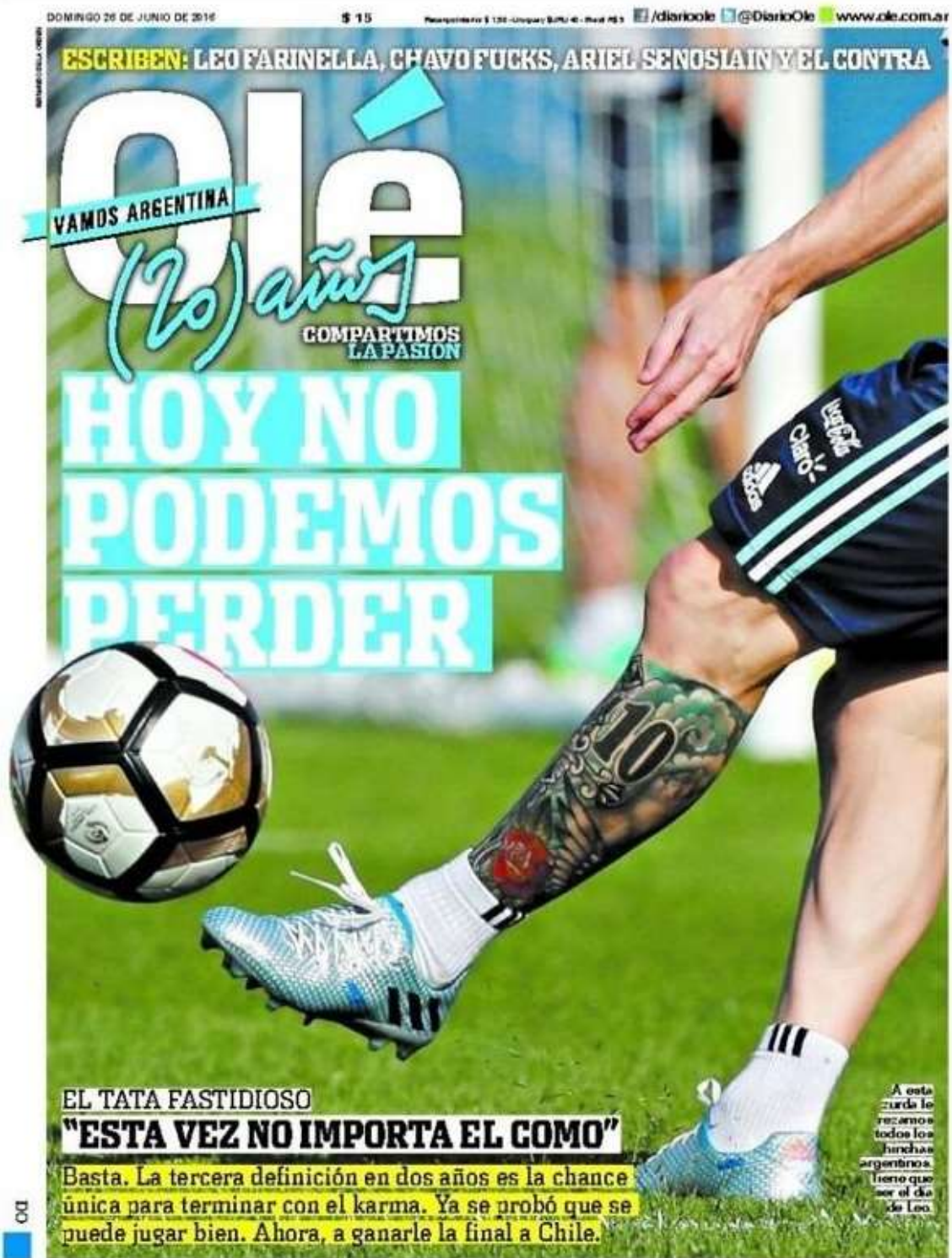
	da Bélgica. Era um giro amistoso. Depois de ter sido bicampeã do mundo em 62.				
83	Foi um giro muito ruim da seleção brasileira. Praticamente só derrotas e essa goleada para Bélgica. Brasil tomou de 5. Estamos falando de 1963.	X	X	X	X
85	E Felipão vive um momento completamente diferente na vida dele. Nunca tinha perdido em copa do Mundo com a seleção brasileira.	X	X	X	
86	Foram 10 minutos de um apagão total da seleção brasileira. Um apagão como talvez jamais se tenha visto num jogo de alto nível em Copa do Mundo. Principalmente numa semifinal de Copa do Mundo.	X	X		X
87	E aí surgem as primeiras vaias fortes para a seleção brasileira em toda a Copa do Mundo.	X	X		
88	Momento muito difícil para o futebol brasileiro.	X	X		
90	[...] mas perder um primeiro tempo, dessa maneira, olhando o adversário fazendo um gol atrás do outro, jamais. Ninguém tinha visto.	X	X	X	
92	[...] mas pela forma como as coisas aconteceram, ninguém poderia imaginar e esperar o que aconteceu.	X	X		
93	Aí vem o maior apagão da história do futebol mundial.	X	X		
95	[Comentarista] O Brasil errou na escalação, tinha que fechar mais no meio. Concordo com o que você falou: nós temos que jogar fechadinho. Nossa equipe não é tudo isso. Acho que nós abusamos aí da coragem.	X			
98	Seis minutos. O maior apagão da história de um campeonato do mundo, para uma seleção do nível do Brasil. Quatro gols tomados.	X			
100	Tivemos um apagão de 10 minutos e aí a seleção tomou os gols. Não estava previsto. Ninguém esperava.	X	X		
129	[Comentarista] – É. Na Europa, realmente, o jogador permanece em pé o tempo todo. Só, realmente, quando tem uma falta ele cai e é natural. É um costume de brasileiro, um vício de brasileiro, que a gente tem, que... – Siga... [Comentarista] – Um vício de brasileiro que a gente tem aqui e que deveríamos melhorar sobre isso.	X	X	X	X

132	Ou seja, o jogo ficou como todo mundo esperava que ele fosse, né? Um jogo equilibrado entre Brasil e Alemanha.	X	X		
144	E o futebol brasileiro jamais tomou uma goleada dessa em Copa do Mundo.	X	X		X
145	Restando, vamos dizer, com acréscimos aí, uns 20 minutos, 20 minutos tristes, Casagrande, na história do futebol brasileiro.	X	X		
146	[Comentarista] 20 minutos tristes. Brasil fez uma péssima partida. Eu não me lembro... E não vou ter a possibilidade de ver uma partida tão ruim da seleção brasileira.	X	X		
147	[Comentarista] A verdade é que o Brasil não fez uma boa Copa do Mundo. Não jogou bem nenhuma partida. Fez 20 minutos bons contra a Colômbia e mais nada. E o primeiro time de peso que o Brasil encarou foi a Alemanha aqui na semifinal, agora, frente a frente. Errou na escalação e teve aquele branco ali, em 10 minutos que acabou tomando 4 gols. Eles foram muito melhor que a gente durante a Copa toda, né?	X	X	X	
151	[Comentarista] Eu concordo com Casagrande que a seleção não fez uma boa Copa do Mundo. Não empolgou em nenhum momento.	X	X		
153	[Repórter de campo] Galvão, e além da imensa dimensão de uma derrota como essa, cai também por terra uma longa invencibilidade da seleção no Brasil. São quase 12 anos de invencibilidade sem perder em casa. 42 jogos.	X	X		
154	Era a despedida do Felipão da seleção brasileira.	X	X	X	X
163	Talvez um excesso de valorização na contusão do Neymar, o time... Alguma explicação, né? para essa postura brasileira em campo.	X	X	X	
164	Agora já é a maior derrota da história do futebol brasileiro: 7 a 0.	X	X		
165	É importante dizer que se entenda isto como esporte. Importante dizer que se entenda isso como futebol. Em um dia atípico, em que Alemanha jogou muita bola e que a seleção brasileira parecia um time sub-20, contra um campeão do mundo. É esporte, e o esporte é assim.	X	X		
168	[Comentarista] [...] em 20 minutos já dava para ver que a gente ia tomar um monte de gols se continuasse daquela forma. Tinha	X	X	X	

	que ter mexido no time. O ânimo do jogador tinha que ser outro. A energia do time ser outro (sic). Muito teatro, muita história em cima da contusão do Neymar e pouca atitude em campo no dia do jogo!				
169	40 minutos, e o Brasil não vai se despedir da Copa. É importante que se diga isso. O Brasil vai jogar sábado.	X	X		X
172	[Os alemães] Chegaram na final em 2002, perderam para o Brasil.	X	X	X	X
173	É preciso que o sentimento fique só de tristeza, porque é, realmente, um dia muito triste para a história tão vitoriosa e tão gloriosa do futebol brasileiro.	X	X		X
174	O maior campeão do futebol mundial conhece em casa a maior derrota de toda sua história. Seleção brasileira que já passou de cem jogos, chega a 103 partidas, se não me engano, não tenho os números certos, de Copa do Mundo. Em 100 anos do primeiro jogo, tudo nesse ano de 2014. E conhece a pior de todas as suas derrotas.	X	X		X
176	E não adianta querer se esconder, absolutamente nada, como já disse o Ronaldo, como já disse o Casagrande. Fez uma partida para ser esquecida, se é que alguém vai conseguir esquecer que um dia, jogando em casa, na sua Copa do Mundo, o Brasil perdeu de 7 a 0 da Alemanha numa semifinal.	X	X	X	X
182	[...] O Brasil vai ter que mostrar força, o torcedor tem que apoiar, se puder ter forças.	X	X	X	
186	Sábado, Brasil e quem perder amanhã, Holanda e Argentina, valendo o terceiro lugar, que é sempre uma posição de honra.	X	X	X	X
188	Felipão vai receber jogador por jogador. Casagrande, isso é importante, porque a gente vem de uma Copa do Mundo que perdemos da Holanda e não tinha ninguém para receber os jogadores na lateral de campo.	X	X	X	X
189	Aí o Thiago Silva vai amparar o choro do Oscar. Como um dia Gilmar amparou o choro do Pelé, do menino de 17 anos, só que era o choro de uma grande conquista. Hoje é o choro de uma grande decepção. 1958, perdão. Assim mesmo, desta forma, as fotos mostram, amparava o choro do Pelé.	X	X	X	X
190	Volto a dizer, Casagrande: nós dois estávamos juntos e sentimos muito quando	X	X	X	X

	os jogadores perderam da Holanda por 2 a 1, num resultado normal, e ficaram como baratas tontas no campo, e ninguém estava por lá para dar um abraço e para passar a mão na cabeça deles.				
<b>191</b>	[...] Mas é um dia... É o dia mais triste, talvez, da história do futebol brasileiro. Mas essa geração aí ainda vai ver muita coisa pela frente, ainda vai ter muitas alegrias, ainda vai ver novas Copas do Mundo. É claro que ninguém queria ver isso acontecer na sua própria casa.	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>	<b>X</b>

ANEXO E – Capa da Revista *Olé*, 26 de junho de 2016





# FOLHA DE S.PAULO

Desde 1921

★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

folha.zmm.br

DIRETOR DE REDAÇÃO: OTAVIO FRIAS FILHO

ANO 94 • QUARTA-FEIRA, 9 DE JULHO DE 2014 • Nº 32.142

EDIÇÃO SP/DF • CONCLUÍDA ÀS 18:29 • R\$ 3,00

## SELEÇÃO SOFRE A PIOR DERROTA DA HISTÓRIA

★ ALEMANHA FAZ 7 A 1, ESMAGA BRASIL E VAI À FINAL DA COPA ★ ANFITRIÃO, PAÍS REVIVE TRAUMA DE 1950  
★ FELIPÃO DIZ SER RESPONSÁVEL PELO VEXAME, QUE PRESSIONA O FUTEBOL NACIONAL POR REFORMAS

